



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
LINHA DE PESQUISA: ENSINO DE HISTÓRIA E SABERES HISTÓRICOS

REJANE JORGE SIDRIM

**O PASSADO PRESENTE NO ROMANCE DE AGUALUSA:
HISTÓRIA E LITERATURA NOS LIMITES DA FICÇÃO**

JOÃO PESSOA-PB
2019

PASSADO PRESENTE NO ROMANCE DE AGUALUSA: HISTÓRIA E LITERATURA NOS LIMITES DA FICÇÃO

REJANE JORGE SIDRIM

Dissertação apresentada como requerimento
parcial para a qualificação do Programa de
Pós-Graduação em História da Universidade
Federal da Paraíba.

Orientador: PROF. Dr. João Batista Gonçalves Bueno
Linha de Pesquisa: Ensino de História e Saberes Históricos.

JOÃO PESSOA-PB
2019

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S569p Sidrim, Rejane Jorge.

O passado presente no romance de Agualusa: História e literatura nos limites da ficção / Rejane Jorge Sidrim.
- João Pessoa, 2019.
f 141.

Orientação: João Batista Gonçalves Bueno.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. História, Literatura angolana, Ensino de História.
I. Bueno, João Batista Gonçalves. II. Título.

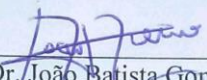
UFPB/CCHLA

**PASSADO PRESENTE NO ROMANCE DE AGUALUSA:
HISTÓRIA E LITERATURA NOS LIMITES DA FICÇÃO**

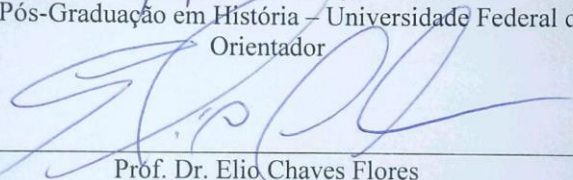
REJANE JORGE SIDRIM

Dissertação de Mestrado avaliada em 30 / 11 / 2018 com
conceito aprovada

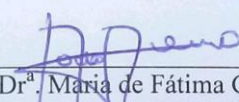
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. João Batista Gonçalves Bueno
Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal da Paraíba
Orientador



Prof. Dr. Elio Chaves Flores
Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal da Paraíba
Examinador Interno



Profª. Drª. Maria de Fátima Guimarães
Universidade Federal da Paraíba
Examinadora Externo

Profª. Drª. Serioja Rodrigues Cordeiro Mariano
Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal da Paraíba
Examinadora Interna Suplente

Profª. Dr. Raimundo Barroso Cordeiro Jr.
Universidade Federal da Paraíba
Examinador Externo Suplente

Dedico esta dissertação à minha mãe,
Edênia Jorge Santos Sidrim, por ser a
maior incentivadora do meu trabalho.

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação é, antes de tudo, fruto de minha paixão pelo trabalho de José Eduardo Agualusa, autor de um estilo literário fascinante, que mistura pitadas de realidade com doses maciças de fantasia, para mim, Agualusa representa a cultura de um continente em constantes transformações. Minha pesquisa não poderia ter se efetivado, no entanto, sem as observações, indicações, colaborações e conselhos de algumas pessoas, e sem o carinho e o suporte dos familiares.

Gostaria de agradecer ao meu marido, Lázaro Gomes do Nascimento, que sempre me incentivou, apoiou e contribuiu de forma direta e indireta para o desenvolvimento da minha dissertação, e que nos últimos meses tem se mostrando muito paciente e compreensivo.

Agradeço imensamente aos meus pais, Ramiro Pereira Sidrim e Edênia Jorge Santos Sidrim, por sempre investirem nos meus sonhos, por apoiarem todas as minhas batalhas e, principalmente, por me ampararem sempre que eu precisei/preciso.

Agradeço a Dr^a. Maria de Fatima Guimaraes que teceu, durante o exame de qualificação, críticas e observações indispensáveis para o amadurecimento desta pesquisa e pelas considerações preciosas sobre os aspectos teóricos deste trabalho.

Agradeço ao Prof. Dr. Elio Chaves Flores, que desde o seminário de dissertação vem contribuíram com suas observações, agradeço também pelas conversas sobre História da África e por toda a atenção que me concedeu durante o processo de escrita.

Agradeço, principalmente, ao meu orientador, Dr. João Batista Gonçalves Bueno, por ter me concedido dois bens que me são muito caros: liberdade e autonomia sem, com isso, se esquivar da árdua tarefa de indicar caminhos, corrigir cuidadosamente meus textos e podar os meus excessos.

Agradeço a Profa. Dra. Solange Rocha, pelo acompanhamento durante o estágio docência, pelas conversas sobre Literatura Africana e por toda a atenção que me concedeu durante o processo de escrita.

Agradeço ainda a todos os Docentes do PPGH/UFPB, que de forma direta ou indireta comburam para o desenvolvimento do meu trabalho.

RESUMO

O que a literatura pode ensinar à história? Mais do que isso, o que a literatura tem a dizer sobre o passado e, principalmente, como ela pode significá-lo de maneira a formular novos sentidos sobre o presente? Essas questões foram o ponto de partida para esse trabalho que tem como objetivo principal entender a relação entre História e Literatura construídas a parte das estratégias discursivas que compõem a narrativa do romance *Estação das Chuvas* (2012), do autor angolano José Eduardo Agualusa, como uma fonte para o conhecimento histórico. Esse trabalho propõe uma reflexão acerca da literatura produzida por Agualusa e sua contribuição para a historiografia e o ensino de história, entendendo a literatura como uma fonte de pesquisa capaz de expressar as características de um povo e de sua cultura. Buscaremos compreender as diversas colaborações que as literaturas pós-coloniais, em especial as literaturas produzidas por Agualusa, trazem para o conhecimento da história e as possíveis possibilidades de se trabalhar com essas literaturas na educação básica. No nosso país, a produção literária a cada dia marca uma maior presença nas escolas, nas bibliotecas escolares e nas atividades dirigidas, porém a utilização das literaturas, em geral, que estão sendo trabalhadas nas salas de aula ainda são utilizadas de forma eurocêntricas.

Palavras-Chaves: História, Literatura angolana, Ensino de História.

ABSTRACT

What can literature teach history? More than that, what does literature have to say about the past and, especially, how can it mean it in such a way as to formulate new meanings about the present? These questions were the starting point for this work whose main objective is to understand the relationship between History and Literature built apart from the discursive strategies that make up the narrative of the novel *Estação das Ravas* (2012), by the Angolan author José Eduardo Agualusa, as a source for historical knowledge. This work proposes a reflection on the literature produced by Agualusa and its contribution to historiography and history teaching, understanding literature as a source of research capable of expressing the characteristics of a people and its culture. We will try to understand the various collaborations that post-colonial literatures, especially the literatures produced by Agualusa, bring to the knowledge of history and the possible possibilities of working with these literatures in basic education. In our country, literary production every day marks a greater presence in schools, school libraries and directed activities, but the use of literatures, in general, that are being worked in classrooms are still used in a Eurocentric way.

Keywords: History, Angolan literature, history teaching.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
HISTÓRIA x LITERATURA: Realidades e perspectivas.....	13
Proposta de debates.....	20
I - O “HISTÓRIADOR” AGUALUSA E OS OUTROS.....	24
Literatura de margem: discurso e resistência.....	27
Como ficção e história se articulam na narrativa de Agualusa?.....	29
A literatura angolana após o neocolonialismo.....	35
Reafirmação da <i>angolanidade</i> nas produções literárias.....	37
As obras de Agualusa como fonte de pesquisa.....	41
Um passado real no discurso fictício de Agualusa.....	46
A ilusão/ficção que nos faz ver a realidade.....	53
II - A HISTÓIA DE ANGOLA NOS LIMITES DA FICÇÃO.....	54
Conhecer para compreender.....	55
“Civilizados e selvagens”: na trilha do colonialismo português.....	58
A estação chuvosa em Angola.....	61
Angola vista pelos olhos de um angolano.....	66
Estação das chuvas a partir da ótica de Agualusa.....	71
A independência de Angola.....	77
As literaturas pós-coloniais na contemporaneidade.....	84
III - ENSINO DE HISTÓRIA E LITERATURA: RELAÇÕES POSSÍVEIS.....	86
Afinal, de que se tratam as teorias e literaturas pós-coloniais?.....	89
Escritas e temporalidades: Estratégias dos estudos pós-coloniais.....	90
A lei que nos faz conhecer e refletir.....	92
Visões possíveis dos conceitos de Identidade e nação nas literaturas pós-coloniais para o ensino de História.....	94
Aproximando-se dos conceitos de colonialismo e independência na escrita literária angolana.....	97
A percepção da memória, cultura e história sobre uma ótica literária.....	102
As memórias de Luanda/Angola na escrita de Agualusa.....	104
O conceito de nação na escrita de <i>Estação das Chuvas</i>	108
Linguagem literária: a falar que ultrapassa barreiras.....	112
Considerações finais.....	117
Referência.....	120
Anexo.....	126
Anexo. A.....	126

Anexo.B.....	139
--------------	-----

INTRODUÇÃO

A nossa memória alimenta-se, em larga medida, daquilo que os outros recordam de nós. Tendemos a recordar como sendo nossas as recordações alheias – inclusive as fictícias. (Felix Ventura¹)

Não me recordo, exatamente, o momento em que passei a gostar de literatura. Acredito que sempre fui apaixonada pelo gênero. Durante minha adolescência adorava os romances clássicos da literatura brasileira, bem como também era fascinada pelo ofício do professor, apesar de saber dos diversos descasos, por parte da sociedade e do governo, frente a esta profissão. Ao final do meu ensino básico não tive dúvidas, iria prestar o vestibular para licenciatura, porém ainda me questionava em qual área gostaria de atuar, história: que era uma das disciplinas que eu mais gostava ou letras: que me permitiria, no futuro, me tornar uma professora de literatura. A minha paixão pelo ofício do historiador falou mais alto e prestei vestibular para o curso de Licenciatura plena em História o qual obtive êxito em minha aprovação.

Na graduação, tentei ampliar os meus horizontes e passei a ler literatura estrangeira. Até aquele momento, eu via a literatura apenas como um hábito prazeroso que me fazia relaxar frente a tantas leituras teóricas que o curso de história me exigia.

Tive contato com os romances de José Eduardo Agualusa pela primeira vez em 2011 durante o meu terceiro semestre da graduação, na ocasião, conversava com uma professora do curso de história que acabara de retornar do Rio de Janeiro – RJ, onde estivera cursando o Doutorado. A professora tinha vários romances do Agualusa que foram publicados no Brasil e me emprestou um dos seus livros para que eu pudesse conhecê-lo. Escolhi aquele que me causou “estranheza” ao ler o título: *O Vendedor de Passado* (2011), mesmo sem saber que aquela obra era a mais conhecida do autor no Brasil, de imediato fiquei encantada com sua escrita. Ao contar sua história, o literato escrevia e reescrevia a história de Angola em um período colonial e pós-colonial. Na ocasião, passei a pesquisar sobre o autor e a conhecê-lo melhor

¹ Personagem criado por José Eduardo Agualusa no romance *O Vendedor de Passados* (2011).

o autor e suas produções. No corrente momento Agualusa tinha residência fixa no Rio de Janeiro e viajava pelo país divulgando o seu trabalho.

Passei a ler diversos trabalhos de Agualusa como: romances, poemas, livros infantis e crônicas. Até hoje o autor publica crônicas para o Jornal *O Globo* no Brasil, para a revista literária *Ler* em Portugal para o jornal angolano *A Capital*. Durante muitos anos Agualusa também realizou, em parceria com o autor moçambicano Mia Couto, um programa de rádio transmitido pela RDP África chamado *A Hora da Cigarra* que tinha como intuito discutir e divulgar músicas, poemas e crônicas africanas.

Já na metade do curso de História, a esta altura as discussões e preocupações em relação aos objetos de pesquisa assolavam os graduandos, e me angustiavam. Nesta época, eu participava de um grupo de estudos que se voltava para cultura visual, memória e ensino, pretendia escrever um trabalho de conclusão de curso sobre o ensino de história, mas não conseguia escolher um tema que realmente despertasse o meu interesse para levar a ideia adiante.

Inicialmente, as ideias de pesquisa passaram a se concretizar a partir de discussões realizadas durante algumas reuniões do Laboratório de Imagem, História e Memória – LABIHM da Universidade Regional do Cariri – URCA, as quais me despertaram interesse sobre como a literatura aliada à história constrói estratégias narrativas sobre o passado. Este campo de pesquisa tem se desenvolvido bastante no Brasil desde os anos 1990. Hoje, porém, o mesmo pode ser considerado um dos elementos que mais se propaga em termos de pesquisas e trabalhos publicados.

A partir de diversos debates, proposto pelo grupo de estudos LABIHM, comecei a me questionar: até que momento a história é construída por meio da oralidade? Até onde a escrita compromete o conjunto de ideias e vivências proporcionadas pela narrativa? Sem desprezar a importância da memória dos narradores, acredito que uma literatura de qualidade também é capaz de expressar, verdadeiramente, as características de um povo e de sua cultura.

Mario Quintana (1960-1994) dizia que os livros literários não mudam o mundo, mas podem ter o poder de mudar as pessoas. E talvez essas pessoas possam mudar o mundo. Durante muito tempo, eu me afeiçoei a essa ideia.

Por experiência própria, sabia que uma pessoa não terminava de ler uma obra literária com a mesma bagagem emocional e cultural que tinha quando a começou. Uma boa história permite ao leitor vivenciar outras vidas em realidades semelhantes ou diferentes das suas, permite que ele entre em contato com personagens onde os sentimentos possam ser identificados ou não. A literatura permite que o seu leitor possa construir um universo próprio de sentidos e sensações, e a partir daí sua visão de mundo pode, pouco a pouco, ser ampliada e modificada. Isso não significa que o leitor literário tenha se tornado melhor ou pior.

Acredito que, para a obra literária cumprir o seu papel, é importante que ela traga desafio ao seu leitor, que o faça pensar e que possa estabelecer uma relação afetiva, seja pelo tema abordado na obra, seja por algum personagem, ou ainda por uma identificação que abre a possibilidade de criação de outras identificações a serem construídas na singularidade de cada leitor. E era justamente isso que os romances de Agualusa me proporcionavam.

A cada nova leitura, das obras de Agualusa, despertava em mim, um maior interesse em trabalhar os seus romances na minha monografia para a conclusão do curso. Pensei em diversas possibilidades de pesquisa sobre as obras do escritor angolano, porém na URCA não havia professores que desenvolvessem esse tipo de pesquisa ou tivessem algum interesse em contribuir com o meu trabalho.

Fiquei bastante frustrada, mas tinha que fazer algum trabalho para a conclusão do curso de História. Então desenvolvi um trabalho sobre o romance *O Quinze* (2004), de Raquel de Queiroz, uma autora cearense que abordava em sua obra a seca do Ceará em 1915. Já conhecia alguns trabalhos de Raquel de Queiroz, no decorrer das disciplinas de Literatura no ensino médio, era bastante comum os professores utilizarem as suas obras em sala de aula, talvez por isso não tive tantas dificuldades para fazer o meu trabalho de conclusão do curso. Desenvolvi minha escrita com um olhar mais regionalista, abordando as consequências que esta seca trouxe para o estado do Ceará.

Com o fim da Graduação me veio o desejo de investir na pesquisa literária na qual me permito dizer que nunca me afastei por completo, apesar dos empecilhos acadêmicos. Voltei a acompanhar os trabalhos de Agualusa, na ocasião o autor não residia mais no Brasil.

O que mais me chamava atenção, na literatura de Agualusa, era o conflito entre passado e presente, que para mim, estava fortemente presente em todos os seus romances. Além disso, eu sentia certa identificação com os personagens principais, criados pelo literato, que de forma direta ou indireta, eram ligados ao ofício do historiador e isso aumentou meu desejo de estreitar laços com o autor numa pesquisa de fôlego, que resolvi realizar na pós-graduação.

Para isso, no entanto, me faltavam conhecimento na área, até aquele momento eu não possuía muitas leituras acerca das relações entre História e Literatura, não conhecia ninguém que pudesse me orientar e não sabia em que linha de pesquisa e programa de pós-graduação poderia encaixar meu trabalho.

Inicialmente, não cogitei a ideia de investigar elementos sociais na obra de Agualusa, mas queria dar atenção aos aspectos “transcendentes” de uma Angola que não era composta apenas pela dominação, pela miséria e pela desigualdade, mas também pela cultura, pela poesia, pela memória e por questionamentos sociais. Inicialmente pensava em analisar apenas os “personagens historiadores”, criados pelo literato, porém, com o passar do tempo, vi a necessidade de aprofundar para desenvolver esta dissertação. Dessa maneira pretendia estudar as concepções de identidades dos angolanos a partir das obras produzidas por Agualusa que me fizeram questionar sobre quais seriam as perspectivas de um povo que recentemente conquistara a sua “liberdade”. Queria responder essa indagação a partir dos romances criados pelo autor, já que em suas obras Agualusa constrói cenários que tem como pano de fundo os acontecimentos sociais e políticos que mobilizaram a história de Angola em sua fase colonial e pós-colonial.

Desenvolvi meu projeto de pesquisa no intuito de identificar os personagens historiadores criados por Agualusa em seus romances e fui aprovada na seleção de mestrado da UFPB. Durante o curso, a partir das leituras realizadas no decorrer das disciplinas e das conversas com professores e colegas, percebi que a proposta possuía diversas inconsistências teóricas. Primeiramente, notei que os personagens de Agualusa viveram num tempo e num espaço diferente, embora ainda houvesse semelhanças entre ambos. Em seguida, percebi a necessidade de estudar as suas obras como um todo, e não apenas os seus personagens principais, pois era necessário levar em conta que a maior parte dos personagens não existia efetivamente, eram criações do autor, um

homem instruído que havia seguido carreira como literato e que, apesar de ter nascido em Angola e ter usado o seu País como cenário para seus romances, Agualusa interpretava o pensamento de seus habitantes de uma maneira muito específica, provavelmente carregava uma visão diferente daquela que os próprios angolanos teriam de si mesmos.

Foi a partir das discussões realizadas em sala de aula, durante o meu primeiro ano de mestrado, que pude perceber a necessidade de analisar os seus romances como uma fonte para o conhecimento histórico, no qual pretendia refletir sobre a relação entre história e literatura, tentando observar os elementos contidos na obra literária e como a mesma faz uso da temporalidade, do acontecimento, da memória e do esquecimento, com o intuito de promover a construção de uma memória a partir do diálogo com elementos próprios do saber historiográfico.

HISTÓRIA x LITERATURA: Realidades e perspectivas

Esse trabalho propõe uma reflexão acerca da literatura produzida por Agualusa e sua contribuição para a historiografia e o ensino de história, entendendo a literatura como uma fonte de pesquisa capaz de expressar as características de um povo e de sua cultura. Através desse debate, propomos pensar os processos de construção de identidade e memória criadas pelo literato José Eduardo Agualusa, escritor contemporâneo, que vem se destacando por escrever histórias em que a problemática do colonialismo e pos-colonialíssimo se tornaram temas centrais.

Dessa forma buscamos compreender a história, a cultura, a memória e as diversas formas de representação de poder presentes na obra do autor angolano. Partindo do pressuposto de que a história como conhecimento é sempre uma representação do passado, e que toda fonte documental também é. Nesta dissertação refletiremos sobre as relações estabelecidas entre a história e a literatura, bem como as possibilidades do emprego das fontes literárias na pesquisa histórica e as possíveis contribuições que as literaturas africanas possam oferecer para o ensino de história.

Vale ressaltar que a relação entre História e Literatura existe desde a Antiguidade, quando os mitos e as narrativas históricas pouco se diferenciavam. No entanto, com o tempo, essa relação foi relegada a segundo plano, especialmente no século XIX (quando a História se institucionalizou como Ciência), e só voltou a se tornar mais forte a partir da chamada “virada linguística” (*linguistic turn*) no final do século XX. A expressão que dá nome a essa nova perspectiva historiográfica foi criada segundo Luiz Costa Lima para:

Nomear a reviravolta no estudo das humanidades, que deixaram de ter como guia a referência na realidade para privilegiar a maneira como ela é verbalmente trabalhada. (LIMA, 2006, p. 27)

A literatura, até então, era tratada predominantemente (principalmente a partir do advento da Escola dos Annales) como fonte. Com o surgimento da virada linguística o conteúdo narrativo da forma como se escreve a História passou a ser problematizado.

Durval Muniz de Albuquerque Jr., em *Histeria: a arte de inventar o passado*, afirma que:

O recurso à Literatura, não é como fonte histórica não sentido de manancial de informações a serem extraídas pelo pesquisador meticoloso, mas como lugar de boas perguntas acerca de problemas, como lugar de fecundação do pensamento, é um dos melhores exemplos de como pode o historiador pensar com a Literatura e não contra ela. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2017, p 17)

A construção da memória e principalmente a concepção da interação desta com o tempo presente, compõe uma relação existente no espaço e no tempo ou, segundo Koselleck (2006), entre espaços de experiências e horizontes de expectativas que influenciam na produção de sentido e conhecimento.

No presente trabalho, tentarei mostrar o poder que a literatura tem de mobilizar razão e emoção, propor indagação e servir como ferramenta para o autoconhecimento. Dessa forma, a literatura é capaz de nos fazer viver outras realidades e nos sensibilizar

para as diferenças. A partir dessas vivências, ainda que subjetivas, talvez sejamos capazes de criar novos valores e paradigmas.

Para desenvolver essa dissertação, utilizei, como principal objeto de pesquisa, a obra *Estação das Chuvas* (2012), do autor angolano José Eduardo Agualusa, lançada originalmente em Portugal em 1996 pela Editora Dom Quixote.

O romance *Estação das Chuvas* (2012) põe em evidência praticamente 100 anos de história angolana, mas especificamente ao abordar um recorte temporal de 1880 à 1992, tempo em que se passa a narrativa de do romancista angolano, destacando ao longo do enredo os principais momentos e integrantes dos movimentos que lutavam pela libertação de Angola do domínio português, destacando ainda as organizações política, social e econômica do país. Nesse romance Agualusa traz como personagem principal Lídio do Carmo Ferreira, poetisa, historiadora e cofundadora do Movimento Popular de Libertação de Angola – MPLA.

As diversas literaturas africanas de língua portuguesa se apresentam, na atualidade, como objeto de estudo de uma grande diversidade de pesquisadores que se dedicam aos estudos dessas produções as quais dialogam com o universo histórico no qual eles estão inseridos, e o trabalho produzido por Agualusa não é exceção a esta regra.

Se fosse preciso falar sobre o que Agualusa escreve, a resposta seria breve e clara, sobre Angola. Em suas obras o autor agrega a leveza da narrativa literária às trilhas dos eventos históricos no período de libertação do seu País. Suas obras se caracterizam por trazerem personagens marcantes e ambíguos, através desses personagens percebemos a necessidade do autor retomar o passado como uma forma de reavaliar certos fatos, a fim de reconstruir as identidades culturais e nacionais de países que foram colonizados por Portugal, como por exemplo: Brasil e Angola.

Dessa forma, percebemos com clareza que a oralidade, identidade, colonização, pós-colonização, memória e outros temas, tornaram-se recorrentes nos mais variados gêneros da literatura, desenvolvidas nesse cenário, bem como das mais diversas análises críticas que se voltam para o contexto vivificado pelas letras daquelas criações literárias.

Para Sandra Pesavento (2006), a história e a literatura formam um paradigma, um verdadeiro exemplo que serve como um modelo padrão, pois a literatura aliada à história pode questionar as “verdades” e os modelos explicativos do real. De acordo com Sandra Pesavento (2006), a literatura é muito mais que um prazeroso passatempo:

Entendemos que, atualmente, estas posturas foram ultrapassadas, não porque não tenham valor em si – no caso da contextualização histórica da narrativa literária, ou porque sejam considerados errados- caso de focar a literatura somente como passatempo. Tais posturas se tornam ultrapassadas pelas novas questões que se colocam aos intelectuais neste linear do novo século e milênio. (PESAVENTO, 2006, p. 02)

Diante disso, pode-se acrescentar o fato de que, na atualidade, é indiscutível a quantidade de informação disponível o que nos coloca diante do risco de nos afogarmos, justamente pela incapacidade crescente que em não conseguir selecionar o que é relevante para ser guardado.

Se, como afirmou Koselleck (2002), antes o presente carregava um forte potencial de futuridade amparado por uma tradição filosófica e religiosa de caráter teleológico. No século XXI assistimos a um presente carregado pela intenção de preservação obsessiva do passado. Visto que segundo Walter Benjamin (1994) “A narrativa está morta”, ou melhor, o passado esta morto, os fatos e os acontecimentos já passaram, nós não conseguimos recuperar o passado tal qual ele era, não é possível reviver, entretanto conseguimos reconstruir esse passado lhe atribuindo significados a partir das nossas inquietações do presente. Acredito que seja interessante pensar o ensino de história nessa perspectiva, não de reviver, mas propor ao aluno as reconstituições significantes.

Ademais, considerando que José Eduardo Agualusa tivesse a intenção de repassar algo além das “histórias dos vencidos” (BENJAMIN,1987) através do seu ato de narrar o desenrolar de varias experiências que ouviu, e pode conhecer e ensinar através da troca de experiências.

Acredito que, de certa forma, ler o romance *Estação das Chuvas* (2012) requer bastante paciência, para que possamos nos permitir uma reinterpretação de alguns

acontecimentos bastante significativos para a sociedade angolana. Ao nos apresentar a sua interpretação sobre o processo histórico de Angola, o autor “escovando a história a contrapelo” (BENJAMIN, 1994, p.74) nos mostra outras visões sobre o processo político e social do seu país, valorizando as citações de periódicos, depoimentos, entrevistas e, principalmente, a tradição e os valores locais, deixando de lado, até certo ponto, a historiografia oficial de Angola. De certo modo, o autor angolano tenta reavaliar a história de Angola, a partir das experiências vivenciadas pelo povo Angolano.

Segundo E.P. Thompson (1981), a experiência é tributária de uma herança histórica, ela não ocorre em um vazio e muito menos pode estar desconectada da história ou das trajetórias individuais de cada sujeito social. Para Thompson, a experiência e a memória deixam, quase sempre, a sua marca, não apenas nos traços sociais e culturais, mas também na subjetividade e no corpo dos sujeitos nelas envolvidos.

No ensaio *A Miséria da Teoria* (1981), Thompson afirma que a noção de experiência é fundamental para o historiador:

[...] experiência – uma categoria que, por mais imperfeita que seja, é indispensável ao historiador, já que compreende a resposta mental e emocional, seja de um indivíduo ou de um grupo social, a muitos acontecimentos inter-relacionados ou a muitas repetições do mesmo tipo de acontecimentos.” (THOMPSON, 1981, p. 15)

Para Thompson (1981), a noção de experiência é um termo de correspondência, na medida em que faz a ponte entre o rigor teórico (prática teórica) e o material empírico, pois o objeto com o qual se revela sobre tal noção é fazer homens e mulheres atuarem como sujeitos em situações determinadas.

Os homens e mulheres também retornam como sujeitos dentro deste termo [experiência] – não como sujeitos autônomos, ‘indivíduos livres’, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida ‘tratam’ essa experiência a sua cultura

[...] das mais complexas maneiras [...] e em seguida (muitas vezes, mas nem sempre, através das estruturas de classe resultantes) agem, por sua vez, sobre sua situação determinada. (THOMPSON, 1981, p.182)

Tenho consciência de que, a finalidades dessa discussão seja compreender as estruturas sociais e políticas do povo angolano como resultado das experiências dos sujeitos, e pensar as situações determinadas como produtos das experiências vividas e, posteriormente, tratadas na consciência e na cultura social.

Encontramos nas obras de Agulusa a necessidade da reflexão consciente da busca pela própria história do país que foi soterrado pela violência das guerras, disputas étnicas e falência econômica e busca no passado fatos que possam servir de reinterpretação do tempo presente onde a sociedade tenta recriar sua história, não como um sinal de nostalgia, mas como um sentimento coletivo que procura exorcizar os temores da colonização e do pós – independência, porém o ambiente do pós-colonialismo, em Angola, implicou em uma revisão significativa dos valores da tradição em relação à perspectiva de uma memória violenta do passado recente.

Coube, portanto, dar sentido aos registros do passado, interrogando a sociedade para os novos valores a serem priorizados. Os romances de Agulusa são compostos por formas tradicionais e modernas e é nessa relação temporal, entre o passado e o presente, que os dois se unem e agem interligados, pois nesses romances o passado constrói o presente e o presente modifica o passado.

Problematizar os sentidos formulados por Agulusa aos dilemas de seu tempo, através de suas representações literárias e do seu engajamento enquanto escritor/intelectual fornece outros pontos de vista sobre os acontecimentos históricos figurados em suas obras, nos “dando a ler” diversos indícios sobre seu momento histórico, nos colocando em contato, pela literatura, com um rico complexo de sensibilidades.

Rousso (1998) ressalta ser provável ter ocorrido uma dificuldade crescente de se assumir as tragédias do século XX, fazendo com que ocorresse atraso no enfrentamento das memórias traumáticas dos conflitos pós-guerra. A profusão de discursos sobre o passado ressaltou a tendência à confusão entre história e memória, principalmente,

quando esta última passou a se manifestar como elemento central dos debates públicos da atualidade. Em termos de reflexão acadêmica, essa configuração trouxe também grandes desafios, especialmente, aos historiadores instados a pensar sobre o tempo presente.

Segundo Pratt (1999), mesmo que não exista uma oposição radical entre a tradição e a modernidade, a memória é encontrada tanto nos traços da continuidade do presente, como também do tempo passado, e essa continuidade está presente principalmente na capacidade que um povo tem de atualizar a memória coletiva, onde a mesma pode sofrer grandes transformações devido a um rápido desenvolvimento da globalização.

A Memória, no sentido primário da expressão, é a presença do passado, é uma construção psíquica e intelectual que acarreta, de fato, uma representação seletiva do passado que nunca é somente aquela do indivíduo isoladamente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social e nacional. Na perspectiva de Maurice Halbwachs (1877-1945), toda memória é “coletiva”. Ou ainda, conforme Henry Rousso;

Seu atributo mais imediato é garantir a continuidade do tempo e permitir resistir à alteridade, ao “tempo que muda”, as rupturas que são o destino de toda vida humana; em suma, ela constitui – eis uma banalidade – um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros. (ROUSSO, 1998, pp.94-95).

Nesta compreensão, minha análise procura demonstrar que a produção literária de Agualusa se configura em um espaço capital de representações, no qual transitam questões relacionadas ao seu contexto histórico, cultural e intelectual, com elementos de uma epistem marcada pela interlocução entre Literatura e História.

Busco entender, pela análise das obras literárias de Agualusa, como os acontecimentos históricos da época marcaram seu cotidiano, direta ou indiretamente, configurando-se no espaço de experiência vigente a partir do qual se “projetavam” “horizontes de expectativas” em relação aos acontecimentos futuros.

Proposta de debates

O objetivo deste trabalho foi desenvolver uma breve investigação que não abarcará apenas um evento, um acontecimento ou um fenômeno histórico propriamente dito, visto que a preocupação dessa pesquisa é de cunho essencialmente bibliográfico, com a ampliação do método crítico-analítico. A partir na análise bibliográfica discutiremos sobre a literatura pós-colonial, a literatura angolana, a tentativa de “reescrever” a história através da literatura, a construção da identidade através do gênero romance, as barreiras linguísticas e a criouliização. O uso da história de Angola será necessária em face da temática abordada. Além dessas fontes, faz-se necessária a utilização de artigos científicos, teses, dissertações, monografias, entrevista com o autor José Eduardo Agualusa, crítica literária e outras fontes pertinentes.

Pretendo pensar sobre a complexidade das relações entre história e literatura, utilizando o romance *Estação das Chuvas* (2012), de José Eduardo Agualusa, como o principal meio para desenvolver essa reflexão. Assim, acredito ser possível encontrar no romance do autor angolano, não apenas “um manancial de informações” sobre a história de Angola, mas um lugar de onde podem partir boas perguntas a respeito da importância que a memória e o passado assumem, não apenas para o ofício de um historiador, afinal foi na obra de um literato que, mesmo sem dominar as técnicas da História, não deixou de pôr em debate as particularidades da nossa ciência.

O primeiro capítulo será composto pela apresentação do autor e pela contextualização de suas obras. Tentarei ainda indicar a importância de sua literatura nos cenários nacional e internacional, o papel que a história desempenha em seus escritos, a ligação do escritor angolano com a história e a política do seu país e os princípios estéticos e filosóficos que norteavam a criação de seu universo ficcional. Levarei em conta também as pesquisas de outros estudiosos sobre as obras de Agualusa e apresenta rapidamente os estudos sobre a literatura do angolano que contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa. Busco tecer também uma breve discussão sobre o início das produções literárias em Angola para que seja possível iniciar a investigação em torno de uma cultura histórica própria do escritor.

Outro ponto analisado neste capítulo inicial é a construção e modificações da literatura angolana. Essas questões de caráter geral e que diz respeito a formação da ficção angolana, fazem com que cada vez mais os textos se preocupem em se reafirmar como um ato de radicalização plurilinguística que não é apenas própria de Angola, mas dos países africanos em geral. O enfrentamento de culturas e das duas línguas - a do colonizador e do colonizado - se dá na territorialidade de seus textos literários, muitos países africanos tem mais do que suas línguas e cultas como é o caso de Angola que tem o registro de diversos idiomas.

No segundo capítulo será realizada a análise da obra *Estação das Chuvas* (2012). Tenho como objetivo compreender este romance como uma fonte para o conhecimento histórico, tornando-se assim uma possível fonte que venha a auxiliar no ensino de história. Agualusa constrói cenários que tem como pano de fundo os acontecimentos sociais e políticos que mobilizaram a história de Angola em sua fase pós-colonial (Guerra Civil). Tais questões construíram um ambiente tenso que ressaltaram um processo de crise política e, conseqüentemente, onde ocorreu a substituição de ideologias oficiais em contraposição à busca de um modelo cultural de “angolanidade” provocada pela ruptura com Portugal, pretendendo entender do ponto de vista teórico como esses elementos literários compõem essa obra, na tentativa de construir uma nova visão sobre os acontecimentos históricos de Angola. O período de lutas e revoluções é o cenário principal desse romance. O enredo é composto pela história de Angola, voltada para os conflitos políticos da jovem nação entre intelectuais e militares.

Foi na segunda metade do século XX que se iniciou um processo em que os angolanos expressaram os seus desejos de liberdade; nesse momento surgem organizações políticas que passaram a reivindicar a independência de Angola, entretanto Portugal não cedeu, provocando assim, diversos conflitos trazendo grandes conseqüências como a “Luta armada”.

Nesse sentido é pertinente ressaltar o importante quadro de etnias que compõem a população angolana e relatar o colonialismo português praticado no país. Tais pontos são essenciais para a compreensão do processo de luta pela libertação de Angola, possibilitando entender também os elementos que caracterizam o legado de “independência econômica” deixado por Portugal para as colônias africanas.

Agualusa, a partir do romance *Estação das Chuvas* (2012), tenta dar força à sua tese de que o passado de Angola é uma construção imaginária a serviço de um governo que se instaurou após a independência e detém o poder até hoje. A escola por esse romance, como principal objeto de pesquisa, se deu por dois critérios essenciais: pelo apreço à obra e ao autor e por reconhecer que trazem a possibilidade de propor discursões plurais, por vezes polêmicas, acerca dos temas propostos por esta dissertação.

No terceiro capítulo será debatido as diversas colaborações que as literaturas pós-coloniais, em especial as literaturas produzidas por Agualusa, trazem para o conhecimento da história e as possíveis possibilidades de se trabalhar com essas literaturas na educação básica. No nosso país, a produção literária a cada dia marca uma maior presença nas escolas, nas bibliotecas escolares e nas atividades dirigidas, porem a utilização das literaturas, em geral, que estão sendo trabalhadas nas salas de aula ainda são utilizada de forma eurocêntricas.

Nos últimos anos, têm sido realizadas mais iniciativas em prol da *afroeducação* do que na totalidade do passado recente. No entanto, mesmo constituindo motivo de empolgação, os programas alcançados não negam que muito há de ser feito e realizado neste campo. Apesar da existência de uma lei que, hoje, frisa a obrigatoriedade de um conteúdo pedagógico programático focado no continente africano, que é a Lei nº 10.639². O conhecimento do continente africano ainda merece muito aprofundamento e aguarda efetivação concreta.

A literatura é uma expressão de arte que foi apropriada pelo sistema educacional, diferentemente do teatro, da música, das artes plásticas, a literatura costuma fazer parte dos conteúdos pedagógicos, em algumas situações, como uma disciplina obrigatória de grade curricular. Pelas leis que regem a educação básica brasileira, a leitura literária tornou-se obrigatória nas escolas desde o final da década de 1960. Acredito que a literatura africana possa contribuir de forma significativa para o conhecimento histórico e para nos fazer entender novas formas de compreender e ensinar a história da África.

² Lei publicada no *Diário Oficial da União*, nº8, de 10 de janeiro de 2003 (sexta-feira), Seção 1, p.1. Ver reprodução integral dessa lei na Seção de Documentos desta publicação.

É preciso sempre procurar novas formas de compreender a história, e, para tanto, precisamos nos valer de novos conceitos os quais venham a estimular nosso olhar sobre a história propriamente dita, como por exemplo: o imaginário que nós representamos como uma espécie de obstáculo, o não-visto e não-experimentado. Quando utilizamos o nosso imaginário, ele funciona como uma espécie de produto de novas ideias e consequentemente nos fornece imagens, assim, podemos concluir que a nossa memória não é formada apenas do que vivemos, mas também do que lemos.

A literária africana, em especial os romances escritos por Agualusa, pode funcionar como uma ferramenta de transformação do sujeito, bem como contribuir para a elaboração de valores éticos, de modo a possibilitar a construção de novos paradigmas. Ao longo deste último capítulo será discutido também o desenvolvimento dos estudos pós-coloniais e o conceito de crioulo e negritude que é defendido pelo romancista angolano em todas as suas obras.

I - O “HISTÓRIADOR” AGUALUSA E OS OUTROS

“Também eu crio enredos, invento personagens, mas em vez de os deixar dentro de um livro, atiro-os a realidade” (José Eduardo Agualusa).

Surgindo no meio literário no final da década de 1990 como um dos nomes de ponta da nova literatura africana em língua portuguesa e um dos autores mais importantes em Angola na última década, José Eduardo Agualusa Alves da Cunha nasceu no dia 13 de dezembro de 1960 na província de Huambo, cidade que teve a designação oficial de Nova Lisboa, no período colonial, entre os anos de 1928 e 1975. Huambo é um município que tem 2.609 Km² e cerca de 1.204.000 habitantes. É a segunda cidade mais alta de Angola.

O autor angolano vem de uma família de marinheiros e por isso a sua família aderiu ao sobrenome de *Agualusa*. Segundo o autor o nome *Agualusa* é um termo da marinheirai, que até hoje é bastante utilizado em alguns lugares de Portugal. Este é o nome que se dá ao mar quando suas águas estão calmas e iluminadas pela noite. O questionamento sobre a origem do seu sobrenome já foi feito tantas vezes que o autor colocou essa explicação em seu livro *Barroco Tropical*, lançado no Brasil em 2009.

No dia 25 de julho de 2017, tive o privilégio de me encontrar com Agualusa em Parati – RJ, na ocasião, pude falar um pouco sobre a minha pesquisa de mestrado e solicitar uma entrevista com Agualusa, para que assim pudéssemos conversar sobre os seus trabalhos e esclarecer algumas dúvidas, que adquiri ao longo dos anos, sobre a sua escrita e também sobre suas memórias. O autor angolano prontamente disponibilizou para esclarecer minhas dúvidas/curiosidade, nos encontramos no dia seguinte, 26 de julho, na Pousada Porto Imperial em Paraty – RJ. Um dos meus principais questionamentos era sobre a sua paixão pela literatura, já que não há registro de nenhum outro membro de sua família que tenha enveredado na carreira literária. Quando questionado sobre a sua escolha e se alguém da sua família influenciou-o na escolha dessa profissão, o autor me respondeu o seguinte:

Não, não, não. De maneira nenhuma. Nem a favor nem contra. Quer dizer, acho que meus pais sempre aceitaram as nossas decisões e nossas escolhas, mas a minha mãe era professora de português, então, naturalmente, sempre tive em casa uma boa biblioteca e minha mãe me deu indicações de leitura, mas não mais do que isso (AGUALUSA, 26 de julho de 2017).

Agualusa e sua família se mudaram para Portugal em 1975, quando se iniciou a Guerra Civil de Angola. Alguns anos depois ele ingressa no curso de Agronomia e Silvicultura no Instituto Superior de Agronomia em Lisboa. O autor não chegou a concluir o curso, mas foi na Universidade que ele desenvolveu o gosto pela produção literária.

O literato iniciou a sua carreira aos dezenove anos. Durante sua formação acadêmica, Agualusa conheceu vários estudantes africanos de países de língua portuguesa, e juntos fundaram uma revista literária chamada de “Caminho Longe”, este título foi inspirado em uma canção muito conhecida em Cabo Verde. Esta revista era composta por poucos estudantes, mas para dar mais credibilidade as suas produções, Agualusa e seus amigos passaram a publicar os seus trabalhos com nomes diferentes, dando a impressão que a revista tinha diversos autores. Por este motivo Agualusa passou a escrever em vários estilos com, conto, poesia e ensaios. A partir destes trabalhos o autor começou a escrever o seu primeiro romance histórico, “*A Conjura*”, em 1989.

Ao longo dos anos, o autor angolano vem conquistando o seu espaço no mundo literário. Agualusa é dono de um estilo marcante, pois em suas obras o mesmo une ficção à realidade em um enredo encantador, aumentando assim a atenção e a curiosidade do leitor em relação aos seus trabalhos.

Atualmente, o angolano é autor dos romances; *A Conjura* (1989), *Estação das Chuvas* (1996), *Nação Crioula* (1997), *Um Estranho em Goa* (2000), *O Ano que Zumbi Tomou o Rio* (2001), *O Vendedor de Passados* (2004), *As Mulheres do Meu Pai* (2007), *Barroco tropical* (2009), *Milagrário Pessoal* (2010), *Teoria Geral do Esquecimento* (2012), *A Educação Sentimental dos Pássaros* (2012), *A Vida no Céu* (2013), *A Rainha Ginga* (2014), *A Sociedade dos Sonhadores Involuntários* (2017). Entre os seus trabalhos ainda se descartam a produção de livros de contos; *D. Nicolau Água-Rosada e*

outras histórias verdadeiras e inverossímeis (1990), *Fronteiras Perdidas*, contos para viajar (1999), *O Homem que Parecia um Domingo* (2002), *Catalogo de Sombras* (2003), *Manual Prático de Levitação* (2005), *Passageiros em Trânsito* (2006) e *O Livro dos Camaleões* (2015). Em 1991 publicou o seu primeiro, e único, livro de poesia, *O Coração dos Bosques*.

Apesar de ser conhecido como romancista e poeta Agualusa publicou trabalhos bastante distintos ao longo da sua carreira como dois livros para criança, *Estranhos e Bizarros* (2000) e *Nweti e o Mar: Exercícios para sonhar sereias* (2011). O autor ainda escreveu três novelas (exibidas em Portugal), um guia de viagem, *Na Rota das Especiarias* (2008), um livro reportagem, *Lisboa África* (1993), para concluir este trabalho Agualusa teve a colaboração o jornalista Fernando Semedo e da fotografa Eliza Rocha.

O autor angolano também se aventurou no mundo teatral e escreveu três peças, a primeira foi *Geração W*, que foi montada em Portugal em 2004, a segunda foi *Chovem Amores na Rua do Matador*, escrita juntamente com o autor moçambicano Mia Couto, e apresentado em Portugal em 2007. O seu último trabalho no teatro foi, *Aquela Mulher*, esta peça foi estrelada pela atriz brasileira Marília Gabriela e teve a direção de Antônio Fagundes, com apresentações em São Paulo em 2008 e no Rio de Janeiro em 2009.

Agualusa já publicou suas obras em mais de vinte Países, ao longo de sua carreira e ganhou diversos prêmios em reconhecimento aos seus trabalhos.

Durante sua carreira, Agualusa se beneficiou de três bolsas de criação literária. A primeira, foi concedida pelo Centro Nacional de Cultura em 1997 para escrever o romance *Nação Crioula*. A segunda, em 2000, concedida pela Fundação Oriente, que lhe permitiu visitar Goa e Índia durante três meses e, na sequência, o autor escreveu o romance *Um Estranho em Goa*. A terceira, em 2001, concedida pela instituição alemã Deutscher Akademischer Austauschdienst, a qual lhe possibilitou morar por um ano em Berlim onde escreveu o romance *O Ano em Que Zumbi Tomou o Rio*. Em 2009, foi convidado pela Fundação Holandesa Fonds Voor de Letteren a passar dois meses em Amsterdam, foi lá que o autor iniciou a escrita do romance *Barroco Tropical*.

Alguns trabalhos acadêmicos publicados no Brasil afirmam que o escritor angolano alia a sua profissão de escritor com as ocupações de editor e jornalista. Sobre esta informação Agualusa esclarece:

Não, eu não sou editor. Eu ajudei a fundar uma editora aqui no Brasil, mas nunca fui formalmente sócio e portanto não posso dizer que sou editor nem nada ligado a edição. E sobre a função de jornalista, atualmente não posso dizer que sou jornalista, pois não exerço o jornalismo, mas foi muito importante para mim o jornalismo (AGUALUSA, 26 de julho de 2017).

A editora a qual Agualusa se refere é a editora brasileira Língua Geral, inaugurada em 2006, que é dedicada exclusivamente a publicação das obras de autores de língua portuguesa.

Atualmente, o autor angolano dedica o seu tempo, além das produções das suas obras, a realização do programa Chamado “*A hora da Cigarra*”, juntamente com o escritor moçambicano, Mia Couto, transmitindo pela RDP África. No programa, eles falam sobre música e poesia africanas. Agualusa também escreve crônicas para o jornal brasileiro *O Globo*, a revista *Época*, o jornal angolano *A Capital* e a revista portuguesa *Ler* e é membro na União dos Escritores Angolanos.

Literatura de margem: discurso e resistência

Nos últimos anos, as novas literaturas africanas de língua portuguesa também conhecida como literaturas lusófonas, têm sido temas de diversas pesquisas acadêmicas, tanto no Brasil como em outros Países.

O primeiro contanto que tive com literatura africana foi através das obras de Mia Couto, autor moçambicano, as quais me despertaram um desejo de desvenda as culturas de países que até então era desconhecidas para mim. A partir dessas leituras, passei a conhecer outros autores e novas abordagens sobre os acontecimentos sociais e políticos do continente africano.

Através das literaturas africanas, percebi a ambiguidade que ultrapassa os fatos sociais e político que passaram “despercebidos” pelos relatos históricos do processo colonial e da fase da descolonização. Vale ressaltar, que boa parte dessas literaturas abordam as dificuldades de redescobrir a cultura africana no passado e no presente. Uma incursão no histórico da evolução dos romances africanos nos permite, até certo ponto, compreender as ambiguidades surgidas ao longo do processo.

Muitas vezes a falta de um relato histórico específico e devidamente registrado, pode ser compreendido pelo recurso literário. O romance, a par das outras formas de ficção ou da poesia, é, sem dúvida, um dos principais instrumentos para o conhecimento histórico dessa fase do processo colonial na África. Por outro lado, a literatura também é um precioso instrumento do neocolonialismo, como afirma Alfredo Margarido.

(...) o peso do facto colonial pode prolongar-se para além das independências, pelo que há que se chega a uma verdadeira autonomia do imaginário africano (MARGARIDO, 1980, p.120).

Nas obras produzidas por Agualusa, percebemos as experiências das suas viagens e a sua perspectiva sociocultural, logo compreendemos que suas experiências estão ligadas diretamente a história de Angola, marcada pelos processos de colonização, movimentos políticos em favor da independência do país e a guerra civil. As obras de Agualusa são o reflexo das situações vivenciadas e conhecidas historicamente pelo escritor.

Tenho conhecimento de boa parte das obras do autor angolano já publicadas no Brasil. O que sempre me chamou a atenção em seus trabalhos é a forma como o autor usa a história em seus enredos literários. Vale ressaltar que Agualusa demonstra em seus trabalhos uma preocupação ao convocar o passado e o reconstitui-lo, sempre de modo consciente, por meio de uma visão crítica do presente.

Em seus trabalhos, percebemos que a relação entre literatura e história constitui um campo de investigação que se apresenta de forma bastante expressiva no âmbito da história cultural. A narrativa de Agualusa consegue agregar a leveza da narrativa

literária aos eventos históricos da libertação de Angola, e com isso o autor pretende refletir um pouco sobre algumas possíveis aproximações entre os dois ofícios.

Para que possamos compreender melhor as contribuições das escritas do autor angolano referente aos conhecimentos dos movimentos social e políticos de Angola farei uma breve explanação sobre três romances de Agualusa, que foram publicados no Brasil em momentos diferentes, mas que para mim, essas três obras trazem uma ordem cronológica sobre os acontecimentos sociais e políticos de Angola. Por coincidência, ou não, esses romances também trazem personagens historiadores de formação ou que se definem fascinados pelo o ofício.

A obra, *A Conjura* (2009), é o primeiro romance de Agualusa, foi escrito durante sua formação acadêmica, segundo o autor, por uma curiosidade, ele vai até a biblioteca da universidade para pesquisar jornais antigos de Angola do final do século XIX e início do século XX, e, na oportunidade, acaba por descobrir uma Luanda até então desconhecida por ele. Agualusa ficou completamente fascinado porque os jornais traçavam um retrato muito preciso de Luanda naquela época. Para o autor, ali já estava tudo, inclusive a linguagem, que é o mais difícil de ser encontrada, faltava apenas criar um enredo. Nesta obra o autor descreve uma Luanda do final do século XIX com uma importante burguesia angolana. Percebemos que *A Conjura* (2009) surgiu sobre o impacto da leitura desses jornais.

O literato tem uma grande aproximação com a cultura do Brasil, entre outros motivos, por se identificar com a nossa cultura negra. Neste romance o autor ressalta o conceito de “crioulo”. Inicialmente, entendemos por crioulos as pessoas negras nascidas em países do continente americano, porém nessa obra Agualusa nos mostra que a palavra é, antes de qualquer coisa, uma miscigenação de culturas independente de cor ou nacionalidade.

Como ficção e história se articulam na narrativa de Agualusa?

A Conjura (2009) foi escrita em 1989 e publicada em Portugal e Angola no mesmo ano, porém só chega ao Brasil vinte anos depois, em 2009, pela editora

Gryphus. O enredo descreve os acontecimentos entre o final do século XIX e início do século XX, até a proclamação da República em Portugal e traz como personagem principal o barbeiro Jerônimo Caninguili, negro, pobre e fascinado pela história do seu país. Por debater com os seus clientes e amigos os acontecimentos históricos do país ficou conhecido na cidade como um poço de ideias que aos poucos vai ganhando espaço em um frustrado cenário de guerras e revoluções.

O enredo do romance *A Conjura* (2009), está dividido em seis capítulos, os quais se passam na pequena cidade de São Paulo de Assunção em Luanda, Angola, durante os anos de 1880 à 1911. Já no primeiro capítulo, o autor prende a atenção do leitor quando retrocede a data cronológica da história, inicialmente de forma confusa para o leitor, visto que havia registro dos fatos que aconteceram no dia 16 de junho de 1911, no qual ocorreu a primeira tentativa frustrada do povo angolano de se tornarem livre do domínio português.

Segundo o próprio Agualusa, ele utiliza suas obras como forma de denúncia e, com esse romance, não seria diferente, o autor através do mesmo revela as memórias de um povo angolano até então consideradas “apagadas” pelo o colonialismo no final do século XIX. É importante ressaltar que o literato não procura dar explicações para fatos específicos ou apresentar soluções para certos problemas, ele tenta reavaliar a história angolana a partir de um novo olhar crítico sobre os acontecimentos passados.

Em seu primeiro romance o autor retrata uma sociedade dividida tanto por questões políticas e financeiras, como pela elite da sociedade angolana, a qual, durante esse período crescia através do tráfico de escravos.

É visível percebermos, na obra *A Conjura* (2009), passagens de como a sociedade estava dividida em relação ao domínio de Portugal, como também as dúvidas de como seria essa nova Angola depois da independência;

(...) Carlos da Silva encolheu os ombros; e continua: - Como entendeis vós a independência? Como eu talvez, isto é, a desunião de Portugal, da nossa mãe pátria. (...) Não ficaríamos pois independentes. A cerimônia que se fizer não seria mais do que a mudança de papéis porque continuaríamos a estar dependentes, se de Portugal, da nação cuja a bandeira nos fomos acolher. E será melhor

que continuemos a ser portugueses, e com bastante orgulho(...). Severino interrompeu-o: - Orgulho? Pois você tem orgulho em ter por tanto um país como Portugal? Que nada nos trouxe de bom, que nada fez para o desenvolvimento de Angola! Que apenas nos assegurou a miséria, o embrutecimento, a fome, a morte, enfim? É o orgulho do boi pela canga que o trás cativo! (AGUALUSA, A Conjura, 2009, p. 63 à 64)

Naquela época Angola era a colônia onde Portugal “despejava” muitos dos seus condenados e prostitutas os quais, com o tempo, misturavam-se com a população local, esta prática era um exemplo claro do desprezo com que as colônias eram vistos perante o império de Portugal. Diante destes descasos, que eram constantes, Portugal já era visto como um colonizador injusto e explorador, consequentemente, os habitantes da pequena cidade de São Paulo de Assunção começam a desacreditar na sua própria monarquia e, surgem as primeiras revoluções pela independência.

Na segunda metade do século XX, inicia-se um processo em que os angolanos expressaram os seus desejos de liberdade; nesse momento surgem organizações políticas que passaram a reivindicar a independência de Angola, entretanto Portugal não cedeu, provocando assim diversos conflitos, os quais trouxeram grandes consequências como a “Luta armada”.

Aquele período de lutas e revoluções é o cenário principal do romance *Estação das Chuvas* (2012), lançado no Brasil pela primeira vez em 2000 pela editora Gryphus, que traz como protagonista a historiadora e poetisa, Lília do Carmo Ferreira, que desaparece misteriosamente durante o período da primeira eleição de Angola em 1992, nessa obra destaca-se também o jornalista, que é o narrador do romance e tem como objetivo descobrir o que aconteceu com Lília.

A vida de Lília é apresentada, no romance, desde sua infância até a maturidade. A personagem caracteriza-se pela possibilidade de renovar os padrões estabelecidos naquela época, no que diz respeito ao comportamento (período de guerra) e, os pensamentos de Lília, já que ela era uma mulher que se mostrava bastante preocupada com o processo de descolonização de Angola. Em algumas passagens a personagem retrata exaltação da sociedade angolana em relação à libertação de Angola, na qual a sociedade lutou, mas, no final, perceberam que as ideias foram perdendo forças ao

longo do processo, restando apenas um grande vazio, em que não importavam mais os sonhos de liberdade.

O método do narrador consiste em entrevistas com alguns personagens e, também de muitas suposições, como o próprio chega a citar; “É assim, pelo menos, que eu imagino a cena (eu não estava lá)” (AGUALUSA, 2012, p.22), afirma o narrador assumindo os seus limites. É interessante ressaltar que o narrador se move na narrativa entre a temporalidade – passado e presente – e em espaços diferenciados, em busca de informações a respeito da protagonista.

No romance *Estação das Chuvas* (2012), Angola é inicialmente sonhada por um pequeno grupo de poetas idealistas que vivenciam o período de guerra civil. Na primeira leitura, o leitor pode chegar a se confundir e se encantar com a escrita de Agualusa, que constrói uma estranha proximidade entre a lucidez e a loucura, o real e imaginário, o possível e o absurdo ao tratar do passado.

Em *Estação das Chuvas* (2012), o autor revê o passado através do uso da memória da personagem Lídia do Carmo Ferreira, procurando assim reinterpretar o período que antecede a independência e a pós-independência. Na obra, percebemos claramente o esforço do autor em evitar o apagamento da história em um momento no qual se reclama a falta de informações e documentos sobre os membros do MPLA (Movimento Popular de libertação de Angola, que venceram a primeira eleição de Angola em setembro de 1992 com cerca de 50% dos votos). O romance *Estação das Chuvas* (2012), será o nosso principal objeto de pesquisa, por isso eremos discuti-lo de forma mais aprofundada no nosso segundo capítulo.

A principal característica de Agualusa é tratar em seus romances a construção das identidades frágeis, incertas, ou mesmo, em construção, que, de certa forma, foram apagadas durante o período colonial. Esta temática está em foco no romance *O Vendedor de Passados* (2011), também publicado pela editora Gryphus em 2004, o qual é considerado uma das obras mais famosas do autor angolano em nosso país. Esta é a única obra do autor que é totalmente ficcional e recebeu o prêmio *Identidade – Ficção Estrangeira* em 2004. Esta premiação foi promovida pelo diário britânico, *The Independent* em colaboração com o *Conselho das Artes do Reino Unido*, Agualusa foi o primeiro escritor angolano a receber tal premiação.

Segundo Agualusa o personagem principal da obra *O Vendedor de Passados* (2011), surgiu a partir de um sonho, quando ainda morava em Berlim. Na ocasião o autor escreveu um conto sobre esse sonho no qual havia um homem que vendia passados falsos para os novos ricos da cidade. Esse conto teve uma grande repercussão em Berlim, as pessoas procuravam o autor para saber mais desse personagem, por isso o literato dissídio transforma o seu sonho em um romance. *O Vendedor de Passados* (2011), o único romance de Agualusa totalmente fictício.

Nesta obras o autor traz como personagem principal o albino Felix Ventura, filho adotivo de um professor de história, que cresce entre livros por conta da profissão do pai. Devido sua doença ele acaba desenvolvendo um estranho ofício, o de inventar e vender passados falsos. Essa história é contada pela perspectiva de uma osga (lagartixa) que assume a voz discursiva desse romance e que em algumas passagens, ela se coloca como a consciência de Felix.

Felix costura a realidade com a ficção, habilmente, minuciosamente, de forma a respeitar datas e factos históricos. (...) A nossa memória alimenta-se em larga medida, daquilo que os outros recordam de nós. Tendemos a recordar como sendo nossas as recordações alheias – inclusive as fictícias (AGUALUSA, 2011, p. 139).

Percebemos que ao longo da narrativa há certo idealismo sobre o futuro da nação angolana, que em alguns momentos parece articular a estrutura estética da obra literária com o compromisso político do escritor, como a busca da “verdadeira identidade” dos países no pós-colonial. Em alguns momentos do romance, o protagonista quando questionado sobre o seu ofício defende-se, sempre com a mesma argumentação: “Eu faço sonhos”. De certa maneira, Felix Ventura idealiza o presente e o futuro de uma Nação, um sonho que apesar de ser feito a partir de fatos e vidas imaginarias e fictícias, mas, nem por isso, (ou talvez por isso mesmo) ele deixa de ser menos verdadeiro. Nessa visão, a Nação não é apenas um território geográfico ou político, mas um espaço simbólico que não diz respeito apenas ao país, mas sim a todo o continente africano composto por indivíduos que possuem um passado comum e que buscam superar os traumas da sua história.

Nas obras de Agualusa o leitor pode se sentir dentro desses romances e ao mesmo tempo ter uma nova visão sobre os acontecimentos históricos nos períodos de independência e pós-independência de Angola, com isso podemos perceber que, assim como a história a literatura é uma ferramenta que nos oferece a possibilidade de compreender o presente através de representações com o passado. Levando em consideração que os fatos históricos não se modificam, mas podem ser interpretados de formas diferentes ao longo do tempo, assim podem sofrer transformações a medida que são reinterpretados no tempo presente.

Sempre identifiquei uma forte presença do historiador nesses três romances, e me questionava se essa era realmente a intenção do autor, discutir a história de Angola sob a visão do historiador. Inicialmente esta era a minha principal ideia de discussão para a minha dissertação, comparar os “personagens historiadores” criados por Agualusa nos romances, *A Conjura* (2009), *Estação das Chuvas* (2012) e *O Vendedor de Passados* (2011), com o propósito de identificar o perfil do Historiador (profissional), que é pensado pelo literato. Porém desisti desta ideia quando o mesmo me esclareceu que esta nunca fora a sua intenção.

Eu acho que a história é fundamental para conhecer o presente, quer dizer, o fato de só conseguirmos explicar o presente através do passado e para mim foi muito assim, quer dizer eu fui tentar escrever um romance histórico para compreender o presente, não foi para compreender o passado, por que esse passado me dá um conhecimento das forças sociais e das formas como as dinâmicas do século XVII, XVIII e XIX influenciaram as dinâmicas sociais no século XX e XXI. Quer dizer, o que me interessa no passado é aquilo que me permite compreender o meu presente. Mas não, não, eu nunca tive a intenção de debater o ofício do historiador, na verdade acho que esses personagens estavam aliados a esta formação, um pouco que ... [breve silêncio] por coincidência, mas realmente não era a minha intenção essa comparação (risos) (AGUALUSA, 26 de julho de 2017).

Apesar do seu esclarecimento sobre a criação dos romances *A Conjura* (2009), *Estação das Chuvas* (2012) e *O Vendedor de Passados* (2011), estas três obras ainda são as mais usadas no meio acadêmico para discutir os movimentos sociais e políticos

de Angola, bem como debater a construção das identidades angolanas em um cenário pós Guerra.

A literatura angolana após o neocolonialismo

O Colonialismo massacrou a arte tradicional das narrativas africana que eram conhecidas como: o dom da fabulação em *oratura*. A literatura angolana era, inicialmente, constituída de contos, lendas, provérbios, fábulas, enigmas, ditados e criações da cultura popular. Nos seus primórdios, era transmitida apenas pela oratória, pois a população angolana não conhecia a forma escrita. O desenvolvimento da escrita literária começou apenas no século XIX, inicialmente, sob influencia determinante do colonizador.

Segundo Pires Laranjeira, a obra *Esportaneidade da minha alma, às senhoras africanas* (1985), escrito por José Maia Ferreira, foi a primeira obra literária africana de língua portuguesa publicada em Angola, em 1849, na qual foram abordadas, pela primeira vez em uma literaturas africana, o território e a sociedade africana. Apesar da língua portuguesa circular na África desde o século XVI, ela era falada por poucas pessoas e escrita ainda por menos.

Até a década de 1960, não existia, em Angola, ensino universitário ou qualquer iniciativa por parte dos governantes de investir nos setores educacionais. Porém, desde a década de 1940, alguns angolanos estudavam em Portugal. Entre estes grupos de estudantes estavam, alguns estudantes que futuramente tornar-se-iam grandes nomes em um cenário de intelectuais e de membros dos movimentos nacionalistas de libertação. Entre eles estavam: Agostinho Neto, Mário de Andrade, Marcelino dos Santos, Amílcar Cabral. E entre os escritores estavam: Corsino Fortes, Antero Abreu, Manuel dos Santos Lima, Pepetela, Costa Andrade, entre outros, os quais se tornaram referência na produção literária de Angola. Estes autores utilizavam a suas obras como uma maneira de expor a realidade do País e tentavam resgatar suas raízes culturais, até então reprimidas pelo Governo português.

Após a independência de Angola, uma “nova literatura” começou a ocupar o seu espaço nos anos 1980. Naquela ocasião, era necessário apresentar uma escrita literária com ideologia nacionalista e com diferentes olhares sobre as guerras e as transformações sociais decorrentes.

As décadas de guerra civil que seguiram após a independência, colocaram em xeque as produções literárias, apesar da constituição de uma identidade angolana ter sido convertida em certo “projeto nacional”.

Na medida em que os povos colonizados encontravam-se atrelados à história de seus colonizadores e, talvez por isso, não dispendo dos mecanismos convencionais de reivindicação de sua verdadeira história, a literatura, durante o período colonial, foi o discurso mais possível para a história africana. Foi através da literatura que países africanos de língua portuguesa encontraram condições de narrar as suas histórias, contrapondo-se ao discurso uniformizador do colonizador.

Walter Benjamin (1994), compreendeu a literatura como o lugar de onde emerge o discurso dos vencidos. Aliviados de sua própria história, lugar tradicional do discurso dos vencedores, os oprimidos conseguem estabelecer um fio condutor de suas identidades culturais postas em perigo diante da presença opressora do vencedor, o colonizador. Para o filósofo alemão, o vencedor é aquele que detém em suas mãos o discurso da história definida como oficial, garantindo assim, para a posterioridade uma versão reconhecida e autorizada de fatos que a memória dos colonizados fixara de maneira diversa. A história oficial é o discurso que não propõe mais uma utopia para um povo. A história oficial hoje é uma história naturalizada, isto é não é concebida a partir de uma reflexão a respeito de um evento ou de uma secessão de eventos dinâmicos, tempo e história passam a se equivaler.

Esteticamente, ao invés de um lírico canto-exaltação às belezas exóticas da terra, dentro dos padrões da fala literária já consagrada do colonizador, revela-se a consciência de que é preciso resgatar uma nova fala pela qual a luta de libertação nacional venha corporificar.

Os autores angolanos estiveram sempre em primeira linha de combate pela libertação e pela dignificação do homem angolano é, o que não é raro, subordinado na produção literária a luta sociopolítica. Podemos afirmar que os autores africanos, em

geral, souberam desempenhar o seu papel com clareza ao longo dos anos, pois os mesmos escreveram o que tinham de escrever, e a partir daí, deixaram os seus escritos como códigos de luta por uma Angola Literária fundada no imaginário cultural do seu povo.

A literatura angolana, ao longo da sua trajetória, trilhou dois caminhos distintos: de um lado, atinha-se ao padrão culto de Lisboa; por outro, aventurava-se pela convivência de línguas e pensares. Até os dias atuais, essa dupla via de desenvolvimento tem se mantido, dela resultando um manifesto enriquecido do patrimônio cultural esteticamente estimulado e documentalmente diversificado.

A partir da instalação da Brigada Jovem de Literatura, em 1981, surge, em Angola, uma nova geração de literatos formada por um grupo de jovens escritores africanos, denominados também como, “novíssima geração”, que publicaram obras literárias pela primeira vez, já depois da Independência de Angola em 1975. Neste grupo, destacam-se atores como: João Maimona, José Eduardo Agualusa, E. Bonavena, José Luís Mendonça, Paula Tavares, entre outros.

A partir da geração acima citada, percebemos que não há uma preocupação de continuidade no estilo literário que até então, era desenvolvida em Angola. Era visível a intenção dos seus integrantes de cultivar em seus trabalhos o folclore, o regionalismo e os costumes populares, mas não havia uma intenção de ruptura com o estilo literário que até então era produzido.

Reafirmação da *angolanidade* nas produções literárias

O grupo dos chamados *naturais letrados* representa, de certo modo, um estrato intermediário e, até certo ponto, isolado. Tendo o desenvolvimento económico como uma das causas, este foi grupo perdendo a sua importância, já que, aos poucos, viu-se privado da base material. A política de desapropriação levada a efeito em face do crescimento de Luanda permitiu a aniquilação desse estrato social, tão representado na literatura angolana.

*A angolanidade*³ é uma das múltiplas dimensões pelas quais se manifestou a presença angolana ao longo do processo colonial, a par do registro de luta armada que sempre se fez sentir no interior do país. As formas de consciência nacional variaram de grupo para grupo, mas o importante é assinalar a sua progressão no tempo.

O tema do choque cultural é central em grande número de escritores africanos de Angola, Moçambique, Cabo verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe. O universo dos personagens africanos choca-se com o dos brancos. Um bom exemplo dessa imposição é a apropriação da escrita dos autores desses países de língua português. Sobre as literaturas escritas em português, Agualusa explica que:

Esse questionamento tem uma razão de ser, creio. O que acontece é que, quem faz literatura, quem escreve num país como Angola, escreve basicamente em português. Em primeiro lugar as pessoas de língua materna portuguesa são favorecidas. Força alguém de outra língua a escrever em português é complicado, não quer dizer que não resulte, há escritores que conseguem fazer essa transição, mas é mais difícil. (AGUALUSA, 26 de julho de 2017)

Arnaldo Santos (1981), no conto “A menina Vitória”, aborda o tema do choque cultural e linguístico ao discutir em seu trabalho o contexto do ensino na língua portuguesa numa escola de Luanda:

Nas suas redações vagueava então tímido sobre as coisas, com medo de pisar nelas, decorava nos nomes das árvores, das aves, dos jogos descritos no seu livro de leitura. Procurava esquecer o colorido vivo das penas dos maracachões, dos gungos, dos rabos-de junca que ele perseguia nas florestas e cujo contos escutava trémulo atrás dos mixitos, o sabor ácido dos tambarinos que colhia sedento, o suor e o cansaço das longas caminhadas pelas barrocas, a emoção de seus jogos de atreza cassambula. Imaginava passivamente a prosa certinha do gosto da menina Vitória. Esvaziava-a das pequeninas realidades insignificantes que ele vivia, das suas emocionantes experiências de menino livre, agora proibidas e imprestáveis. (SANTOS, 1981, p.34 à 35)

³ Termo cunhado pela primeira vez em 1961 – via texto escrito - pelo ensaísta português Alfredo Margarido, ao se referir à poesia de Agostinho Neto, propondo o conceito de angolanidade a fim de definir a “substância nacional angolana” buscada pelos literatos daquele período.

Por meio da escrita de Arnaldo Santos (1981), percebemos mais um exemplo que se multiplica e nos leva a concluir que estamos perante uma literatura de circunstância resultante de um processo histórico e social específico de países africanos.

De um lado, estrutura-se os fortes referenciais da cultura hegemônica do colonizador branco, que por milênios sedimentou a escrita angolana, o outro, os esmagados valores dos colonizados, sempre postos em questão pelo dominador e, por estes, vistos como primitivos ou algo cujo sentido só se podia encontrar no denso colorido da alteridade que tinha por marca, em sua percepção em geral redutora. Por isso ao escrever enfatizam tal “mundo primitivo”, o colonizador só consegue recuperá-lo por imagens que enfatizavam os traços externos, os quais, segundo sua visão, o distinguia do seu próprio mundo.

A presença do branco fez com que a África se dividisse e não só se fizesse branca e negra, mas começasse ela própria a incorporar, assimilando, os valores do colonizador, questionando seu saber nativo que passava a perceber como um “menos-saber”. Quanto mais imergia, pelo acesso à escolarização e pelo domínio da escrita, no universo do saber branco, mais o colonizado passava a assimilar a cultura do opressor.

As literaturas produzidas no continente africano sofreram os efeitos de estigmas por serem literaturas de países colonizados. Estas circunstâncias, de certa forma, levaram diversos autores angolanos a uma espécie de posição defensiva em que se projetava uma ânsia de reconhecimento da sua história e consequentemente da busca de sua identidade.

Assim como diversos autores da sua geração, as produções de Agualusa são marcadas por um transparente desejo de emancipação, liberdade, autodeterminação e independência. A literatura do autor, em geral, fala-nos de conflitos sociais, de Guerra (guerrilhas) e de revolução, ainda que, muitas vezes, sobre um olhar da contemporaneidade.

Podemos afirmar que a literatura, para Agualusa, funciona como um espelho que reflete a realidade, isto é, que dele obtém-se certa compreensão da história, segundo a experiência e a interpretação do escritor em questão. Acreditamos que o importante não é decidir com base no discurso, entre determinados confrontos e a realidade à qual ele supostamente se refere, se ele é verdadeiro ou não, mas examinar os seus “efeitos de

verdades” que a obra nos proporciona ao longo de sua análise. Acredito que são esses “efeitos de verdades” que tem levado muitos leitores a ver as literaturas africanas com um certo ar de desconfiança, como se a sua composição literária tivesse irremediavelmente comprometida com a fatalidade histórica das lutas pela libertação do seu país.

Os primeiros sinais de uma reafirmação da identidade angolana surgem nos boletins jornalísticos de Angola a partir da segunda metade do século XIX. O órgão pioneiro a realizar tal publicação foi o *Boletim Oficial* em 1845, onde se estimulava a cultura, principalmente de Luanda. Neste boletim eram discutidos os relatos de viagens, as literaturas e assuntos de natureza governamental. A primeira revista literária publicada em Angola foi a *Aurora* em 1856, a qual matinha o mesmo formato do boletim. Merece menção, pelas manifestações regionais a revista literária *O echo de Angola*, publicada em 1881, seta foi escrita só por pessoas negras e, pela primeira vez, trouxe textos escritos em quimbundo.

O romance *O segredo da morta – romance de costumes angolanos*, foi o primeiro romance publicado em Angola após a independência do domínio português, publicado em 1929, nos folhetins do jornal *A Vanguarda*. O subtítulo da obra nos leva a achar que podemos inclui-la nos limites das chamadas ‘literatura colonial’. No entanto, a obra ultrapassa esta catalogação retórica, já que não apresenta uma Angola como um lugar exótico e misterioso, conforme geralmente se dava naquele tipo de literatura, mas atualmente as literaturas angolanas procuram representar, quase que testemunhalmente, sociedade angolana, tal como se apresenta no final do século XIX e início do século XX. A obra de Assis Júnior foi destacada, pela crítica, como uma obra de “forte angolanidade”, pois a mesma abordava a cultura e os costumes locais, como os provérbios, adivinhas e traziam personagens cujas falas em quimbundo conviviam ao lado do português e formava um grande painel da tradição angolana.

É a partir de 1930 que houve um aumento dos movimentos de *negritude* que se desenvolveram em Angola. A partir destes percebemos, mais objetivamente, o empenho da população negra para reencontrar a identidade perdida ao longo da colonização. Para isso, foi necessário desenvolver a capacidade das pessoas de retomarem uma autoconsciência e assim assumir a sua própria dimensão. Foi a partir deste debate, que surgem em Luanda o movimento *Vamos descobrir Angola* em 1948,

que convidava os jovens a conhecer as suas histórias através de debates e trabalhos coletivos. Coube a Viriato da Cruz, o mérito de formação teórica e estético desse movimento. Neste momento histórico de Angola, as literaturas surgiam como uma forma de reafirmação de suas identidades.

As obras de Agualusa como fonte de pesquisa

As diversas questões levantadas por Agualusa em seus romances nos estimulam a pensar que estamos vivendo um tempo de abundantes transformações, em que por diversas vezes o que se define como novo nos dá a impressão de que já foi dito e agora está sendo reinterpretado.

Na última década, percebemos um aumento significativo de trabalhos publicados nos meios acadêmicos sobre as obras de Agualusa, sejam eles nos formatos de artigos, monografias, dissertações ou teses. Entre as obras do romancista que motivem essas pesquisas destacam-se: *Dom Nicolau Água-Rosada e outras histórias verdadeiras e inverossímeis* (1990), *Estação das Chuvas* (1996), *Nação Crioula: a correspondências secreta de Fradique Mendes* (1997), *Um estranho em Goa* (2000), *O ano em que Zumbi tomou o Rio* (2003) e *O vendedor de passado* (2004) que é a obra mais trabalhada no meio acadêmico até hoje.

Em 2015, Carlos Batista Bach publicou a sua tese intitulada *José Eduardo Agualusa: Ironia e memória como traços de um poeta*, defendida no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a qual é realizada uma análise sobre as narrativas de *Teoria Geral do Esquecimento* (2012) e *Nação Crioula* (2001). O presente trabalho tem como foco comprovar que Agualusa aborda, nestes romances, as memórias partilhadas, que por sua vez criam comunidades discursivas. Para Carlo Bach, essas arquiteturas narrativas criadas pelo autor angolano jogam com a similitude entre memória e imaginação, porém não deságua em um texto memorialístico e saudosista, pois ao se articular com o componente irônico do discurso, forja uma escrita que se alimenta do caráter polissêmico das palavras e convida o leitor a considerar outras matrizes da história.

As diversas narrativas produzidas por Agualusa nos possibilitam ter uma diferente percepção da história oficial do seu país. Nelas compreendemos que tanto as histórias definidas como oficiais quanto as histórias que são passadas através da oralidade do povo angolano são relativas, uma vez que tudo depende do ponto de vista de quem as narram. Neste sentido, concordo com a análise sobre os escritos de Agualusa feita por de Maria Teresa Salgado que destaca o seguinte:

Estas narrativas, além de representar a voz dos que foram silenciados pela história, mostram, sobretudo, a relatividade de toda história e não apenas da história oficial. (SALGADO, 2006, p.180)

É visível em seus trabalhos que Agualusa reconhece a importância que a memória tem no contexto de Angola e produz um enredo narrativo em que subjaz uma crítica ao engessamento dos fatos históricos na história oficial angolana.

Afinal, se a história de uma nação é uma construção narrativa, não podemos descuidar da ficção que ocorre com o campo literário. Essa aproximação entre história e literatura já foi diversas vezes apontada por teóricos como, por exemplo, Ernst Renan, Benedict Anderson e Homi Bhabha, assim como o poder simbólico que esta semelhança carrega e do qual ela se utiliza, em momentos da formação de uma nação para assegurar uma unidade nacional.

Canclini (2002) nos chama atenção que vivemos em um tempo de abundância simbólica, não é menos verdade que hoje mergulhamos no tempo do excesso de “história” não somente nos termos em que a compreendemos como produção escrita do passado, mas como um conjunto de atitudes que saturam o presente de uma carga descomunal de eventos e situações imediatamente alçadas ao status de ocorrências históricas, algo parecido com o que Nietzsche já havia chamado atenção no século XIX quando reclamava de uma cultura de historicização disseminada como pedra fundamental de uma sociedade para qual preservar o passado se tornava, já naquele momento, uma verdadeira obsessão.

Outro trabalho que se destaca no meio acadêmico sobre as obras de Agualusa é o livro de Ana Cristina Pinto Bezerra, *O Trançado Memorial em O Vendedor de Passados de Agualusa*, publicado em 2016 pela editora EDUFRN. Esta obra é fruto da dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Neste livro a autora enfrenta o desafio de compreender uma obra de Agualusa que cobra do leitor um grande empenho analítico. Neste desafio, Ana Cristina acaba por seguir a passos de Antônio Cândido (1964), pois ela observa o romance do autor angolano a partir de uma perspectiva integrativa, lendo-o em sua configuração interna e em sua inserção no mundo histórico de Angola pós-colonial.

Vale ressaltar, que a as discursões desenvolvidas por Ana Cristina, provoca ainda, uma reflexão sobre um possível engajamento do escritor Agualusa, principalmente, pelo fato de que, uma vez suspensas as verdades, é aberta a possibilidade de questionar o que antes era tomado como dogma, como fato indiscutível. Nesse sentido, percebemos que as indagações concluem o cenário angolano, e a necessidade deste de um passado erguido ficcionalmente pelo elemento memorial.

Outra discursão bastante relevante sobre os romances de Agualusa foi defendida por Franciele Rodrigues Guariente em seu trabalho de dissertação desenvolvido pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina em 2015, *Lídia pelos Caminhos de Angola: As interações entre literatura e história no romance Estação das Chuvas, de José Eduardo Agualusa*. Neste trabalho, a autora apresenta questões relativas à memória individual e coletiva, porém os principais debates abordados em sua dissertação são as intersecções entre o discurso histórico e o literário. Franciele Guariente ainda ressalta os acontecimentos históricos que se entrelaçam na ficção, analisando assim as estratégias de narrativa desenvolvida por Agualusa em seu romance que problematiza a história de Angola.

Duas teses de Doutorado em Letras de 2008 merecem destaque. A primeira, que inclusive foi publicada em livro e é de um professor do Instituto Federal do Piauí – IFPI, Francisco José Sampaio Melo, denomina-se: *Sobre o romance lusófono, a permanência criativa de Eça de Queirós: relações transliterárias entre Eça de Queirós e cinco romancistas contemporâneo* (2008), pela PUC do Rio Grande do Sul. Ele

trabalha as relações transliterárias entre a obra de Eça de Queiros e cinco romances lusófonos contemporâneos, dos quais um é *Nação Crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes* (1997). A segunda tese é de Renata Flávia da Silva, *Quatro passeios pelos bosque da ficção angolana* (2008), pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Nela a autora fala sobre as configurações de tempo e espaço em quatro obras ficcionais escritas por autores angolanos contemporâneos, entre eles *O vendedor de passados* (2004).

Sônia Trembl, em 2010, com a dissertação de Mestrado em Letras pela PUC de São Paulo, intitulada *A personagem negra e a identidade cultural e literária em contos brasileiro e angolanos* (2010), faz um estudo comparado entre contos contemporâneos da literatura brasileira e da angolana, tendo por objetivo de reflexão a presença da personagem negra e a construção da identidade cultural literária. Dos contos estudados por Sônia Trembl, temos *Os pretos não sabem comer lagosta, de Fronteira perdidas, contos para viajar* (1999), de Agualusa.

Um último trabalho que vale a pena ser ressaltado é o único trabalho desenvolvido em um programa de pós-graduação em história, que eu tive acesso. Trata-se da Tese de Doutorado em História, de Ana Mônica Heriques Lopes, pela Universidade Federal de Minas Gerais, intitulada: *Nas margens da história e da ficção: identidades impressas e fronteiras do nacionalismo em Angola – 1866-1910* (2005). O objetivo de pesquisa é verificar a formação política delineada sob a marca de uma identidade designada como crioula em Luanda no século XIX, observando em obras a respeito de Angola e nas interpretações das obras de José Eduardo Agualusa

Diversos artigos acadêmicos foram publicados nos últimos anos usando as obras de Agualusa como principal fonte de pesquisa para discutir a memória a sociedade angolana e a crise de identidades sofrida pela mesma, talvez por estes serem os principais pescoções realizadas pelo literato em todos os seu trabalhos publicados.

Porém, o autor africano Pires Laranjeira vem ganhado destaque em seus escritos ao debater as obras literárias produzida pelo seu continente nas ultimas décadas. Segundo Laranjeira, Agualusa é hoje um dos autores mais influentes de Angola. Para explicar a sua afirmação o autor publicou o livro intitulado *De Letra em Riste: Identidade, autonomia e outros questões nas literaturas de Angola, Cabo Verde,*

Moçambique e S. Tomé e Príncipe, publicada em 1992, a qual faz um análise sobre a construção do romance histórico *A Conjura* (1989). Segundo Pires Laranjeira , Agualusa usa a narrativa para analisar uma exposição sobre as debilidades e as consequências do primeiro nacionalismo, período no qual já se percebia um olhar que se voltado para o passado objetivando problematizar o presente;

Quando decidiu escrever um romance histórico sobre os intelectuais e políticos angolanos que integravam as duas principais gerações da viragem do século, trilhando uma vi que tem sido seguida, entre outros, por um Umberto Eco ou por Saramago e Fernando Campos (no casa de Portugal), Agualusa supriu assuas lacunas de experiência através da investigação, realizando um enredo sócio-político e cultural muito atractivo, em linguagem incisiva e lapidar, com grande sensibilidade e perspicácia no aproveitamento da fluência oral da lingua portuguesa que se fala em Portugal e Angola, todavia não levando ao exagero aductilidade expressiva, antes mantendo-a nos limites vigentes de uma estética de clareza e da clareza e da ironia formativa. (LARANJEIRA, 1992, p.101)

Como percebemos Pires Laranjeira foi o primeiro a discutiu a questão da linguagem, principalmente, a forma como Agualusa e outros autores africanos trabalham a Língua Portuguesa, com engenhosidade e criatividade para falar sobre a memória angolana.

É visível que parte dos romances do autor angolano tenta dar força à sua tese de que o passado de Angola é uma construção imaginária a serviço de um governo que se instaurou após a independência e detém o poder até hoje. Em seus trabalhos Agualusa representa cidadãos angolanos em um mundo totalmente globalizado privilegiando assim as trocas entre culturas e diálogo com outras realidades, mesmo que essas realidades sejam ficcionais. Segundo Siegfried Schmidt:

A escrita da história literária tem sempre servido a interesses políticos, que têm sido normalmente disfarçados como intenções educativas, culturais ou estéticas, ou mesmo como exigência quase naturais. (SCHMIDT, 1996, p.110)

Nos caminhos da historiografia oficial, Agualusa tem a preocupação de passar para os seus leitores a responsabilidade de lidar com o jogo de incertezas e diversos questionamentos que a narrativa dos seus romances apresenta. Nelson Pestana (2006), destaca que Agualusa faz um “garimpo histórico” a partir do exercício de desresponsabilizarão a parte do seu olhar exterior, expectante e contemplativo.

José Eduardo Agualusa, em lugar de se colocar os problemas com os quais os críticos se enrodilham – procurando resposta para as questões que as relações da literatura com a história levantam – (ab)usa da liberdade da ficção para (re)fazer alguns períodos da história de Angola, subvertendo-a (ou, ao menos, não seguindo ao trilha da historiografia oficial). (PESTANA, 2006 *in*: CHAVE, 2006, p.232)

Um passado real no discurso fictício de Agualusa

A partir das diversas análises realizadas no meio acadêmico sobre as obras literárias produzidas no continente africano nos últimos anos, percebo um “projeto ficcional” angolano, o qual seria um projeto coletivo, tanto em sua faceta estética, quanto em sua feição ideológica. Tal projeto se assume como ação conjunta pela qual se vai firmando, cada vez mais, a definição de angolanidade.

Ideologicamente os romances de José Eduardo Agualusa e de diversos autores africanos de língua portuguesa, trazem em comum a preocupação em tratar, a partir do imaginário, a história do seu continente. Para tanto, vão pouco a pouco construindo um espaço imaginário onde o seu país emerge, não como uma terra idílica, mas como um espaço dilacerado, à espera de uma “reconstrução”. Para que se viabilize tal processo reconstrutor, o primeiro passo é a revitalização de práticas culturais autóctones, sempre marginalizadas, quando não esmagada pelo colonizador.

As obras fictícias, produzidas por Agualusa, articulam-se coletivamente, tanto pela voz dos seus narradores, são doados pelo nível dos debates proposto como pela temática desenvolvida. As vozes que doam as narrativas são as de quem nunca

deixaram a sua terra. Já os personagens, são representações do povo angolano que voltam a ter um lugar de precedência absoluta nas cenas discursivas proposta pelo literato. O tema preferido de Agualusa abordado em seus trabalhos é o seu país e a construção da nação angolana, a pequena vida vivida no dia-a-dia dos bairros populares de Luanda, as senzalas, as aldeias e os pequenos quimbos (palavra angolana que significa pequenos conjunto de casas constituindo um só lar).

Os personagens criados pelo literato angolano trazem as referências da sua terra e do seu povo, tentando recuperar formas de representação simbólicas pelas quais se vão ambos revelando. Em seus trabalhos, Agualusa nos mostra uma estratégia discursiva de conscientização dos personagens, que vão desde a mais absoluta alienação, como é o caso do personagem Felix Ventura, da obra *O Vendedor de Passados* (2011), até o grau mais avançado de conscientização histórica, que é o caso da personagem Lídia do Carmo Ferreira, do romance, *Estação das Chuvas* (2012).

O autor Homi K. Bhabha (1998), que eu acredito ser um leitor atento de Walter Benjamin, compreende o conceito de nação criada pelas literaturas com uma instancia que preenche o vazio deixado pelo desenraizamento de comunidades e parentescos, transformando essa perda na linguagem da metáfora. A metáfora da nação, proposta por Bhabha, certamente só pode ser compreendida através da memória daqueles que dela se distanciaram – o lugar de origem, endêmico por excelência, parece propor que lá a história se encontre suspensa e as relações entre os seus habitantes são aquelas que não se encontra no lugar que se está a imaginar. O autor nos sugere que:

Os fragmentos, retalhos e restos da vida cotidiana devem ser repetidamente transformados nos signos de uma cultura nacional coerente, enquanto o próprio ato de performance narrativa interpela um círculo crescente de sujeitos nacionais. Na produção da nação como narração ocorre uma cisão entre a temporalidade continuísta cumulativa, do pedagógico e a estratégia repetitiva, recorrente, do performativo. É através deste processo de cisão que a ambivalência conceptual da sociedade moderna se torna o lugar de escrever a nação. (BHABHA, 1998, p.207)

Aqui a literatura e a história se encontram, mas, no enclave em que os dois campos se associam e apontam para a questão da narratividade com o ponto de tensão

entre eles, afloram suas dissidências, Não apenas a narrativa historiográfica e a literária apresentam suas diferenças, também a valorização de uma pluralidade de literaturas pós-coloniais que motiva a ruptura com a história das mentalidades.

Interessa-nos sobremaneira precisar os valores conceituais desses termos que transiam na zona de fronteira entre a história cultural e a teoria da literatura – zona essa que não é um lugar de separação, mas onde identidades podem passar protegidas por ambos os territórios; práticas e hábitos são negociados sem branca de tributos; e intercambiam-se materiais e capitais concretos e simbólicos.

As particularidades que determinam os gêneros historiográfico e ficcional desafiam historiadores culturais e literários, talvez porque devessem ser abordadas não isoladamente pelo historiador ou pelo teórico da literatura, mas da perspectiva de uma terceira margem ou do centro de gravidade da questão, no marco da narrativa comparada, espaço investigativo e o clássico, em sua materialidade e textualidade, poderiam ver-se articulados.

Contar história se refere a um *fazer* e especifica uma produção científica. Essa produção foi chamada pelo historiador francês Michel de Certeau de Operação Historiográfica (CERTEAU, 2002, p. 14). Quando escrevemos, começamos com os gestos de separar, reunir, escolher e transforma. Nossos arquivos históricos combinam grupos, lugares e práticas. Nesse contexto, a constituição de documentos envolve a produção de técnicas e objetos próprios, assim como o estabelecimento de fontes que significa transforma alguma coisa que tenha sua posição e seu papel em alguma outra coisa que funciona diferentemente. Segunda a historiadora Regina Beatriz Guimarães Neto:

A escrita como construção propriamente dita da história é o coroamento do ofício do historiador, praticada nas diversas fases de seu trabalho, como uma arte de composição do resultado das investigações realizadas. (GUIMARÃES NETO, 2006, p. 46)

A literatura pós-colonial de Angola não é algo simples e espontâneo; a construção narrativa obedece a operações específicas e aponta para o que Michel de Certeau (1994) define como:

Uma arte de fazer, visto que as maneiras de fazer não designam somente atividades que uma teoria tomaria como objetos. Essas teorias organizam também a sua construção (CERTEAU, 1994, p.152).

Atualmente, muitos estudos históricos analisam a função da memória na constituição do indivíduo no meio social quanto no discurso histórico, surgindo assim significações bastante variadas sobre a perspectiva memorial, porém todas elas são coerentes com relação a imagem que os homens fazem das suas memórias em um dado espaço do tempo.

Vale ressaltar que nesta dissertação não pretendemos tecer um extenso panorama acerca de como a memória seria concebida ao longo do tempo, por isso não eremos nos aprofundar em estudos realizados por Le Goff (2003), tampouco desejamos construir uma ampla sociologia da memória.

A partir da definição de Candido (2006) poderíamos afirmar que a escrita pós-colonial do romancista angolano procede de uma “crítica sociológica” ou em uma “sociologia da literatura”. Até porque o oportuno romance de Agualusa parece traçar sua própria teorização sobre o estudo memorial que determinara a criação de passado por um jornalista moderno que pretende desvendar os “segredos” de uma Lunda pós-independente através dos relatos memoriais de alguns angolanos que vivenciaram esse período.

O destino de Amo entusiasmou em particular Mário de Andrade, que vivia obcecado com a urgência de devolver ao homem negro a sua dignidade ofendida. “Os europeus”, dizia o jovem, “apagaram da História todos os sinais da presença cultural dos negros na civilização ocidental; pior do que isso, pretendem agora destruir as nossas tradições, toda a nossa memória”. (AGUALUSA, 2012, p. 55)

Não é fácil compreender a “ideia” de memória descrita ao longo do romance *Estação das Chuvas* (2012), uma vez que nessa obra o romancista define a memória como um fluxo ininterrupto de imagens diante da vida e da autonomia dos seus

personagens, sendo alimentada daqueles instantes que parecem ter ficado em momentos remotos difíceis de ser reconstruídos. Em outras palavras, esses enredos seriam convertidos nas ditas “memórias ficcionais”.

Segundo Le Goff (2003), a dimensão criativa com a qual a memória se relaciona é vista como uma característica importante das sociedades sem escrita, ou seja, daquelas sociedades, como por exemplo, as sociedades africanas, que fortificam o passado oralmente em sua ligação com seus antepassados, visto que, no processo de rememoração desses grupos humanos, atribuindo assim “à memória com mais liberdade e mais possibilidade criativa” (LE GOFF, 2003, p. 425).

A partir da análise feita na obra de Jacques Le Goff, *História e Memória* (2003), compreendemos as estratégias da narrativa de José Eduardo Agualusa, como também de outros autores africanos. Em seu romance, *Estação das Chuvas* (2012), o angolano procura dar legitimidade ao seu modo de fazer do passado um objeto de conhecimento. Compreende-se assim que, nesse romance, o autor assume ainda a tarefa de compreender o seu passado através dos relatos da sua personagem principal Lídia do Carmo Ferreira. O romance é narrado por um personagem definido apenas como Jornalista, que ao longo da obra procura desvendar os mistérios que envolvem o desaparecimento de Lídia no dia 02 de dezembro de 1992, data da primeira eleição de Angola.

O método narrativo do Jornalista consiste em entrevistas com diversos personagens. Por sua vez, o romancista ainda deslumbra o seu leitor ao permitir que o narrador se mova entre a temporalidade - passado e presente - e espaços distintos em busca de informações sobre a via de Lídia. Apesar de sabermos que os tempos são múltiplos, a experiência literária pela qual Agualusa nos “transporta” nos possibilita vivenciar em sua narrativa a possibilidade de atravessarmos as múltiplas fronteiras temporais.

Acredito que o modo mais sensato para explorar esse enfrentamento, reside na utilização do método de investigação proposto pelo historiador alemão Reinhart Koselleck (2006) que implica na compreensão do papel social dos conceitos em diferentes momentos históricos.

Os relatos que nos é transmitidos através da fala do narrador (o jornalista) do romance *Estação das Chuvas* (2012) nos remete às discursões de Reinhart Kosellrck acerca do tempo. Em suas análises, os conceitos de tempo ganha mobilidade e movimento. Mesmo pondo em questão a existência de um tempo histórico, Kosellrck sugere que esse tempo histórico pode estar incrustado nas expressões faciais ou nas feridas e traços que os corpos internalizem depois das experiências vividas.

Deve contemplar as rugas no rosto de m homem, ou então as cicatrizes nas quais se delineiam as marcas de um destino já vivido. Ou ainda deve na memória a presença, lado a lado, de prédios em ruínas e construções recentes, vislumbrando assim a notável transformação de estilo que empresta uma profunda dimensão temporal. (KOSELLRCK, 2006, P. 14)

Poderíamos afirmar que os tempos, definidos por Kosellrck, podem encontra-se, alojados nas pausas entre um relato e outro, como também durante as entrevistas realizados pelo jornalista ao longo da obra de Agualusa. É nesse momento que percebemos a importância do registro de certas singularidades que podem passar despercebidos por nós, ao analisarmos os relatos orais dos seus personagens. Sobre isso Alessandro Portelli (2010) nos alerta a importância dessa análise:

A ideia que existe um “observado” e um “observador” é uma ilusão positivista: durante todo o tempo, enquanto o pesquisador olha para o narrador, o narrador olha para ele, a fim de entender quem é e o que quer, e de modelar seu próprio discurso a partir dessas percepções. A “estre/vista”, afinal é uma troca de olhares. E bem mais que outras formas de arte verbal, a história oral é um gênero multivocal, resultado do trabalho comum de uma pluralidade de atores em diálogo. (PORTELLI, 2010, p. 20)

Nesse sentido acredito que podemos pensar que a fonte oral não é composta apenas de relatos orais, mas também de um universo de olhares, pausas e gestos que compõem as lembranças narradas. Os relatos temporais tecidos nas memórias da personagem Lídia, durante suas experiências vividas em Luanda; e durante o seu exílio, é uma das múltiplas dobras que se prologam ao longo da narrativa de Agualusa.

Vale ressaltar que, em *Estação das Chuvas* (2012), é o jornalista quem constrói as memórias narrativas, dando assim vida a Lúdia durante o enredo do romance. Com isso, podemos afirmar que são as estratégias narrativas do jornalista que levam o leitor a identificar as marcas de verdade histórica na obra ficcional. Ao decorrer das obras, o narrador/jornalista é, de certa forma, um “historiador”, pois ao longo de suas entrevistas ele se posiciona de forma consciente que o passado relatado pelos seus entrevistados contém muitas inverdades das quais, muitas dela vem em decorrência dos traumas vivenciados pela guerra e que a verdade será, nesse caso, sempre imparcial.

Por meio da leitura de diversos romances de Agualusa, percebemos, em suas escritas, certos confrontos entre história e literatura, porém devemos levar em consideração que as lutas pelas fronteiras do conhecimento fazem parte da própria legitimidade que a escrita da história vem construindo ao longo dos anos. Segundo o filósofo João Carlos Tedesco:

Deveria ter uma concepção de memória não como algo dado, mas possível de modificação e de usos pelos grupos no poder dominantes e seus rituais de conservação; a memória pode ser reconstruída a partir das exigências dos grupos sociais ativos, é dinâmica e conflituosa, produtora e produto de tempos sociais e de fontes históricas. (TEDESCO, 2003, p.153)

Torna-se relevante ressaltar que não é só a personagem Lúdia, do romance *Estação das Chuvas* (2012), que tem suas lembranças e traumas impregnados e condicionados pela vivência da Guerra Civil de Angola, mas também os demais personagens que, ao longo da narrativa de Agualusa, tem suas memórias reconstruídas sobre o suporte do panorama sócio-histórico vivenciado em Angola naquela época.

Ao longo da leitura do romance de Agualusa, citado anteriormente, percebemos que as lembranças (memória), de determinados personagens, se estabelecem ao longo a narrativa como uma “teia” que liga todos os sujeitos desse universo fictício pela necessidade de revisitar seus passados, suas memórias históricas no solo angolano e, em contado com elas, reconstruí-las aos olhos do presente. É a partir dessa estratégia narrativa que o romancista angolano nos faz compreender um pouco da história de Angola através das suas literaturas.

A ilusão/ficção que nos faz ver a realidade

Ao longo do desenvolvimento desse primeiro capítulo nos dedicamos a fazer, inicialmente, algo diferente do que já havia sido feitos em diversos trabalhos produzidos no meio acadêmico ao longo dos anos, conhecer um pouco mais a carreira de José Eduardo Agualusa. Decidimos por não abordar apenas as suas obras, mas também dar a conhecer como esses trabalhos geraram “frutos” (prêmios e oportunidades) na vida pessoal de Agualusa e a importâncias que as suas obras tem para a história do seu país.

Ao meu ver, Agualusa resgata a sua condição característica à margem da história de Angola, plena de referências que a metaforizarão poderia esvaziar. Mesmo que o discurso literário tenha tornando-se propriedade de um discurso de poder, a obras de ficcionista indicam que a literatura ainda possui fôlego para se consubstanciar como o lugar da história dos vencidos, recorrendo mais uma vez a Walter Benjamin (1994). No complexo espaço cultural angolano, Agaulusa impõe uma rediscussão do poder, do cânone e da própria crítica que se operou até o presente momento.

Para compreendemos melhor a escrita de Agualusa abordamos, de forma rápida, a produção de três romances: *A Conjura* (2009), *Estação das Chuvas* (2012) e *O Vendedor de Passados* (2011). A partir da composição dessas obras podemos perceber a forma como o romancista angolano mescla em seus trabalhos diversos gêneros discursivos, como o romance histórico, o romance epistolar, a poesia, a crônica, a biografia e a autobiografia. Para abordar de forma homogenia todos esses gêneros literários Agualusa utiliza-se de pesquisas históricas e entrevistas.

Para desenvolver de formar mais clara possível o nosso segundo capítulo farei uso da história de Angola, em sua fase colonial e pós-colonial, será necessária em face da temática abordada. Além dessas fontes, faz-se necessária a utilização da entrevista realidade com o autor José Eduardo Angualusa, para que possamos entender, de forma clara, as reais intenções do romancista ao escrever o seu segundo romance.

II - A HISTÓRIA DE ANGOLA NOS LIMITES DA FICÇÃO

Não tenho nada a dizer. Somente a mostrar. Não sursurpiarei coisas valiosas, nem me apropriarei de formulações espirituosas. Porém, os farrapos, os resíduos: não quero inventariá-los, e sim fazer-lhes justiça da única maneira possível: utilizando-os (BENJAMIN, 2009, p.502).

Começo o meu texto com uma passagem retirada da obra *Passagem* (2009), do autor Walter Benjamin, é conhecida atualmente como uma das obras historiográficas mais significativas. A primeira leitura que fiz desse livro do autor berlinense me fez viajar pelas suas memórias vivenciando um pouco a sua história, e essa foi a mesma sensação que sentir quando li pela primeira vez, em 2012, o romance *Estação das Chuvas* (2012) de José Eduardo Agualusa. Nessa obra, como em todas as outras, percebo a leveza que o romancista angolano utiliza-se do passado do seu país para compor o enredo literário do seu romance.

A meu ver, Agualusa ressalta em seus trabalhos a importância que as memórias, sejam elas fictícias ou não, têm ao fazerem parte do “processo de representação” do passado. Mas para isso, precisamos analisar a obra literária a partir do lugar no qual o seu autor está inserido. Vale ressaltar que Agualusa sempre demonstrou em seus romances uma grande preocupação com a história do seu país, ao “convocar” o passado de Angola e o restabelecer, mas claro, sempre de modo consciente por meio da sua visão crítica a história.

Neste segundo capítulo será realizada uma análise da obra *Estação das Chuvas*, na qual tenho como objetivo compreender este romance como uma fonte para o conhecimento histórico. Agualusa constrói neste romance, cenários que têm como pano de fundo os acontecimentos sociais e políticos que mobilizaram uma história recente de Angola em sua fase pós-colonial (Guerra Civil). Tais questões construíram um ambiente tenso que ressaltaram um processo de crise e, conseqüentemente, onde ocorreu a substituição de ideologias oficiais em contraposição à busca de um modelo cultural de “angolanidade” provocada pela ruptura com Portugal. Analisaremos do ponto de vista teórico como esses elementos literários compõem essa obra, na tentativa de construir uma nova visão sobre os acontecimentos históricos de Angola. O período de lutas e revoluções é o cenário principal desse romance. O enredo é composto por uma história

angolana voltada para os conflitos políticos da jovem nação e entre intelectuais e militares.

O romance *Estação das Chuvas* (2012) traz como recorte temporal a segunda metade do século XX, no qual se iniciou um processo em que os angolanos expressaram os seus desejos de liberdade; o romance ainda aborda o momento em que surgem organizações políticas em Angola que passaram a reivindicar a independência do seu país, entretanto Portugal não cedeu, provocando assim, diversos conflitos no qual trouxe grandes consequências, como a Luta armada.

Conhecer para compreender

As teorias dos discursos colonial e pós-colonial trouxeram à tona discussões que até pouco tempo se camuflavam timidamente em meio a tantas temáticas relacionadas às mais diversas ideologias: fascista, comunista, democrática, capitalistas, anarquista, dentre outras.

Em termos gerais, acreditamos que falar dos resultados do processo de colonização para uma nação parece ser lugar comum. No entanto, esses resultados variam de nação para nação, isso porque cada povo constrói sua identidade a partir de sua história de vida. Atualmente ainda nos deparamos com processos conceitos ou inconscientes de adotarmos valores ou conceitos impostos por alguém ou por um grupo dominante.

Nessa perspectiva, a literatura assume uma função desafiadora, que seria a de registrar, ao longo do tempo, a adoção ou rejeição ao discurso imperial disseminado, por meio da história, na memória e identidade de um povo. Não raro encontrar obras que, de uma forma ou de outra, aderem aos valores imperialistas; mas o oposto também se verifica. A literatura afrodescendente, por exemplo, tem apresentado como verdadeira guardiã da consciência e identidade negra em todo mundo.

A resistência aos valores da metrópole é constante nos textos produzidos por escritores negros ou daqueles que se posicionam como anticolonialistas. Embora esse

tipo de literatura tenha recebido atenção especial de alguns grupos seletivos de escritores, sobretudo nos países marcados pelo processo de colonização.

Ao afirma que os estudos pós-coloniais devem propor uma revisão crítica das questões relacionadas às diferenças sociais, culturais e raciais, bem como aquelas relacionadas à discriminação, subordinação e alienação cultural, Homi Bhabha (2013) sugere uma análise mais atenta dos discursos referentes à identidade e memória de um povo.

Indubitavelmente, os estudos pós-coloniais em Angola ainda têm muita a avançar. Os discursos de resistências, tão presentes em obras literárias angolanas, são importantes registros das diversas etapas e contextos sociais pelos quais a nação angolana passou até chegar à era pós-moderna. Vale ressaltar que esses registros devem ser analisados de forma a resgatar os elementos de construção da identidade nacional.

Durante muitos anos, houve uma negação da historicidade dos africanos. Segundo alguns pensadores do século XIX, os povos africanos encontravam-se emersos em um estado de quase absoluta imobilidade, os quais eram considerados como sociedades sem história. Nessa perspectiva, os africanos seriam incapazes de fazer e de repassar as suas histórias. Essas suposições eram decorrentes das diversas teorias raciais que classificavam os africanos como povos primitivos e inferiores. O filósofo alemão Friedrich Hegel (2008), foi um dos principais teóricos a propagar essas ideias em relação ao povo africano:

A África não faz parte da história mundial; não tem nenhum movimento ou desenvolvimento para mostrar, e o que porventura tenha acontecido nela – melhor dizendo, no norte dela – pertence ao mundo asiático ou europeu. Na verdade, o que entendemos por África é algo fechado sem história, que ainda está no espírito natural e que teve que ser apresentado no limiar da história universal (HEGEL, 2008, p. 82-83).

Essas ideias de Hegel (2008) não ficaram limitadas apenas aos debates do século XIX, pelo contrário, influenciaram diversos trabalhos que foram realizados nos anos seguintes sobre o Continente Africano. Durante décadas, devido à ausência de estudos sobre a África e sobre os afrodescendentes, contribuiu para a criação de uma série de

estereótipos que, ao longo dos anos, dificultou, de forma significativa, a construção de uma identidade positiva sobre as nossas origens e consequentemente nos permitiu a formação de hipóteses preconceituosas e desinformadas, criando assim uma profusão de ideias equivocadas reforçando uma visão eurocêntrica acerca do passado.

O continente africano foi, inegavelmente, o mais desqualificado pelo pensamento ocidental. Ainda que a imagem da África tenha variado ao longo do tempo em decorrência de diferentes formas de relacionamento estabelecidas com os seus povos, é indispensável que o continente foi, mais do que qualquer outro, laureado pelo pensamento ocidental com imagens particularmente negativas e excludentes. [...] Diversas imagens subalternizastes a respeito dos africanos foram articuladas no seio do imaginário europeu. Uma dessas peças imaginárias foi a infame teoria camita, interpretação que estigmatizava os negros enquanto descendentes do personagem bíblico Cam como indigno, posteriormente conotada pelo pressuposto de que os africanos estariam fadados à escravidão (SERRANO e WALDEMAN, 2010, p. 24 – 25).

Somente no início da década de 1960 é que surgem novos olhares sobre o continente africano por parte dos historiadores. Essas novas visões se apresentavam mais despojadas das cargas emocionais decorrentes dos seus preconceitos.

Durante muitos anos, afirmava-se que a ausência desses debates nos meios de ensino, sejam eles ensino básico ou superior, se dava pela falta de estudos sobre o Continente Africano, essa informação se propagava principalmente devido à ausência de obras (literárias ou não) escritas em português, o que, em partes, sabemos que é verdade, já que as maiorias dos escritores africanos proviam de países que tinham o francês como língua oficial. Porém, devemos ressaltar que a falta de traduções desses escritores era proveniente da carência de interesse pelo tema por parte de diversos intelectuais brasileiros, o que hoje não é mais um problema.

O nosso conhecimento sobre a História da África foi enriquecida, ao longo dos anos devido aos diversos estudos ligados às epidemias, ao cotidiano, ao desenvolvimento econômico e político, às relações de gênero, à arte, à música, às religiões africanas e à literatura, os quais contribuíram, de forma significativa, para novas formas de pesquisa para o ensino de história, principalmente devido uma revisão

sobre os acontecimentos reais da colonização e o processo de independências de diversos países no território africano.

Atualmente, há maior tradição em estudos africanos se concentra nas áreas de Antropologia, Sociologia, Literatura e Linguística. Apesar do grande aumento de pesquisas sobre o continente africano nos últimos anos, não podemos esquecer o trabalho pioneiro de José Honório Rodrigues, *Brasil e África: Outro Horizonte* (1961). O lançamento da sua obra coincide com o início das lutas pela libertação em Guiné-Bissau e Angola e com a chamada política externa independente promovida por Jânio Quadros. Ainda no início da década de 60 surgem, no Brasil, importantes núcleos de estudos africanos, que estão em atividade até os dias atuais⁴.

Diversas formas de pesquisas foram e são realizadas por africanos e afrodescendentes, assim como José Eduardo Agualusa, que procuraram e continuam a procurar formas mais claras para compreender e explicar o continente africano sob as mais variadas perspectivas. Estudos sobre o passado remoto ou recente dos diversos países que formam o continente africano atual procuram compreender melhor as diversidades culturais dessas sociedades, dando assim uma releitura sobre os acontecimentos que, até então, eram repassados apenas pelos europeus da sua maneira.

Nos últimos anos, têm sido realizadas mais iniciativas em prol do ensino de história da África do que na totalidade do passado recente. No entanto, mesmo constituindo motivo de empolgação, os progressos alcançados não negam que muito há da ser feito e realizado nesse campo.

“Civilizados e selvagens”: na trilha do colonialismo português

⁴ O Centro de Estudos Afro-Orientais – CEAO, que foi fundado em 1959 na Bahia, o Instituto Brasileiro de Estudos Afro-Asiático – IBEEA, fundado em 1961 e era ligado à presidência da República, e por último, o Centro de Estudos e Cultura Africana, fundado em 1963 em São Paulo e ligado à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e hoje é conhecida como Centro de Estudos Africanos – CEA. Com o passar dos anos outros grupos de estudos se formaram pelo país. Em 1973, foi criado o Centro de Estudos Afro-Asiático – CEAA no Rio de Janeiro. Hoje também contamos com o Núcleo de Estudos Afro-asiático – NEAA na Universidade de Londrina no Paraná, o Núcleo de Estudos Africanos - NEA da Universidade de Brasília, o Núcleo de Estudos Africano - NEA da Universidade Federal de Santa Catarina. Vale ressaltar que a Universidade Federal da Bahia é a pioneira no ensino de História da África cultura afro-brasileira.

Para que possamos compreender com mais clareza o processo de colonização de Angola, acredito que seja relevante falarmos um pouco sobre o espaço geográfico desse país. Angola está localizada em uma zona vasta do Continente Africano e o seu território é caracterizado por suas grandes diferenças físicas e ecológicas. O país apresenta de norte a sul de sua região uma vegetação bastante variada, com floresta equatorial na bacia central do rio Zaire, savanas com arbustos no centro do país, ao sul de Angola um território desértico, principalmente na região litorânea, especificamente ao sul de Luanda. Como em outros territórios do Continente Africano, a instabilidade das chuvas e os grandes períodos de secas em Angola são elementos condicionantes desse povo.

De acordo com o livro *História Geral da África, VIII: África desde 1935* (2010), em 1482, inicia-se a colonização de Angola contornando a costa ocidental africana. Os portugueses eram chefiados por Diogo Cão e procuravam, em Angola, por escravos e metais preciosos, como cobre e prata. Os portugueses também almejavam chegar ao caminho das Índias.

Em 1490, os navios portugueses chegam ao porto de Mpinda com os presentes do rei de Portugal, Afonso V, que foi apelidado de “O Africano” devido às suas conquistas na África. Os navios do rei chegaram em Angola com artigos de comércio, um pequeno número de padres franciscanos e pedreiros que construíram uma igreja e um palácio, voltando para Portugal com escravos, marfim e tecidos.

Além disso, já no início dos anos 1600 as regiões angolanas de Luanda e Benguela alimentavam um intenso e cruel trato de escravos, que se tornou decisivo para o domínio de Portugal no Atlântico Sul. Vale ressaltar a afirmação do historiador Luiz Felipe de Alencastro para melhor compreendermos esse momento da História de Angola.

O que motivava os portugueses era a busca por investimentos lucrativos para a capital excedente. Nesse sentido era fundamental haver a ocupação e a dominação do território angolano para a exploração econômica do país. A ocupação dos portugueses na região visava, principalmente, a modificação no modo de vida dos angolanos, como por exemplo a obrigação do trabalho. Essa modificação era uma condição para que as principais atividades econômicas e investimento dos portugueses se tornassem viáveis, ou seja, eles viabilizavam os investimentos na agricultura, na mineração e na criação de

estadas, garantindo assim o retorno do capital investido. As estradas e ferrovias não representava apenas um investimento, mas também tinham a estratégia de garantir o escoamento das produções do país.

Décadas depois, Angola assistiu à ampliação das ferrovias e mais implantação de estradas, além de pontes, linhas de telégrafo e a construção de portos para que pudessem receber os navios de grande porte. A língua portuguesa tonou-se, praticamente de uma hora para outra, idioma oficial do país. Escolas e alguns hospitais também surgiram em regiões nas quais esses serviços não haviam existido antes. A totalidade do potencial produtivo de Angola foi redirecionado com a finalidade de se articular com as demandas do mundo industrializado.

Leila Leite Hernandez (2008) afirma que no século XIX os angolanos foram surpreendidos com grandes novidades: os portugueses não queriam apenas fazer tocas de mercadorias, mas dominar o território. O litoral já não satisfazia suas ambições. Agora os colonizadores não queriam só adentrar o interior angolano, mas ocupar e dominar totalmente a região. Toda a sociedade angolana ofereceu resistência a essa mudança, os quais defenderam com as armas e recursos que dispunham para manter a sua autonomia, todavia, não obtiveram êxito.

Seguiu-se que a expansão econômica foi associada aos poderosos exércitos metropolitanos que se impuseram como senhores do território angolano. Tanto em Angola, como em diversas colônias, a metrópole portuguesa patrocinava a vinda de milhares de colonos europeus, para esses colonos, também conhecidos como “agentes da civilização”, as autoridades coloniais reservaram os melhores terrenos de Angola, desapropriando os verdadeiros donos das terras (os angolanos) de forma autoritária, os quais já ocupavam essas terras a séculos. Este assunto é um dos debates do livro *História da África: Uma introdução* de Nana Mónica Lopes e Luiz Arnaut:

Um decreto de 1889 considerava todas as terras “vagas” como propriedade do Estado. Concretamente o decreto representou uma gigantesca expropriação das terras dos nativos, uma vez que dos 2.430.000 quilômetro quadrado existente na colônia, 2.430.000 passaram para o domínio do Estado ou das sociedades que exploravam o território. Nas colônias portuguesas o mesmo ocorreu em 1901, as terras “vagas” passaram a ser do Estado. Esta prática foi

implementada em praticamente todo o continente, com a posterior referência às companhias e empresas para exploração. Assim, os colonizadores e colonos tomavam para si as terras que até então pertenciam aos africanos e que eram por eles utilizados para garantir seu sustento e modo de vida (LOPES e ARNAUT, 2005, p 69).

Essa medida de apropriação de terras, assim como tantas outras mudanças impostas pelos portugueses, alterou a sociedade angolana de forma a se ajustar às exigências e dinâmica da colonização. Os africanos em geral deveriam se submeter à nova lógica política, social, econômica e cultural instituída pelas metrópoles e colonos. Estas novas formas de administrações impostas às colônias buscavam alterar o modo de vida dos africanos. A política colonial desenvolvida pelos colonos portugueses tinha como principal objetivo manter a ordem e a tutela sobre os nativos de tal forma que a exploração colonial fosse o mais viável possível.

Contudo, para alguns autores, tais mudanças são analisadas e interpretadas como “aspectos positivos” para a sociedade angolana, porém essas mudanças foram concretizadas para melhor satisfazerem, exclusivamente, as necessidades dos portugueses e não para beneficiar os novos súditos africanos da coroa portuguesa.

A estação chuvosa em angola

Ao longo da nossa análise sobre diversas obras escritas por José Eduardo Agualusa percebemos que a sua visão sobre Angola vai além do seu passado. Sua escrita constrói narrativas que olham tanto para o passado do seu país (: *A Conjura* (2009) e *Nação Crioula* (2001)), quanto para um passado recente resultante das lutas pela independência e dos trânsitos entre países (*O Vendedor de Passados* (2011) e *O Ano em que Zumbi Tomou o Rio* (2012)), e também a projeção para um tempo futuro (*Barroco Tropical* (2009)).

Ao publicar em 1989 o seu romance de estreia, *A Conjura* (2009), Agualusa já apresentava alguns personagens que foram desenvolvidos de forma mais clara no seu segundo romance, *Estação das Chuvas* (2012), lançado apenas em 1996. Este romance foi

publicado durante a Guerra Civil em Angola, problematizando feridas ainda não cicatrizadas da história e retratando um passado tão recente quanto a própria guerra.

Assim como a maioria das obras de Agualusa *Estação das Chuvas* (2012), é um romance sobre Angola e para Angola, ou seja, o autor apresenta diversos acontecimentos importantes, subvertendo-os para provocar em seu leitor questionamentos sobre a formação do seu país. Sendo a realidade, muitas vezes, mais inacreditável do que a ficção, a literatura apresentada por Agualusa articula ficção e realidade, personagens reais e ficcionais, lugares e épocas distintas, para assim estabelecer discussões sobre a construção das identidades angolanas, das memórias coletivas e individuais, da ligação com suas tradições, sejam elas de origem europeia ou africanas.

Em seu segundo romance o literato angolano traz como protagonista a historiadora e poetisa, Lúcia do Carmo Ferreira, que desaparece misteriosamente durante o período da primeira eleição de Angola em 1992, nessa obra destaca-se também o jornalista, que é o narrador do romance e tem como objetivo descobrir o que aconteceu com Lúcia. Nesse romance o narrador personagem apresenta primeiro o fim da história com o intuito de desenvolver a narrativa em torno do desaparecimento de Lúcia. Na busca por Lúcia, o narrador faz uso da memória da própria personagem para rever os acontecimentos do período que antecede a independência, desmitificando assim os heróis e apresentando documentos, discursos e jornais da época para que diversas vozes lhe deem credibilidade na escrita dessa nova perspectiva da história. Agualusa faz uso da memória da própria protagonista para rever os acontecimentos históricos anteriores à independência dando mais credibilidade a sua narrativa.

Em *Estação das Chuvas* (2012), Agualusa aborda ainda a conquista de Angola, assim como outros países do Continente Africano, o autor angolano defende a ideia de que, apesar de ter sido justificada em nome da “civilização”, não foi assegurado qualquer transferência de conhecimento tecnológico ou cinético para as colônias africanas. Basicamente as poucas escolas implantadas e as grades disciplinares procuravam, principalmente, colonizar mentalmente e espiritualmente o homem africano em geral.

“Os europeus”, dizia o jovem, “apagaram da História todos os sinais da presença cultural dos negros na civilização ocidental; pior do que isso, pretendem agora destruir as nossas tradições, toda a nossa memória”. E acrescentava que era preciso passar à ação: pegar numa das palavras de ordem lançadas por Viriato da Cruz, “Vamos descobrir Angola”. E criar bases para um amplo trabalho de redescoberta da África (AGUALUSA, 2012, p. 55).

A partir da análise da obra *Memória D'África: A temática em sala de aula* (2010), percebemos que para o sistema educacional imposto pelo colonialismo português, era necessário provar, para os angolanos, que era benéfico ser submissos aos brancos e que não existia nenhuma alternativa para o fim da situação colonial.

Os angolanos não ficaram passivos perante do extermínio do seu modo de vida, a resistência que vinha desde a chegada dos portugueses recebeu um novo estímulo para lutarem. Assim deve ser entendido como resistência secundária, que toma forma de oposições e revoltas contra a presença dos portugueses.

Porém, com o final da Guerra Mundial em 1945, toda comunidade internacional passou a pressionar o governo português para se retirarem das colônias africanas, mas o governo português recusava o conceito de autodeterminação aos povos e não permitiram que os portugueses desapropriassem as colônias africanas. Segundo os autores Carlos Serrano e Maurício Waldman, que escreveram o livro *Memórias D'África: A temática africana em sala de aula*, com o intuito de compreender a África a partir de um exercício crítico e desvendar as realidades encobertas por mitos, ficção e imagens fantasiosas sobre o continente africano, afirmam que:

O regime salazarista, por conta de uma visão romanceada do “destino histórico português”, tinha enorme dificuldade em assumir as transformações ocorridas no mundo nos últimos duzentos anos. O salazarismo simplesmente não conseguia aceitar uma nação portuguesa desprovida do que passou a considerar como “suas possessões ultramarinas”. Por conseguinte, sustentou o delirante projeto de manter um império que seria o “espelho da grandeza danação portuguesa” (SERRANO e WALDMAN, 2010, p. 259).

Amadou Hampaté-bâ (2010), destaca que Salazar⁵ resistiu aos diversos movimentos apresentados pelo ONU em favor da descolonização do território africano. O regime salazarista tinha pouco interesse em entender a realidade da época, os mesmos adotaram uma política de isolamento internacional que tinha como bordão: *Orgulhosamente sós*⁶. Esse posicionamento político trouxe gravíssimas consequências para Portugal, tanto em nível cultural quanto econômico. No século XX, a industrialização tinha realizado pouco progresso econômico, visto que Portugal produzia quase a mesma pauta de artigos dos últimos setecentos anos, que era o pescado, cortiça e azeite de oliva e consequentemente passou, a cada vez mais, explorar as suas colônias.

Falamos sobre a história de Angola no período colonial nos dias de hoje não é uma tarefa fácil, visto que ainda há uma enorme divergência por parte de diversos autores. Para alguns, a colonização de países africanos, por parte do governo português, foi bastante negativa, porém outros autores deixam sua ênfase recair sobre os pontos positivos dessa história, é imperativo de ressaltar aqueles que consideram, apesar dos efeitos negativos, que houve alguns aspectos positivos não intencionais por parte dos colonizadores portugueses.

Não podemos deixar de ressaltar que a exploração colonial causou um imenso impacto em Angola, como em todo o continente africano. As alterações impostas pelos colonizadores atingiram todos os aspectos e dimensões das sociedades que ali estavam organizadas. Com isso podemos afirmar que a colonização portuguesa não ficou restrita apenas ao nível econômico social, as identidades, a relação com o solo, como o tempo, etc. Porém, é necessário salientar que a colonização alterou profundamente a economia e o comércio existente em Angola, até então. Para além da imposição de atividades e produtos que atendiam o mercado europeu, até a geografia do comércio foi alterada.

⁵ Antônio de Oliveira Salazar (1889-1970), foi o líder do regime político conhecido como *Salazarismo*, que era uma das denominações do “Estado Novo” português entre os anos de 1926-1974. Este regime era inspirado na Doutrina da Igreja Católica, no fascismo italiano e no anticomunismo.

⁶ Essa expressão foi usada por Salazar para justificar o isolamento do Portugal do Estado Novo frente à comunidade internacional.

De um lado, não há como negarmos as evidências e o caráter destruidor das ações coloniais em todo o Continente Africano. A vida dos africanos foi profundamente marcada e transformada por essa experiência. Contudo, precisamos lembrar que essa abordagem teve também o efeito de trazer o Continente Africano para a modernidade ou de levá-lo até ela. Instituições, ideias e tecnologias que Portugal levou séculos para adquirir/dominar foram repassadas para suas colônias, mesmo que isso tenha ocorrido em um longo intervalo de quase 80 anos.

A partir de todo este debate, de certo forma marcado por uma dose de juízo de valor, devemos destacar um fato irrevogável referente às heranças coloniais que ainda hoje estão presentes na Angola independente. Como por exemplo: as fronteiras, a língua oficial e até mesmo a manutenção de um padrão de vida econômica, industrializada e moderna. A. S. Franchini e Carmen Segnanfredo (2008) deixam claro que a sociedade angolana é hoje uma mistura de herança, onde a tradição anterior a colonização se mescla com aquelas introduzidas pelo colonialismo, que automaticamente se mesclam na construção do novo e na busca do futuro.

Nos anos de 1960, tem início nas colônias portuguesas a ação dos Movimentos de Libertação Nacional, que se tratava de *Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde* (PAIGC), o qual era liderado por Amílcar Cabral; *Frente de Libertação de Moçambique* (Frelimo), liderada por Samora Machel; e o *Movimento para a Libertação de São Tomé e Príncipe* (MLSTP), liderado por Aurélio Martins. Todos esses movimentos eram apoiados em larga escala pelos países socialistas e que, de um modo ou de outro, tinham filiação com o marxismo. Porém, em Angola o quadro era bem mais complexo;

Paralelamente ao Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), chefiado por Agostinho Neto com programa de orientação ideológica semelhante à dos movimentos das demais colônias portuguesas, operavam dois outros movimentos, a Frente Nacional de Libertação Total de Angola (FNLA), liderada por Holden Roberto e a União para a Libertação Total de Angola (UNITA), que era liderada por Jonas Savimbi. Diferentemente do MPLA, a FNLA e a UNITA defendiam programas pró-ocidentais, mantendo também, embora de modo não hegemônico, certo enraizamento étnico: a FNLA com o grupo *bokongo*, e a UNITA, com os *ovibundo* (SERRANO e WALDMAN, 2010, p. 263).

Diante da crescente mobilização dos africanos em geral, as forças de ocupação simplesmente não foram páreo para os movimentos de libertação. Em abril de 1974, eclode a *Revolução dos Cravos*, que pôs fim ao regime fascista 42 anos depois do seu surgimento. Para os africanos, o fim do salazarismo significou a conquista da então sonhada emancipação política. Em alguns anos os Estados independentes substituíram as antigas colônias. Com rapidez semelhante a que o continente foi ocupado pelas potências, e finalmente os povos africanos se libertaram do jogo colonial português. No espaço de poucos meses, cinco novos países, tendo como língua oficial o português, surgiram no mapa político do continente.

Angola vista pelos olhos de um angolano

O segundo livro do autor angolano, José Eduardo Agualusa, *Estação das Chuvas*, que é dedicado à memória de Mário Pinto de Andrade, a princípio o nome desse autor angolano não desperta muita atenção em alguns leitores de Agualusa no Brasil, outras até chegam a confundir Mário Pinto de Andrade com o autor brasileiro Mário Raul Morais de Andrade, que foi um dos autores pioneiros da poesia moderna brasileira, acredito que essa pequena “confusão” se de apenas pela assinatura dos dois autores (os dois assinam como Mário de Andrade), visto que os mesmo vivenciaram momentos diferentes da história e as suas produções literárias também tem estilos bastante diferentes. Inicialmente acho relevante conhecermos um pouco sobre a vida e a obra de Mário Pito de Andrade, para que assim possamos compreender um pouco a sua relação com José Eduardo Agualusa.

Mário Coelho Pinto de Andrade nasceu no dia 21 de agosto de 1928 no Golungo Alto, na província do Kwanza Norte. Mario de Andrade era filho de José Cristino Pinto de Andrade, que foi um dos fundadores da Liga Africana em 1912, que era uma organização da sociedade civil onde os seus membros eram provenientes de organizações como a Liga Nacional Africana e a Associação dos Naturais do Sul de Angola. Essa geração, a qual o pai de Mario de Andrade fazia parte, foi definida por ele como *Lumpen aristocracia*. Esse termo foi explicado pelo próprio angolano em uma entrevista ao site *Caminhos da Memória*.

lumpen aristocracia caracterizava-se, nos anos 30, pela sobrevivência de pergaminhos familistas. Um grupo de gente que se reportava a um passado de participação na administração colonial, algumas funções na Igreja e no Exército e que ainda participavam das migalhas dessa existência [...] A *lumpen aristocracia* se, por um lado, vivia dos seus pergaminhos, por outro veiculava aos seus descendentes uma consciência nativista. Havia uma ambivalência, um certo orgulho de ter sido parte integrante dessa vida no meio do colonizador e, ao mesmo tempo, de ter estado na vanguarda de uma luta contra as discriminações de que foram sendo vítimas, no seio da problemática de qualquer colonialismo.⁷

O pai de Mário de Andrade era um funcionário aposentado e os seus amigos, que faziam parte da Liga Nacional Africana, também trabalhavam na área de administração. Foi nesse que começou a ser forma a sua concernência nativista.

O nacionalista angolano era dono de uma personalidade marcante, decorrente de sua vivência rural oferecida pela sua família e, principalmente, pelo seu ingresso no Seminário Católico de Luanda, onde estudou com grandes figuras do nacionalismo angolano, como o ex Cardial de Luanda D. Alexandre do Nascimento⁸.

Mário de Andrade sempre foi muito influente na sociedade luandense. Ainda muito jovem foi recrutado como professor de latim e português em vários colégios da sua cidade. Pelo fato de não ter formação acadêmica, seu reconhecimento era considerado um fenômeno para uma pessoa negra naquela época. Eram muito poucas as pessoas negras que tinha a possibilidade de estudar, pois havia regras rígidas impostas pela política do Governo Português.

⁷ Entrevista cedida por Mário Pinto de Andrade à Diana Andringa, publicada no site *Caminhos da Memória* no dia 09 de setembro de 2009. Fonte: <https://caminhosdamemoria.wordpress.com/2009/09/02/da-%C2%ABlumpen-aristocracia%C2%BB-a-luta-pela-independencia-15/>

⁸ D. Alexandre do Nascimento foi uma figura marcante do nacionalismo angolano devido a sua luta pela independência de Angola do domínio Português. Em 1961 foi exilado de Luanda, por conta da sua oposição ao autoritarismo português, residiu em Lisboa, com o apoio financeiro da Arquidiocese de Luanda até 1971, quando regressa a Angola. Em 1975 foi designado Bispo de Malanje e em 1977 assumiu o governo da Diocese de Lubango e logo depois foi sequestrado pelos guerrilheiros da UNITA devido a sua posição política.

Em 1951, juntamente com outros estudantes e intelectuais de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, criaram o Centro de Estudos Africanos, que tinha como principal objetivo refletir sobre as problemáticas importantes da África através das publicações de várias obras de ensino e poesia que exaltavam a cultura africana e a negritude foi a partir da maturação dessas ideias publicadas que deram início aos movimentos nacionalistas mais radicais das colônias portuguesas.

É neste recorte temporal que Mário de Andrade é inserido no enredo de Agualusa como um dos seus personagens. O ficcionista conta a trajetória de Mário na elaboração do caderno de *Poesia Negra de Expressão Portuguesa*, publicado originalmente em 1953, o qual ficou conhecido como a primeira manifestação da negritude nas literaturas africanas de língua português. No enredo, *Estação das Chuvas* (2012), as produções de Mário estão ligadas diretamente a personagem Lúcia do Carmo Ferreira, que também era poetisa e contribuiu na escrita e organização do caderno.

Começou tudo com uma grande discussão sobre a negritude. Mário Pinto de Andrade pretendia incluir alguns poemas de Lúcia numa coletânea de poesia negra de expressão portuguesa. [...] O *Caderno de poesia negra de expressão portuguesa* devia ser, dizia Mário de Andrade, “a primeira manifestação coletiva da negritude em língua portuguesa. A cabal demonstração de que os poetas negros de língua portuguesa começaram a trilhar um caminho próprio e exercitam também os seus timbres para cantar na grande sinfonia humana” (AGUALUSA, 2012, p. 60 à 61).

Em suas publicações Mário de Andrade deixava claro que os negros tinham mais do que direitos sobre o seu território (Continente Africano), tinham direito à sua própria identidade. Mário também abordava as ideias marxistas que davam uma base bastante sólida, para que os africanos pudessem compreender uma nova forma de luta, que seja uma luta unitária capaz de entender a complexidade da realidade colonial. Quando me encontrei com Agualusa em julho de 2017, tive a oportunidade de compreender melhor a passagem de Mário Pinto de Andrade em seu romance e o porquê da sua obra ser dedicada ao escrito Mário Pinto de Andrade;

-A passagem de Mário de Andrade nesta obra é ficcional?

- Não inteiramente ficcional, não me lembro exatamente que passagem, mas algumas referências a Mário Pinto de Andrade tem haver com histórias da vida dele que ele me contava.
- A principal passagem de Mário de Andrade no romance *Estação da Chuva* é quando ele passa a escrever e organizar o livro sobre os poemas negros...
- Essa foi uma passagem verdadeira, claro.
- O senhor estava envolvido com essa produção na época?
- Não, mas mais tarde, um pouco mais tarde, pouco tempo antes da morte do Mário, eu lembro que o Mário estava a trabalhar e a ideia era produzir um livro sobre isso, aí sim eu ajudei o Mário. Na época eu funcionava um pouco como secretário dele, passava as coisas que ele escrevia na máquina (máquina de datilografia) e fazia entrevistas. Lembro de ter entrevistado o Orlando Costa que o pai do atual Primeiro Ministro Português, que era um senhor originário de Moçambique, ele era um poeta que estava neste caderno da poesia negra. A intenção era entrevistar os antigos poetas, as pessoas que participaram desse caderno que ainda eram vivas na época e fazer um trabalho sobre o caderno. Na altura em que o caderno foi publicado teve uma grande influência no espaço da língua portuguesa de países africanos, mas depois o Mário morreu antes desse trabalho ser concluído e ele acabou se perdendo, eu acho (SIDRIM e AGUALUSA, 21/07/2017).

Em 1954, Mário de Andrade partiu para o exílio em Paris, onde acabou por conhecer outros círculos africanos. Foi chefe de redação da conceituada revista *Présence Africaine* entre os anos de 1951 e 1958.

Na década de 1960, tornou-se ativista político e exerceu o cargo de Presidente do Movimento Pela Libertação de Angola - MPLA, entre os anos 1959 e 1962, cedendo o poder para Agostinho Neto e se tornando o Secretário-Geral desse movimento, entre 1962 e 1972. A partir daí Mário Pinto de Andrade se tornou uma verdadeira referência para o nacionalismo angolano. No início dos anos 1970, chega a participar da luta armada, mas em 1974, véspera da independência de Angola, se posiciona contra o poder presidencialista do seu país ao questionar a ditadura imposta por Agostinho Neto, e como consequência, é forçado ao exílio, Mário de Andrade foge de Angola e só regressa ao seu país quinze anos depois, após o seu falecimento no dia 26 de agosto de 1990 em Londres.

Para que possamos compreender a importância de Mário Pinto de Andrade para a história do seu país, e consequentemente para José Eduardo Agualusa, vale a pena lembrarmos a fala de Agualusa em uma roda de conversa no evento da FLIP - Festa Literária Internacional de Paraty no dia 29 de julho de 2017.

Eu acredito que a literatura tem, e sempre teve, a capacidade de transformar o mundo e de melhorar o mundo. E dou sempre o exemplo de Angola, porque no caso de Angola o movimento independência, o movimento nacionalista, que cominou na independência do país foi precedido e foi preparado como um movimento cultural, por um movimento literário, então começou através da poesia, nasceu primeiro na poesia e depois deu origem ao movimento político e foi esse movimento político que conseguiu a independência política de Angola. E entre os homens que tiveram no princípio de tudo, eu conheço alguns deles, e tive o privilégio de ser amigo e de conhecer relativamente bem um dos principais fundadores do movimento que está hoje no poder em Angola, o Mário Pinto de Andrade. E eu lembro sempre do Mário que viveu a vida inteira exilado, porque ele viveu exilado antes, durante todo o período de luta contra o domínio português e não conseguiu nem passar a independência em Angola, teve que viver fora e todos os seus companheiros foram presos na altura da independência e ele nem conseguiu viver com o passaporte angolano, ele morreu com o passaporte estrangeiro [...] Foi recebido em outros países com grande destaque, enfim, mas não conseguiu nunca se quer ter um passaporte angolano, morreu sem um passaporte angolano, e lembro-me sempre do Mário dizer, referindo-se a situação de Angola “Não era isto que estava combinado, não era isto que nós tínhamos sonhado” sempre me lembro dessa frase⁹ (AGUALUSA, 29/07/2017).

Acho relevante fazermos mais uma incursão sobre a produção e os discursos nacionalistas africanos, destacando atuação desse movimento em Angola. E não podemos deixar de ressaltar a contribuição de Mário Pinto de Andrade, que foi considerado um dos mais importantes nacionalistas angolanos e ensaístas africanos do século XX e por ter sido o primeiro africano de língua portuguesa a elaborar textos críticos e estéticos-doutrinários sobre a poesia africana lusófona. O Ministério da Cultura de Angola decidiu criar o Prêmio de Ensaio Literário Mário Pinto de Andrade.

⁹ Este registro também está disponível em vídeo no site: <https://www.voaportugues.com/a/jose-eduardo-agualusa-lembra-mario-pinto-andrade-paraty-nao-foi-isto-que-combinamos/3967381.html>, acesso no dia 20/08/2017 às 17:46 hs.

O que importa, no entanto, é refletir sobre a atuação e o pensamento de Mário de Andrade sobre Nação e nacionalismo angolano, visto que o mesmo dedicou a sua vida a divulgar a cultura negra e se tonou um idealista do pan-africanismo. Vale ressaltar que essa atuação está presente, com grande destaque, no enredo do romance *Estação das Chuvas* (2012).

Andrade foi um dos primeiros influenciadores angolanos a abordar a necessidade de uma historicidade africana. Naquela momento, o objetivo principal de Mário de Andrade era contradizer a tese hegeliana, a qual afirmava que havia uma ausência sobre a História africana. Essa é uma questão muito polêmica, principalmente devido a complexidade dos trabalhos teóricos produzidos por Hegel (1770-1831)¹⁰.

Estação das chuvas a partir da ótica de Agualusa

Ao longo dessa escrita fiz um breve resumo sobre o enredo do romance *Estação das Chuvas*, que é o segundo livro escrito por Agualusa. É lançado em 1996 pela editora Dom Quixote em Lisboa, sete anos depois da publicação do seu primeiro romance *A Conjura*. Porém esse romance só chega ao Brasil em 2000 pela editora Gryphus .

Nesse momento, irei discutir a composição da obra *Estação das Chuvas*. A escolha desse romance, para ser discutido neste trabalho de dissertação, se deu inicialmente pelo meu apreço a esta obra, pois foi a partir da sua leitura que despertou em mim um maior interesse em conhecer melhor a história de Angola, principalmente o período de Guerra Civil do país, como também por permitir a possibilidade de

¹⁰ Hegel tinha uma imagem bastante negativa em relação ao Continente africano, ele afirmava em que os africanos eram seres selvagens, desprovidos de ideias e de caráter humano. Vale ressaltar que o posicionamento do filósofo alemão era construído, especialmente, sobre as bases dos preconceitos, esse posicionamento também era destinados a servir de justificativa tanto para o tráfico negreiro europeu, quanto para a “violência simbólica” que o substituiria depois. A obra *A Ideologia Alemã*, escrita em parceria com Karl Marx e Friedrich Engeles, entre os anos de 1845 e 1846, fazem uma crítica a filosofia Alemã que era propagada na época e aos autores que as representavam, entres essas obras destaca-se o trabalho de Hegel, *Filosofia da História* que foi publicado em 1837, sei anos após a sua morte. Esse foi um dos últimos trabalhos produzidos pelo filósofo alemão e é considerada uma das obras mais importantes de sua carreira, é nela em que Hegel expressou a sua opinião ao sobre o Continente Africanos.

propormos descorções plurais sobre a sociedade angolana e os efeitos que a colonização portuguesa trouxe ao país.

Nesse momento, aproveitarei para abordar, com maior intensidade, a entrevista que tiver a oportunidade de fazer com Agualusa no dia 21 de julho de 2017. Na entrevista, que aqui será apresentada, o ficcionista discute seu métodos de pesquisa, a exposição, suas intenções ao escrever o romance *Estação das Chuvas* (2012), como também nos esclarecem alguns pontos do seu trabalho.

Iniciei a nossa conversa falando um pouco da minha experiência como leitora dos seus livros e artigos que são publicados no Brasil, além disso, informei-o sobre as diversas pesquisas que vem se desenvolvendo ao longo dos anos a partir de seus romances em diversas universidades pelo Brasil. Aproveitei, ainda, a oportunidade para relatar os trabalhos que venho desenvolvendo nos últimos tempos utilizando os seus romances como principal objeto de pesquisa, também discutimos as minhas intenções/ideias para a composição dessa dissertação, as quais foram submetidas ao processo de seleção deste programa, que inicialmente tinha como título *O historiador Agualusa e os outros*, nesse momento percebo uma expressão de espanto em seu rosto. Questionei se em algum momento ele pensou que, a partir da produção dos seus romances, ele pudesse ser comparado à função de um historiador:

Não, não, não. Deus me livre, não (risos), isso é muita responsabilidade. Não, o que eu pretendi, mais uma vez, foi dar a conhecer, no caso de “Estação das Chuvas”, a história recente de Angola naquela época, hoje não, porque hoje surgiram imensos livros e muita coisa mesmo. Mas naquela altura, quando eu escrevi este livro, havia um silêncio absoluto sobre a história de Angola, aí sim. Esse é o primeiro livro que trata das perseguições as forças políticas de esquerda de Angola depois da independência, até então não havia nada. Além de não haver nada também havia um silêncio absoluto em torno dessa questão, era um tabu em Angola, um tabu completo. Isso mudou completamente nos últimos anos, surgiram muitos livros sobre o tema, fizeram as palestras, os debates, a imprensa tem publicado relatos e testemunhos e etc. Mudou muito, e hoje sabe-se muito mais do que naquela época, mas quando eu escrevi este livro não se sabia mesmo, quer dizer as pessoas que agiam direto sabiam, sabia-se que tinha morrido muita gente, que muita gente tinha estado presa, mas não se conheciam as histórias dessas pessoas. Então, sim, a “Estação das Chuvas” foi o primeiro livro a trazer isto (AGUALUSA, 21/07/2017).

Apesar de diversos autores, como vimos ao longo desse trabalho, discutirem os motivos que levaram a Guerra Civil de Angola e suas consequências ainda há uma grande escassez de informações e debates sobre o período da colonização portuguesa, esse foi um dos motivos qual achei relevante discutir o cenário colonial de Angola no início desse capítulo.

Na obra *Estação das Chuvas* (2012), Agualusa faz, por intervenção da memória, uma tentativa evidente de representar as diversas situações, vivenciadas pelo povo angolano, a partir da personagem principal do seu romance, Lília do Carmo Ferreira. Mesmo que de forma fragmentada o romancista tenta “reconstruir” e consequentemente problematizar as representações das memórias deixadas pelo período colonial e a formação da identidade dessa nova nação, agora independente.

A vida de Lília é apresentada ao logo do romance, de uma forma muito linear se comparada aos fatos históricos de Angola. Ao longo do enredo, há uma minuciosa investigação e discursão sobre a história do país, utilizando-se de um monólogo do jornalista que se dedica a relembrar a vida da poetisa e historiadora, descrevendo a trajetória da personagem sobre uma complexa e interminável investigação. Sobre esses questionamentos, Agualusa afirma que a Guerra não foi tratada nesse romance de forma fictícia e sobre a sua personagem principal ele esclarece:

Eu acho que ela tinha quer ser poetisa porque a poesia foi muito importante para a formação do movimento nacionalista, o movimento nacionalista começa por ser um movimento cultural, um movimento literário com vários poetas envolvidos como Agostinho Neto e o Viriato da Cruz, que são grandes nomes da poesia em Angola, mas também grandes nomes do nacionalismo angolano. Então, de fato o nacionalismo angolano moderno e contemporâneo forma-se, nasce, através da poesia, portanto fazia sentido que a Lília fosse poeta [...] Historiador também, no sentido em que o livro aborda a história, e por isso fazia sentido ela também ser historiadora (AGUALUSA, 21/07/2017).

No decorrer das décadas de 1950 e 1960, surge a materialização artística o que poderia vir a ser apontado como a “bandeira” do nacionalismo angolano. Nesse período, observa-se a demanda pela organização política com a formação de um projeto artístico

nacionalista. A literatura, como vimos no primeiro capítulo, ultrapassou em determinados momentos os limites da simples escrita literária/fictícia.

Uma vez reconhecida à independência de Angola em 1975, e assim terminada a Guerra de Libertação, o cultivo do sentimento de esperança e a crença de um futuro mais digno pelas letras angolanas repercutem nos primeiros momentos dessa nova fase.

- Neste momento, a poesia surgiu entre a juventude como o mais obvio caminho de afirmação cultural:

- Tiravam-nos tudo, a dignidade, as terras, os homens. E no fim o próprio rosto – disse-me Lúdia -, tiravam-nos tudo o passado e nós olhávamos em volta e não éramos capazes de compreender o mundo.

Então começamos a escrever poesia. A poesia era um destino irreparável, naquela época, para um estudante angolano.

[...] Os jovens poetas tinham a consciência do seu papel messiânico.

- Escrevíamos para a História – disse-me Lúdia (AGUALUSA, 2012, p. 48-49).

Lúdia sempre foi uma personagem muito ambígua. Apesar das diversas afirmações do autor sobre a personagem do seu romance ser fictícia, ainda circula por diversos sites na internet com afirmações de leitores e de pessoas que se definem como críticos literários, que a personagem descrita por Agualusa era real. Como leitora, confesso que nunca me angustiei com esses debates, mas sempre me questioneei como surgiu essa personagem que, para mim, é ficcional.

Sim, sim, há essa confusão, eu acho que por várias reações ela poderia ser real, começa por aí não é! E porque o livro incorpora personagens da história de Angola, portanto essa mistura da realidade com a ficção provocou alguma confusão. Ela baseia-se em vários personagens na verdade, de um lado Mário Pinto de Andrade que foi uma pessoa com quem eu privei, um amigo que foi muito importante para minha formação, quero como escritor e quero como pessoa. Na verdade eu escrevi o livro quase que como uma tentativa de continuar o diálogo com o Mário que eu perdi depois da morte dele, não é. Então a Lúdia tem muito a ver com a figura do Mário mesmo. No lado da poesia, eu lembro que li, na altura, muitas entrevistas e muito material sobre uma poetisa portuguesa a Sophia de Mello Breyner, então eu acho que ela tem alguma coisa a ver com Sophia, nunca tinha dito isso, mas a Lúdia vem também da Sophia (AGUALUSA, 21/07/2017).

O romance *Estação das Chuvas* (2012) aborda principalmente os movimentos políticos de Angola no período da Guerra Civil, como Frente Nacional de Libertação Total de Angola - FNLA, União para a Libertação Total de Angola - UNITA e dando um grande destaque ao Movimento Popular de Libertação de Angola – MPLA. Algumas vezes me questionei se houve alguma participação de Agualusa nos movimento político do seu país: sobre isso, o autor nos esclarece:

Não, diretamente eu não fazia parte dos movimentos políticos, mas tinha amigos envolvidos, então, os meus amigos estavam quase todos na extrema esquerda, em um movimento que acabou sendo dissolvido, que era a OCA - Organização Comunista de Angola. Saiu agora recentemente em Portugal um livro de uma historiadora falando exatamente sobre a destruição dos movimentos políticos da esquerda depois da Independência, eu ainda não li, saiu agora enquanto eu estava aqui. Mas os meus amigos é que participavam (AGUALUSA, 21/07/2017).

Esses três principais movimentos de independência de Angola, citados anteriormente, utilizavam a propaganda e a diplomacia para aumentar suas forças políticas frente à sociedade angolana, esses métodos passaram a ser tão importantes para esses movimentos, quanto a luta militar que faziam parte, conhecida como guerra de guerrilhas. Assim como Agualusa, também iremos dar maior destaque ao MPLA em nossa discussão, ressaltando que nessa fase da luta, período da independência de Angola, o MPLA chegou a elaborar um programa com informações sobre as intenções desse movimento o qual circulou pela sociedade angolana.

[...] pleiteava não só a independência imediata e completa, a liquidação de todo os vestígios de relação colonialistas e imperialistas, mas sobretudo explicitava a ideia de frente de luta, com a pretensão de agregar diferentes forças políticas que tivessem como objetivo primeiro a independência angolana. Destaca-se também, até como reforço dessa proposta aglutinadora, a advertência quanto à necessidade de não se fazer distinção ética, de classe, sexo, tendência política, crença religiosa e convicção filosófica, tanto no que diz respeito à unificação da luta independentista quanto no tocante à soberania do Estado angolano (BITTENCOURT, 1999, p. 104).

O programa, citado anteriormente, se completaria por escolher um regime republicano, democrático e laico para ser instalado em Angola. Ainda tinha a proposta de realizar uma reforma agrária no país.

Ainda segundo Marcelo Bittencourt, em maio de 1975 um grupo de militares do MPLA chegou a divulgar um comunicado, que para muitos foi visto como um apelo a todos os militares e a todos os quadros do MPLA com as assinaturas de diversas pessoas; como Mário de Andrade, Hugo de Meneses, Eduardo dos Santos, entre outras, que eram vistos como líderes desse movimento. Na ocasião, o MPLA propunha a sua união com os demais movimentos que tinham interesse em somar força na luta pela independência. Surgia, nesse momento, uma aliança entre mestiços, brancos e negros, porém esta aliança acabou por fracionar o MPLA, visto que as divergências ideológicas, as diferenças raciais e de escolaridade passaram a ser utilizadas em panfletos anônimos que circulava na época, os quais desqualificavam a direção, definindo-os como “intelectuais mestiços”. Segundo Marcelo Bittencourt:

Isso não impediu que o argumento de ordem racial fosse acionado por outras instâncias. Ele estaria explícito, por exemplo, em panfletos anônimos, de militantes que apoiavam a direção e, especialmente, o presidente Agostinho Neto, como o citado por Mabeko Tali [...], no qual se afirma que os revoltosos teriam dito: “Nós os dissidentes, além de sermos MESTIÇOS na cossa maioria, somos muito civilizados” (BITTENCOURT, 2002, p.607).

O aumento de pessoas que se declaravam contra o MPLA acabou por gerar uma crise nesse movimento, porém não impediu a realização do Congresso de Lusaka, que ocorreu entre os dias 12 e 26 de agosto de 1974. E nesses debates se fortaleceu o nacionalismo africano. Nesta altura, a literatura angolana tornava-se o trilho a ser percorrido com a finalidade de sugerir uma não de unidade, que, na ocasião, se fazia necessária para o fortalecimento da sua própria identidade que por tanto tempo abafava dilemas coloniais.

De acordo com a obra de Rita Chaves, *Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários* (2005), o passado não deixa de ser revisto, pelo contrário, o passado passa a ser visto como uma das particularidades do panorama

estético, apontando a possibilidade de “traze o ontem” para o presente como uma fonte para o questionamento sobre os anos de lutas que levaram a independência de Angola.

Após a independência, a essa noção de passado instaurado no período pré-colonial, junta-se outra. A euforia da vitória converte em passado o próprio tempo colonial. É o momento de centrar-se nesse período como forma de engrandecer o presente. A celebração eleva as antinomias: aos heróis do passado remoto se vão avaliar os heróis que participaram na construção desse presente em contraposição àqueles que o disse colonialista apresentava como vencedores do mal (CHAVES, 2005, p.53).

Acredito que não se pode abandonar o pacto com a tradição colonial tão fácil, na verdade, para ocorrer tal alteração, seria necessário reinventar a linguística do Português que foi imposta pelo colonizador aos angolanos.

A independência de Angola

Para compreender melhor a produção literária de José Eduardo Agualusa, compreendemos ser essencial fazermos uma breve discursão sobre a história de Angola no período da colonização portuguesa, para que assim possamos compreender com mais clareza os movimentos revolucionários que se formaram no final da colonização e se propagaram no período de guerra civil, momentos estes que estão presentes na obra *Estação das Chuvas* (2012).

No dia 11 de novembro de 1975. Angola se torna oficialmente livre do governo português, em seguida, sob a direção de Agostinho Neto, o Movimento Popular de Libertação de Angola – MPLA proclama a independência do país, assumindo o poder e instaurando uma ditadura. A primeira guerra pela independência de Angola estava terminada. No entanto, até os dias atuais, não é tarefa fácil falar da história de Angola nessa época. Quase 45 anos depois da independência de Angola, as obras produzidas por diversos autores, sobre o MPLA, ainda são discutíveis. E o romance *Estação das Chuvas* (2012) não é exceção a esta regra.

Como leitora e, principalmente fã dos trabalhos produzidos por Agualusa, inicio a nossa conversa, sobre o romance citado anteriormente, esclarecendo algumas dúvidas que tenho desde 2012, quando li *Estação das Chuvas* (2012) pela primeira vez: “Como foi a elaboração do romance *Estação das Chuvas*? O senhor escreveu esta obra em Angola? Qual foi o motivo para a escolha do título *Estação das Chuvas*?” (SIDRIM, 21/07/2017). Confesso que, a esta altura, já tinha criado diversas teorias que pudessem responder as minhas perguntas, mas a resposta de Agualusa foi bem mais satisfatória.

Não, eu não escrevo em Angola. Na verdade eu fiz entrevistas com uma série de pessoas, uma series de amigos meus que ficaram presos, então o essencial do livro tem a ver com essas entrevistas, mas naturalmente eu li muito, li os poucos livros, que como eu havia dito não havia muita coisa escrita na altura, mas havia alguns livros de testemunhos, não haviam muitos, mas haviam alguns. [...] Eu lembro que esse titulo surgiu a partir de algumas conversas que eu tive com o Eduardo de Carvalho, um grande poeta angolano, e o Eduardo tinha uma tese de que a estação das chuvas, que era formada pelo acúmulo de chuvas com altas temperaturas porque a estação de chuvas em Angola acontece em um tempo muito quente, e esse excesso de calor e chuvas provocavam um excesso de energia no ar e as pessoas se tornavam mais violentas e portanto os grandes crimes passionais ocorreriam nas estações das chuvas e os grandes crimes políticos também ocorriam nesses épocas porque existe um excesso de energia no ar (AGUALUSA, 21/07/2017).

O livro *Estação das Chuvas* (2012) inicia-se retratando uma noite chuvosa no dia 11 de novembro de 1975. Nesse momento, a personagem Lídia acorda assustada com os fogos e o barulho das pessoas em festa, naquele momento Angola estava livre do domínio português, mas Lídia não se sentia uma pessoa livre.

Abriu os olhos e viu o grande relógio de pêndulo preso à parede. Passavam vinte minutos da meia-noite. Angola já era independente. Pensou naquilo e admirou-se por esta ali, deitada naquela cama, na velha casa das Ingombotas. O que fazia naquele país? Pergunta inútil, que todos os dias a atormentava. Mas naquele momento tinha um outro sentido: o que fazia ela ali? Estava lucida e não sentia nada, nem a amargura dos derrotados, nem a euforia dos vencedores (naquela noite era as duas coisas ao mesmo tempo). [...] Sentou-se na cama, estendeu a mão e tirou da mesinha de cabeceira um pequeno caderno de capa preta, comprido, desses onde os merceeiros anotam a lápis as contas do dia. “Lá fora a vida acontece”, escreveu. Riscou a frase e voltou a escrever: “Lá fora a vida acontecia/ em seu interior e bruto

esplendor.” Depois de fazer um círculo à volta dos dois versos e acrescentou a data: “11 de novembro de 1975” (AGUALUSA, 2012, p. 15 e 16).

Agualusa, vivenciou uma pequena parte do período de colonização de Angola e acredito que também tenha vivenciado o processo de “libertação” do seu país. Será que de alguma forma a sensação descrita pela personagem Lúcia era a mesma do ficcionista?

- Sim, sim, nossa, com certeza. Eu acho que... (breve silêncio). Eu era muito novo na época, eu tinha apenas 15 anos, mas quando Angola obteve a independência a sensação que tive, que eu acho que todos tivemos na época era de um lado uma grande euforia, porque aquele era um dia histórico de libertação e etc, mas era também um dia de grande inquietação, e já havia essa inquietação e esse medo de que o país caísse em mãos totalitárias.

- O senhor apesar da pouca idade, no momento da independência de Angola, vivenciou um pouco esses dois lados...

- Sim, sim.

- O senhor notou a diferença durante esses dois períodos?

- Sim, claro. As diferenças são totais e absolutas. Angola se tornou dois países distintos, não é? Porque no período colonial havia uma grande injustiça colonial ativa para todos, não é? Essas injustiças eram praticadas por quem estava no poder, que eram os portugueses ou os representantes de Portugal que viviam em Angola e havia uma sociedade colonial instalada em nosso país e após a independência tudo muda porque esse poder muda de mãos, os angolanos tomam conta do poder do país, e isso muda completamente. Só esse fato já muda tudo, não é! Mas também o próprio sistema político mudou, passamos de um sistema capitalista para um sistema marxista, onde tudo estava nacionalizado e a economia passou a ser totalmente controlada pelos Estados. Então o país mudou da noite para o dia, completamente. Na verdade eu vejo como dois países completamente diferentes (AGUALUSA, 21/07/2017).

No campo político-ideológico, o MPLA, a UNITA e a FNLA foram os movimentos que sustentaram a luta pela independência e vieram a revelar-se muito próximos uns dos outros. As diferenças não se punham ao nível programático, mas, em matéria de estilos de liderança, de composição e origem dos dirigentes e disputas no plano internacional. Assim se entende que, em plena época de ideologias, muitos dos

políticos angolanos tinham transitado de uns movimentos para outros sem necessidade de qualquer conversão política. Como por exemplo, Jonas Savimbi, que saiu da FNLA passou a frequentar as reuniões do MPLA e logo depois criou a UNITA. Daniel Chipenda, que saiu do MPLA e foi para a FNLA onde mais tarde volta a fazer parte do MPLA ou mesmo o Viriato da Cruz que sempre fez parte do MPLA e, por ter se afastado de Agostinho Neto, militou na FNLA.

Toda essa circulação entre os membros dos três movimentos políticos estão descritos ao longo da narrativa de *Estação das Chuvas* (2012). Agualusa relata, ao longo do enredo, a vivência de Lúcia com os amigos que fazem parte desses movimentos. O literato ainda descreve o descontentamento de sua personagem principal com o MPLA, Lúcia se posiciona totalmente contra as ideias deste movimento, e como consequência ele é exilado de Angola.

Segundo Svem Rydnfelt, *Crise nas Economias Socialistas* (1987), não há outra razão para manter o MPLA no poder, senão a incompetência da sua oposição, em que podemos ressaltar a UNITA que, após a independência de Angola, inicia-se uma segunda Guerra Civil, disputando com o MPLA o poder político do país. Porém, as estratégias militares utilizadas pela UNITA, chegou a causar um prejuízo incalculável à sociedade angolana e, como consequência, a UNITA entregou de bandeja o poder total de Angola ao MPLA.

Agualusa, quando questionado sobre as intenções com a produção da obra *Estação das Chuvas* (2012), o literato nos esclarece que:

- A minha expectativa era que o livro relançasse uma repercussão maior sobre a repressão política em Angola e sobre tudo o que aconteceu em 27 de maio de 1977 e foi exatamente isso que aconteceu.
- O senhor chegou a ser repreendido de alguma forma?
- Aí sim, sim claro, eu cheguei a sofrer várias campanhas na imprensa, de todo tipo de campanha que você possa imaginar, todas muito agressivas.
- De alguma forma essas campanhas chegaram a abalar a sua produção?
- Não, nunca (AGUALUSA e SIDRIM, 21/07/2017).

A partir da leitura desse romance, passei a me questionar qual seria a visão/posicionamento de Agualusa sobre o MPLA? Visto que esse movimento político pregou durante muitos anos a ideia de liberdade em um período de Guerra Civil, porém após a independência do país, o MPLA instaura uma ditadura em Angola. Será que ficcionista chegou a apoiar esse movimento?

Sim, sim. Bem, eu era muito novo na época, quando a independência de Angola acontece eu tinha apenas 15 anos, então, antes disso eu não tinha participação política, na verdade a participação política que eu tive em Angola foi bem depois da independência e minha participação foi através das pessoas que eu conheço e conhecia na época e etc. Eu acho que o MPLA teve várias fases, onde em uma fase inicial esse movimento era constituído por pessoas que tinham uma grande integridade moral e eram extremamente idealistas, como era o caso do próprio Mario Pinto de Andrade, do irmão dele Joaquim Pinto de Andrade, do Viriato da Cruz e etc. Depois aconteceu com MPLA o que aconteceu com tantos movimentos de esquerda no mundo, que quando tomaram o poder se transformaram. E já haviam muitas pessoas nesse movimento que tinham um viés totalitário, portanto, ao tomarem esse poder total, acho que essa vocação totalitária assentou-se, e o MPLA começa a perseguir os seus próprios militantes, acho que ainda antes da independência, quem sabe?! (AGUALUSA, 21/07/2017).

O Movimento Popular de Libertação de Angola - MPLA conseguiu criar no país uma ditadura quase perfeita e com aparência de democracia, visto que os componentes desse movimento “manipulavam” as eleições. O governo do MPLA tem legitimidade que não decorre do voto, mas de algo talvez mais profundo e menos mensurável, como a identidade de objetivos e uma linguagem comum entre os diversos países que estão na mesma situação governamental.

Atualmente, o povo angolano é definido como uma sociedade pobre, analfabeta e sem cultura democrática, apesar do território angolano ser rico em pedras e metais preciosos. Isso se deve ao fato de que o povo angolano não ter consciência do seu poder como sociedade e o alcance do seu voto. Uma coisa é fato; Agualusa não reconhece o governo do MPLA como um governo legítimo. A sua opinião sobre o Atual governo de Angola é clara e objetiva:

O problema de Angola hoje é questão da democratização, de não haver uma democracia. Eu tenho tido problemas com o regime por me opor a essa situação, então eu não vivo em Angola por isso. Até vou à Angola com alguma frequência, mas agora eu já não vou em Angola há dois anos e meio, mas porque é sempre uma situação muito complicada, eu nunca sei se vou conseguir sair do país depois, se posso ser impedido de sair do país e etc. Enfim, Angola não é uma democracia e essa é a única razão pela qual não tenho retornado a Angola, mas enfim, tenho familiares e tenho filhos em Angola (AGUALUSA, 21/07/2017).

O percurso histórico do MPLA foi marcado pela exclusão de diversas pessoas que se declararam descontentes com o seu governo, como por exemplo: Mário Pinto de Andrade, Matias Migueis, Viriato da Cruz, entre outros. Na literatura produzida por Agualusa o MPLA é responsável pela extradição de Lúcia do Carmo Ferreira, personagem que também se posicionou contra o movimento comandado por Agostinho Neto.

Em 1992, a Guerra Civil de Angola é interrompida para a realização da primeira eleição presidencial democrática do país. Para as eleições ocorrerem o MPLA, partido que continuava no poder, e a UNITA tiveram que assinar um Acordo de Paz para Angola, que era necessário para a formalização das inscrições como Partidos Políticos no Tribunal Superior. Porém, a UNITA não aceita a vitória do MPLA e a Guerra Civil recomeça, e continua até abril de 2002. Mesmo com o fim da Guerra Civil o MPLA mantém-se no poder até os dias de hoje.

No enredo literário construído por Agualusa neste cenário citado anteriormente, a personagem Lúcia desaparece a caminho do lançamento do seu livro e não chega ao destino, assim o romance se encerra. Finalizo a minha conversa com o autor angolano esclarecendo as minhas últimas dúvidas sobre o seu trabalho;

- O Romance *Estação das Chuvas* aborda a Guerra Civil de Angola e tem um recorte temporal de 1975 à 1992. Ele é lançado em 1996, porém a Guerra Civil só termina em 2002. O senhor, juntamente com a sua família, saem de Angola em 1975, quando se inicia a Guerra. Gostaria de saber em que momento o senhor retorna a Angola e quais são suas memórias, lembranças, desse período?

- Eu retornei para Angola na altura em que publiquei o livro *A Conjura*, já não lembro o ano...

- Foi em 1989.

- Exatamente, porque eu voltei ainda era o tempo do Partido Único, e as primeiras eleições foi em 1994, eu conheci a minha mulher durante a primeira eleição.

- A primeira eleição foi em 1992, não!?

- Certo, as eleições foram em 1992, você tem razão.

- Foi nesse período em que Lúdia desapareceu. Eu sempre esperei a continuação desse romance, a *Estação das Chuvas 2*.

- Ahahahaha (risos) para ela reaparecer!? Hahahahaha (risos)

- É. Sempre tive esperança que alguém encontraria a Lúdia. O senhor não tem curiosidade de saber o que aconteceu com ela?

- Pode ser, um dia. Às vezes penso que sim, um dia quem sabe. Com todo o material que saiu sobre esse drama de 27 de maio e etc... Eu poderia reescrever o livro, isso sim. Às vezes tenho vontade de reescrever três livros, porque entretanto ficou a saber-se muito mais nos dias de hoje, hoje tenho mais material e base de apoio para escrever. Um dos livros é *Estação das Chuvas* e o outro é *Nação Crioula*. Até porque eu escrevi um roteiro para cinemas do livro *Nação Crioula*, e no entanto escrevia o roteiro tive uma série de ideias boas que davam outro livro, muito boas mesmo. *Nação Crioula* realmente é um dos livros que eu gostaria de reescrever, talvez eu faça isso. Também gostaria de reescrever o *Milagrário Pessoal*, por conta da personagem feminina eu gostaria de deixá-la um pouco mais complexa. Mas são três livros que nunca fiz isso, mas há uma grande possibilidade de um dia fazer isso (SIDRIM e AGUALUSA, 21/07/2017).

Encerro o nosso encontro agradecendo imensamente a disposição que José Eduardo Agualusa teve ao me ceder um pouco do seu tempo, que na ocasião era bastante corrido, para falarmos sobre o meu trabalho de pesquisa, visto que o literato está no Brasil para o lançamento do seu romance mais recente: *A Sociedade dos Sonhadores Involuntários* (2017).

Quem agradecer sou eu, fiquei muito feliz em saber do seu trabalho, espero que eu tenha ajudado. Lhe desejo muita sorte em sua pesquisa (AGUALUSA, 21/07/2017).

As literaturas pós-coloniais na contemporaneidade

O deslocamento entre o real e a ficção que torna a literatura pós-colonial de Agualusa uma fonte histórica que, segundo Roger Chartier (2002), insere-se nas práticas e representações culturais do mundo que o cerca, pois identifica como em diversos lugares uma realidade social é construída, pensada e dada a ler.

O interessante é que José Eduardo Agualusa se faz compreender pela forma como constrói o seu enredo. No seu trabalho o romancista imprime suas memórias, cria personagens que vão “recriando” assume um destaque literário próprio e se apropria de um campo fecundo que o faz transitar por caminhos diversos que só a literatura é capaz de lhe fornecer, por exemplo, os relatos da Guerra Civil de Angola, que é o tema central do enredo do romance *Estação das Chuvas* (2012), que é o nosso principal objeto de análise dessa dissertação e que iremos discutir de forma mais densa no nosso próximo capítulo. Temos como objetivo compreender esse romance como uma fonte para o conhecimento histórico, tornando-se assim uma possível fonte que venha a auxiliar no ensino de história.

Inicialmente não poderíamos deixar de ressaltar a impotência das produções literárias pós-coloniais na contemporaneidade, e através desse debate podemos compreender que para escrever literatura pós-colonial, é necessário muito mais que criatividade com o enredo e os personagens. É preciso reunir práticas e sabores que envolvam simultaneamente o trânsito entre a compreensão do cenário histórico e os aspectos técnicos da linguagem literária.

Confesso que discutir e definir os conceitos das literaturas pós-coloniais produzidas no Continente Africano não é tarefa fácil, visto que este estilo literário envolve relações contraditórias, idealizações, homogeneidade e lutas em torno do debate teórico e político sobre esse conceito. Neste sentido entendo que a literatura africana não pode ser definida inicialmente como imutável e homogenia, por isso, torna-se necessário refletirmos sobre o entendimento do conceito pelos grupos de estudos que exercem influência no meio acadêmico. Por isso se fez relevante abordamos alguns trabalhos produzidos no meio acadêmico, sobre as obras de Agualusa, em diversas arias de estudos.

No terceiro capítulo será debatido as diversas colaborações que as literaturas pós-coloniais, em especial as literaturas produzidas por Agualusa, trazem para o conhecimento da história e as possíveis possibilidades de se trabalhar com essas literaturas na educação básica. No nosso país, a produção literária a cada dia marca uma maior presença nas escolas, nas bibliotecas escolares e nas atividades dirigidas, porém a utilização das literaturas, em geral, que estão sendo trabalhadas nas salas de aula ainda são utilizadas de forma eurocêntricas.

Nos últimos anos, têm sido realizadas mais iniciativas em prol da *afroeducação* do que na totalidade do passado recente. No entanto, mesmo constituindo motivo de empolgação, os programas alcançados não negam que muito há de ser feito e realizado neste campo. Apesar da existência de uma lei que, hoje, frisa a obrigatoriedade de um conteúdo pedagógico programático focado no continente africano, que é a Lei nº 10.639¹¹. O conhecimento do continente africano ainda merece muito aprofundamento e aguarda efetivação concreta.

¹¹ Lei publicada no *Diário Oficial da União*, nº8, de 10 de janeiro de 2003 (sexta-feira), Seção 1, p.1. Ver reprodução integral dessa lei na Seção de Documentos desta publicação.

III - ENSINO DE HISTÓRIA E LITERATURA: RELAÇÕES POSSÍVEIS

Eu penso que a força e a originalidade de um genuíno romance angolano só se poderá conseguir através da sábia mistura entre o imaginário e a realidade, porque é assim que nós somos (José Eduardo Agualusa).

Neste capítulo, pretendo trabalhar algumas temáticas que podem ser exploradas no ensino de História, bem como quais são as relações educacionais que podemos construir utilizando a literatura africana produzida por Agualusa. Por essa razão, discutirei inicialmente questões relativas à literatura como fonte histórica, procurando explicitar as possibilidades de abordagem didática das teorias e das literaturas pós-coloniais. Em seguida, faço uma breve introdução, para meus leitores e professores da escola básica que venham a ler este trabalho em que explico como se deram as estratégias da produção dos estudos pós-coloniais. Acho importante citar esses referenciais teóricos pois, normalmente, os estudos pós-colônias são pouco trabalhados no processo de formação dos professores de História nas universidades brasileiras.

Passei, então, a trabalhar diferentes conceitos que são importantes para o ensino de história e que podem ser explorados pelos professores das escolas básicas quando eles se dispuserem a trabalhar com a literatura de Agualusa como fonte didática. Discuto, dessa forma, os conceitos de identidade, de nação, de colonialismo e de independência. Além disso, exponho que por meio da literatura é possível trabalhar em sala de aula conceitos gerais como: memória, cultura e história sob uma ótica literária de acordo com a legislação étnico-racial direcionada ao ensino.

Ao utilizarmos a literatura como fonte de ensino de história é importante caracterizarmos que os textos literários tanto podem designar obra de imaginação, como designar um conjunto de obras referentes a um período histórico e um período estético-cultural. O que pode ainda ser entendida segundo um critério político-ideológico, pois referem-se ao conjunto de obras de um país e a bibliografia referente a uma determinada área de estudo.

Tal amplitude conceitual possibilitada pelo trabalho com literatura como fonte documental para o ensino pode embaralhar qualquer tentativa de uma definição apenas

dentro de uma disciplina. Por essa razão, ao utilizarmos os textos literários em sala de aula, fazemos essencialmente um estudo interdisciplinar. No entanto, é consensual, no campo das humanidades, a ideia de que a literatura tem a ver com o uso estético da linguagem verbal, embora não se reduza a isso. O critério estético funda, assim, o conceito de literatura. Literatura é arte e arte verbal e o escritor, (que pode ser definido como poeta, romancista, contista, novelista e dramaturgo) é um artista, o artista do verbo.

A princípio seria lógico pensar, de forma eurocêntrica, que os estudos literários deveriam se concentrar sobre aquilo que constitui a especificidade da literatura: a dimensão estética dos textos. Durante muitos anos propagou-se que o papel do professor seria o de desenvolver o interesse dos alunos pela leitura literária e apreciar a “beleza” das obras literárias. Confesso que durante muitos anos me questionei se esses objetivos eram realizáveis.

Não se deve, portanto, confundir a pergunta “Por que ler as obras literárias?” com a pergunta “Por que fazê-las serem estudadas?”. A distinção é necessária, pois em diversas ocasiões, a literatura pode ser vista como uma transfiguração do real, sendo nela retratados os sentimentos humanos e as diversas formas de relação do homem com aquilo o que sente. Na literatura, está as verdades de uma mesma condição humana o que possibilita ao homem, ao ver seus costumes retratados, uma reavaliação da postura que assume. Muitas vezes, a leitura pode se fundir em um entendimento árduo que permite a deriva da imaginação e a intenção do ensino, que se empenham em fazer surgir novos saberes. A literatura pode nos proporcionar prazer, entretenimento ou constituir-se numa busca sobre a condição humana.

Com o passar dos anos, os especialistas, em estudos literários, passaram a trabalhar a literatura como disciplina científica e não mais como uma disciplina artística. É verdade que o esforço da teorização feito, nas últimas décadas, favoreceu uma notável melhora dos comentários sobre os fenômenos literários do ponto de vista de sua sistematicidade. Porém, fica claro que a pesquisa em matéria de literatura como fonte para o ensino de diferentes disciplinas carece de tradição e que ela tende sempre a recordar seu passado artístico, sobretudo, à medida que ela continua a imitar o discurso normativo do escritor e da crítica.

Outra debilidade do conjunto da pesquisa literária é a visão eurocêntrica que está por trás da produção de conhecimentos relativos as relações entre literatura e ensino. Acredito que a tentativa de aplicar os novos modelos teóricos às literaturas e às culturas de outros continentes revela até que ponto nossas pesquisas foram influenciadas pelo pensamento ocidental que guardou a nostalgia do pensamento universalista do século XVIII.

O estoque de obras, escritores, gêneros, convenções e culturas, em que se baseiam as teorias recentes, quase não foi renovado. Um dos paradoxos da renovação dos estudos literários é que, para embasar seus fundamentos teóricos, tenham continuado a utilizar os trabalhos de síntese mais enfaticamente recriminados, a começar pelas histórias das literaturas, que continuam sendo indispensáveis fontes de informação, mas infelizmente limitadas. Ao se falar em pesquisas literárias para o ensino, acredito que nenhum conceito parece mais comprometido e, apesar de tudo, mais atual, do que o conceito de Literaturas Nacionais. Esse conceito continua a representar a maioria dos programas de ensino e de pesquisa do mundo inteiro.

Nas últimas décadas, tornou-se comum entre os pesquisadores de literatura abordar a literatura como um tipo de comunicação, como por exemplo, as literaturas de fronteiras, em especial as literaturas produzidas descolonizados que vinculam suas literaturas a história, a cultura e a identidade do seu país. Porém a circulação desse tipo de literatura ainda é considerada, de certa forma, inacessíveis; como é o caso das literaturas produzidas por Agualusa.

Todo o problema da localização dos fenômenos literários, em especial as literaturas africanas, no espaço e no tempo, e os elos entre territórios, identidade reais e imaginários; tornaram-se, recentemente, uma questão de literaturas nacionalistas.

Entre as perspectivas que se podem auxiliar para contextualização da noção de literatura, talvez, a menos problemática, seja a concepção crítica em relação, por exemplo, à concepção romântica, segundo a qual, é a intenção estética do autor e determinar o carácter literário do texto. Segundo a concepção crítica, a mais eficaz e porventura a mais objetiva, é a partir de modelos teóricos que se busca identificar o fenómeno literário com tal.

Esta concepção considera não apenas a recepção como instância privilegiada na caracterização do literário como condiciona o estudo da literatura cujos efeitos se prendem com o modo como a língua pode ser usada para explorar e expressar realidades diferentes, ara além dos comunicativos e/ou sociais.

Pretendo me colocar, em seguida, em uma posição contrária a essas tendências, apresentando outras possibilidades de uso da literatura como fonte para o ensino.

Afinal, de que se tratam as teorias e literaturas pós-coloniais?

Apesar de parecer simples, a pergunta no título envolve respostas mais complexas, já que há discordâncias em relação aos temas desse objeto de estudo. Buscaremos uma possível resposta em determinadas propostas apresentadas por alguns autores e na própria história desses estudos.

Existem diversas definições e acepções do termo/conceito pós-colonial ou pós-colonialismo. A própria palavra em língua inglesa é bastante controversa, como acontece com a nomenclatura pós-moderna.

Antes de discorrermos sobre a literatura africana, faz-se necessário definirmos o que vem a ser o *termo pós-colonial* de uma maneira geral. A denominação é muito mais complexa do que simplesmente o teor semântico de definição daquilo que se estabelece após um período colonial. Obviamente, esse é o sentido básico da nomenclatura, mas o que parece simples adquire tons mais complexos à medida que exploramos esse campo de estudo. Como já mencionado, pós-colonial é um termo bastante controverso, que aparece primeiramente nas discussões teóricas sobre a literatura das antigas colônias africanas após a descolonização.

A experiência da colonização e o desafio do mundo pós-colonial produziram uma explosão de novas escritas principalmente para os povos de língua portuguesa. Essas práticas literárias específicas estabeleceram uma escrita pós-colonial diversa e com bastante vigor em culturas de diversos países. Apesar do nosso principal foco de pesquisar ser a literatura africana, especificamente a literatura angolana, não podemos deixar de citar a grande expressão das literaturas pós-coloniais produzidas por países da

Ásia, Oceania, Malta, Canadá entre outros, que passaram a ser consideradas literaturas pós-coloniais.

Isso nos leva à seguinte pergunta: Existe uma única literatura pós-colonial com as mesmas características, independentemente de onde se localize a ex-colônia, ou existem diversas literaturas pós-coloniais, cada uma com características específicas de sua religião? Pela variedade cultural e regional, talvez fosse mais acertado falarmos de literaturas no plural, uma vez que esses países apresentaram suas próprias especificidades históricas, culturais e linguísticas.

Embora o termo *pós-colonial* referindo-se a literaturas de países tão distintos em suas geografias, economias, histórias e cultura tenha encontrado alguma resistência; esse termo parece ter se consolidado como uma denominação para a produção literária desses países, que teriam como ponto comum, apesar das diferenças intrínsecas a cada país, movimentos de resistência ao programa e mentalidades coloniais. Apesar de suas características regionais distintas e específicas, cada uma das literaturas de países pós-coloniais tem em comum a afirmação da aversão ao poder imperial, enfatizando suas diferenças em relação à arrogância do império central.

Outra coisa a ser esclarecida, é que o pós-colonial não se refere apenas ao depois da colonização, uma vez que os valores coloniais persistem incrustados nas mentes e não define uma nova era histórica radical, nem anuncia um tempo novo de curas dos males coloniais. O pós-colonialismo reconhece tanto a continuidade quanto a mudança histórica. Mesmo com as mudanças políticas após o período de descolonização, as realidades e modos discursivos de representação do período colonial ainda continuam presentes entre nós.

O colonialismo afetou os modos de representação, e a língua se encarregou de difundir pressuposições acerca de conceitos como cultura, verdade, realidade, universal, civilizado, selvagem, primitivo. Esses conceitos e esquemas de valores não desaparecem rapidamente e ainda continuam disseminados em algumas esferas.

Escritas e temporalidades: Estratégias dos estudos pós-coloniais

Na Inglaterra, entre as décadas d 1970 e 1980, de acordo com Gomes (2007), surge a disciplina *Cultural Studies no Birmingham for Contemporary Studies*, orientada pelas análises culturais de Richard Hoggart e de Raymond Williams. Com a subsequente contribuição de Stuart Hall, afro-jamaicano, a problemática da etnicidade e do colonialismo, do neo e pós-colonialismo foi trazida para a nova disciplina. Heloisa Gomes (2007), nos faz compreender que:

As propostas culturais do Birmingham Centre, confrontadas e enriquecidas, já a partir da década de 1970, com as ideias dos teóricos culturais franceses, como Bourdieu, De Certeau e Foucault, expandiram-se no intercâmbio com contribuições de porte como as de Paul Gilroy, Marshall Berman, Jameson, Cornel West e tantos outros (GOMES, 2007, p.101).

A partir de então, começa a delinear-se uma vertente mais polêmica e politizada dos Estudos Culturais, que também ficaram conhecidas como Estudos Pós-Coloniais, Pós-Colonialismo, e, até mesmo, Estudos Culturais Pós-Colônias, que, segundo a autora Heloisa Gomes (2007), foi institucionalizada como área acadêmica a partir da década de 1980, e que tiveram entre seus precursores e inspiradores nomes como Frantz Fanon e Albert Memmi.

Desde a década da institucionalização dos estudos culturais há um aumento cada vez maior de textos que debatem questões sobre a relação da hegemonia dos discursos ocidentais e as possibilidades das resistências, como também sobre a formação do sujeito colonial e pós-colonial. Assim, a crítica pós-colonialista se constitui como instrumento para a abordagem do imperialismo e suas influências, analisando questões como identidade, representação, tecnicidades e diferenças. Vale ressaltar que essas questões vêm sendo discutidas cada vez mais nas pesquisas sobre o ensino de história. Paralelo vêm a teoria pós-colonial, temos uma estética proveniente de intelectuais advindos de sociedades aferradas pelo processo de colonização que se moveram no intuito de “reescrever” sua história.

Quando falamos em teoria pós-colonial, geralmente falamos também em multi ou pluri culturalismo, hibridismo e resistência. Porque, para descolonizar o pensamento e a cultura de cada país que já foi colônia, é preciso resistir ao passado.

A lei que nos faz conhecer e refletir

A respeito da existência de uma lei que, hoje, frise a obrigatoriedade de um conteúdo pedagógico programático focado no continente africano, o conhecimento do continente ainda merece muito aprofundamento e aguarda efetivação concreta.

A partir do dia 10 de janeiro de 2003, foi acrescentada à LDB o artigo 26A para incluir o conteúdo da Lei 10.639/03 na qual torna obrigatório o ensino da história e da cultura afro-brasileira nas escolas de ensino fundamental e médio no Brasil.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil (BRASIL, 2005, p.22).

Foi a partir das pressões e do trabalho dos movimentos negros no Brasil que o governo passou a debate e consequentemente aprovou a Lei 10.639/03. Foi através dessa obrigatoriedade de inclusão da temática africana nas programações escolares, que houve um aumento significativo nas pesquisas acadêmicas de todo o país.

De acordo com o MEC, o principal objetivo da Lei 10.639/03 é a promoção, a valorização e o reconhecimento da diversidade étnico-racial na educação brasileira em geral, a partir do enfrentamento estratégico de culturas e práticas discriminatórias e racistas que estão institucionalizadas no cotidiano das escolas e nos diversos sistemas de ensino; que excluem crianças, jovens e adultos negros, comprometendo assim a garantia do direito à educação de qualidade para todos os brasileiros.

A introdução dos estudos de história da África, nos meios acadêmicos e escolas brasileira, não representa apenas um acerto de contas com uma malfadada consciência europeia, por conta da exploração do continente africano nos últimos séculos. Acreditamos que a inclusão da temática africana deve ser vista como uma continuidade

das lutas e resistências dos povos Africanos. O reconhecimento da História da África e da História dos afrodescendentes impõe-se como a representação e a “reconstituição” da memória de uma história tão desfigurada e violada, que foi o caso das formações sociais e as culturas africanas. Segundo a historiadora Maria Jorge dos Santos Leite (2016):

É notório o destaque que a história dos negros ganhou a partir da obrigatoriedade do ensino de história e da cultura afro-brasileira prevista pela Lei 10.639/03, ainda que muitas dificuldades se imponham à sua implementação: livros didáticos repletos de visões eurocêntricas e noções pré-concebidas, estereótipos sobre a África e os africanos; falta de formação adequada para os professores e escassez de recursos didáticos. Não obstante, a lei tornou-se eficaz por provocar o debate sobre as questões étnicas em todas as escolas da educação básica (LEITE, 2016, p. 200).

Nos últimos anos, os esquiadores e professores que trabalham com as diversas temáticas africanas ainda se deparam com a difícil tarefa de abordar, de forma atrativa para seus alunos, a História da África. Ao mesmo tempo que a luta contra os clichês e estereótipos preconceituosos estabelecidos e sedimentados por tantos séculos continuam sendo necessários.

Promover o conhecimento do continente africano na ótica de uma metodologia diferenciada, capacitada a apreender a realidade africana sob o prisma das especificidades que lhe são inerentes, Isso implica um conhecimento solidamente vinculado à preocupação em compreender a realidade africana a partir dos próprios pressupostos civilizatórios ou, como seria pertinente a uma abordagem antropológica, pensar o *outro* de modo que deixe de constituir um *objeto* para torna-se sujeito de dado processo social (SERRANO e WALDMAN, 2010, p. 16).

Entender esse conhecimento enquanto contribuição para as discursões a temática de africanidade travadas nos mais diversos níveis da educação, da prática educativa e da sociedade como um todo, conectando-a com as lutas antirracistas, de defesa das especificidades culturais e das políticas de inclusão, todas fundamentais para um conjunto de relações institucionalizadas que, em princípio, tecem o universo da democracia.

Exercitar a compreensão de que tudo o que for trazido à tona integra um horizonte de entendimento no qual o conhecimento do continente africano articula-se com uma compreensão mais aprofundada da realidade nacional, patamar que, consolidado, permitirá que nos situemos com maior propriedade diante do mundo globalizado da atualidade.

Os diversos trabalhos e movimentos que vêm sendo desenvolvidos nos últimos anos partiram da necessidade de reivindicação, para que as pessoas em geral compreendam que os africanos possuem uma cultura autêntica que lhes conferem uma identidade peculiar. Com base nessa singularidade, acredito que o continente africano reinventa a sua relação com o mundo passando assim a se afastar das representações obscuras e depreciativas produzidas pelo olhar dos conquistadores e exploradores europeus ao longo dos séculos.

Sem dúvida, trata-se de uma fase de constituição de uma massa crítica sobre História da África, que começa hoje a conquistar o espaço que de direito lhe pertence no campo da História. Em resumo: a Lei nº 10.639/03 constitui um passo importante para inserir os direitos humanos no cerne dos programas escolares e no sistema educacional como um todo. A partir da homologação dessa lei, está colocado aos profissionais de educação em universidades, escolas das redes públicas e particulares, assim como ao conjunto da sociedade brasileira, preparar-se para o desafio de aplicar essa notável legislação.

Visões possíveis dos conceitos de identidade e nação nas literaturas pós-coloniais para o ensino de História

A intenção da literatura pós-colonial é narrar, por meio da ficção e a partir da ótica dos marginalizados, os eventos dos povos colonizados, criando-se uma estética a partir do excluído. É necessário, entretanto, levarmos em conta não apenas o período da colonização, mas também o de descolonização, tendo em vista que, mesmo após a independência de alguns países, estes ainda continuavam culturalmente colonizadas, essa é a definição das obras produzidas por José Eduardo Agualusa.

Ao trabalharmos os conteúdos dessas narrativas pós-coloniais em sala de aula, é possível girarmos em torno da experiência vivida por povos que tiveram destituídos seus direitos a uma cultura e identidade própria. Ao terem esse direito negado, conscientemente ou inconscientemente, viram-se inseridos em outras realidades culturais e linguísticas, daí sentiram a necessidade de resistir aos valores historicamente construídos pelos colonizadores. Para tanto, criaram uma literatura própria em que emergem os conceitos de identidades e de nação, conforme o grau de desenvolvimento da consciência nacional, e que a cada dia vinha ganhando espaço nos países africanos.

A escrita pós-colonial, portanto, subverte o sistema eurocêntrico de valores, possibilitando a descoberta da história e da sociedade sob a ótica das vozes que foram silenciadas e excluídas. E ao fazer isso, ela revela como foram sendo construídos os conceitos de identidade e de nação. É o discurso do colonizador sendo usado a favor do colonizado, pois:

Entre o signo ocidental e sua significação colonial emerge um mapa da desleitura que interfere na integridade do registro e em sua certeza de boa administração. Ele abre um espaço de interpretação e apropriação indébita que inscreve uma ambivalência nas próprias origens da autoridade colonial de fato, no próprio interior dos documentos da história colonial (BHABHA, 2005, p. 141).

As teorias ocidentais de tempo horizontal, homogêneo e vazio da narrativa da nação tanto impor ao presente da história do povo um passado nacional repetitivo e glorificadamente verdadeiro por meio de formas reificadas do realismo e do estereótipo. No entanto, essas teorias deixam escapar o que Bhabha (2005) denomina de:

[...] zona de instabilidade oculta (expressão de Fanon), onde reside o povo. É a partir dessa instabilidade de significação cultural que a cultura nacional vem a ser articulada como uma dialética de temporalidades diversas – moderna, colonial, pós-colonial, ‘nativa’ – que não pode ser um conhecimento que se estabiliza em sua enunciação: ‘ela é sempre contemporânea ao ato de recitação. É o ato presente que, a cada vez que ocorre, toma posição na temporalidade

efêmera que habita o espaço entre o ‘eu ouvi’ e o ‘você ouvirá’(grifos do autor) (BHABHA, 2005, p. 215).

De modo que o sujeito pós-colonial possui uma visão dupla, capaz de permitir a este o preenchimento das lacunas produzidos na história colonial, a crítica dos valores estabelecidos, a ridicularização dos estereótipos construídos, reescrevendo-se na história.

Segundo Bonnici (1998), a emergência e o desenvolvimento da literatura pós-coloniais dependem de dois fatores importante: o primeiro diz respeito às etapas de conscientização nacional, o segundo refere-se à asserção de serem diferentes da literatura do centro imperial. Quanto ao primeiro fator, o de conscientização nacional, ele pode dividir em três etapas.

Na primeira etapa de conscientização nacional, temos o reconhecimento de textos literários produzidos por representantes do poder colonizador, que dão preferência ao centro em detrimento à periferia. A segunda etapa, ainda conforme Bonnici (1998, p. 12), “envolve textos literários escritos sob supervisão imperial por nativos que receberam sua educação na metrópole e que se sentiam gratificados em escrever na língua do europeu”, obedecendo, assim, aos critérios canônicos ou políticos vigentes. E a terceira, “envolve uma gama de textos, a partir de certo grau de diferenciação até uma total ruptura com os padrões emanados da metrópole” (BONNICI, 1998, p.12).

Todavia, essa diferenciação com total ruptura passavam pela questão da língua e do idioma a ser utilizados pela estética pós-colonial. Fazia-se necessário, portanto, que essas leituras se submetessem à ab-rogação do poder restritivo e á apropriação da linguagem escrita para fins diferentes daqueles para que outrora foram usados.

A ab-rogação é a recusa das categorias da cultura imperial, de sua estética, de seu padrão normativa e de uso correto, bem como de sua exigência de fixar o significado das palavras. É um momento de descolonização do idioma europeu. A ‘apropriação’ é um processo pelo qual o idioma é apropriado e obrigado a carregar o peso da experiência da cultura marginalizada [...]. O autor pós-colonial sempre se encontra numa verdadeira tensão entre os dois pólos da ab-rogação do idioma castiço recebido da metrópole e da apropriação

que submete o idioma castiço a uma versão popular, ao lugar e às circunstâncias históricas (BONNICI, 1998, p.12).

José Eduardo Agualusa transita pela ab-rogação e a apropriação. Se, por um lado, ele não pode fugir às categorias da cultura imperial, por outro, produz a subversão não somente a essas categorias, mas também ao idioma.

Aproximando-se dos conceitos de colonialismo e independência na escrita literária angolana

O colonialismo consiste uma opressão militar, econômica e cultural de um país sobre o outro, como foi a invasão europeia da África, Ásia e América a partir do século XV. Como sabemos, o colonialismo é algo que, há muito tempo faz parte da história da humanidade desde os tempos imemoriais, embora pareça esta direcionado ao movimento expansionistas iniciado pelos europeus no século XV. Para Thomas Bonnici (2005), a colonização capitalista modernidade, diferentemente da colonização antiga:

[...] não exigia apenas tributos, bens e riquezas dos países conquistados, mas reestruturava as economias dos países colonizados de tal modo que o relacionamento entre o colonizador e o colonizado ficou mais complexo e intrincado, envolvendo o intercâmbio de recursos materiais e humanos trocados entre ambos. Consequentemente, essa colonização devastou a cultura, às vezes, milenar, de muitos povos, a qual foi substituída por uma cultura eurocêntrica e cristã (BONNICI, 2005, p. 21).

Esse tipo de colonização atingiu seu ápice no final do século XIX com o Imperialismo, que instituiu como norma a efetiva ocupação das colônias europeias, acarretando uma corrida desenfreada por territórios africanos.

Segundo Edward W. Said (1995), na relação entre narrativa e imperialismo colonial, faz-se necessário que haja um olhar mais acurado por parte da crítica literária, posto que “as histórias estão no cerne daquilo que dizem os exploradores e os

romancistas acerca das regiões estranhas do mundo; elas também se tornam o método usado pelos colonizados para afirmar sua identidade e a existência de uma história própria deles” (SAID, 1995, p.13).

Conceber um olhar mais acurado para essas narrativas, sejam elas históricas ou ficcionais, significa realizar uma releitura em contra ponto, ou seja “ler um texto entendendo o que está envolvido [nele]” (SAID, 1995, p. 104). O autor refere-se à leitura dos “textos canônicos, e talvez também todo o arquivo da cultura europeia e americana pré-moderna” (SAID, 1995, p. 104), com o objetivo de extrair, entender, enfatizar e dar voz ao que está calado, ou marginalmente presente ou ideologicamente representado.

Conforme vimos ao longo da escrita dessa dissertação, a narrativa nas mãos do imperialismo colonial, estrategicamente, transformou-se em arma ideológica, cujo propósito era reconstruir o tempo e o espaço dos povos colonizados, impondo-lhes uma nova ordem e produzindo silêncios. Um exemplo disso foi a literatura colonial. Para Francisco Noa (2002), a literatura colonial é:

[...] toda a escrita que, produzida em situação de colonização, traduz a sobreposição de uma cultura e de uma civilização manifesta no relevo dado à representação das vozes, das visões e das personagens identificadas com um imaginário determinado. Isto é, trata-se de um sistema representacional hierarquizador característico, de modo mais ou menos explícito, pelo predomínio, num espaço alienígena, de uma ordem ética, estética, ideológica e civilizacional, neste caso, vincadamente eurocêntrica (NOA, 2002, p. 21-22).

Por um lado, essa literatura “recria um imaginário e todo um discurso que acaba por traduzir, no essencial, a forma como o Ocidente (*West*) tem processado a sua relação cultural e civilizacional com o Outro (*Rest*), neste caso, o Africano” (NOA, 2002, p.21, grifos do autor); e, por outro lado, ela pode ser considerada responsável “por ter provocado, em determinado momento, uma escrita reactiva que se conhece nas literaturas nacionais que surgiram nos países africanos” (NOA, 2002, p.22).

Segundo Fonseca e Moreira (2007), podemos dizer que o surgimento das literaturas de língua portuguesa na África decorre de dois fatores: um longo processo

histórico de assimilação e outro de conscientização, que teve início nos anos quarenta e cinquenta do século XIX, relacionado com o grau de desenvolvimento cultural nas ex-colônias e com o surgimento de um jornalismo por vezes ativo e polêmico, que destoando do cenário geral, pautava-se numa crítica severa à máquina colonial.

Chabal (apud FONCESA; MOREIRA, 2007, p. 2-3) propõe quatro fases para as literaturas africanas de língua portuguesa: uma de assimilação, outra de resistências, seguindo de uma ruptura e conscientização que se verifica após a independência e a última observável na atualidade. Segundo as autoras Fonseca e Moreira (2007), essa última é uma caracterizada pela:

[...] consolidação do trabalho que se fez em termos literários, momento em que os escritores procuram traçar os novos rumos para o futuro da literatura dentro das coordenadas de cada país, ao mesmo tempo em que lhes compete no corpus literário universal (FONSECA; MOREIRA, 2007, p. 3).

Tendo em vista as literaturas africanas de língua portuguesa, o nosso foco se volta para Angola. A literatura angolana era constituída de contos, lendas, provérbios, fábulas, enigmas, ditados e criações da cultura popular, nos seu primórdios. Era transmitida oralmente, pois a população de Angola não conheciam a forma escrita. O desenvolvimento da escrita literária começou somente no século XIX, sob a influência determinante do colonizador. Na primeira metade do século XIX, há um desenvolvimento da imprensa angolana que traz consigo o nascimento dos periódicos, cujo papel será de grande importância para o desenvolvimento de uma literatura nacional.

Rita Chaves (1999), explica que, em Angola, no final do século XIX e meados do XX, em um projeto de literatura nacional, encontramos uma produção literária que, em paralelo a uma prática jornalística, constitui-se de folhetins, crônicas e poemas. É importante apontarmos, na atividade literária angolana, a publicação, em 1901, *de A voz de Angola clamando no deserto*, trabalho coletivo composto por uma série de textos sobre diversos termos e oito artigos contra-argumentando o artigo *Contra a Lei*, veiculados na *Gazeta de Loanda*, em que um colonialista expõe abertamente toda uma

carga de preconceitos em relação aos angolanos, exigindo, inclusive, que se criassem duas justiças: uma para os brancos e outra para os negros.

Dez anos mais tarde, após esse episódio, em junho de 1911, alguns dos intelectuais que participaram dessa publicação, associadas a outros representantes da parcela da população insatisfeita com as práticas sociais levadas a efeito pelas autoridades portuguesas, tentam organizar um golpe em favor da libertação de Angola. O golpe é descoberto e os envolvidos punidos: pressão para alguns, e morte para outros. Como já falamos diversas vezes ao longo dessa dissertação, mas se faz necessário sempre ressaltarmos: a história oficial tratou de silenciar a proeza desses intelectuais, porém a ficção a resgatou, transformando-os em personagens por meio do escritor José Eduardo Agualusa. Chaves (1999) faz o seguinte relato:

Em *A Conjura*, romance de 1989, eles têm resgatada a sua participação no conjunto dos acontecimentos que definiriam a atmosfera da virada do século em Angola. A via ficcional recupera a atuação e redimensiona o lugar desses intelectuais sobre os quais a atuação e redimensiona o lugar desses intelectuais sobre os quais se conhece tão pouco [...]. O próprio subtítulo da obra indica a direção do gesto do escritor: ‘relato dos infaustos acontecimentos que se deram nesta nossa terra de São Paulo de Luanda no dia 16 de junho de 1911’ (CHAVES, 1999, p. 42).

Na década de 1940, de acordo com Chaves (1999), dois fatos merecem destaque no cenário da literatura angolana: a fundação da Casa dos Estudantes do Império (CEI), em Lisboa, e a eclosão do Movimento dos Novos Intelectuais de Angola (MNIA), em Luanda. O CEI funcionou como uma espécie de espaço para o encontro dos estudantes africanos em Portugal e como palco de discussões sobre a questão colonial e a situação dos países colonizados.

Um antigo desejo de desenvolver um projeto de cultura nacional, que havia motivado outra geração de Angola, era o motor desse movimento que via possibilidade de construir mais do que uma literatura – uma nação. Assim em conformidade com Rita Chaves (1999):

Envolvidos fisicamente no processo de libertação do país, nomes como Agostinho Neto, Antônio Jacinto e Viriato Cruz, entre outros,

ampliam o espaço de sua atuação, inscrevendo-se já como intelectuais e como escritores. Como intelectuais elaboram reflexões onde se podem esboçar programaticamente pontos definidores de um nítido projeto ideológico. Como escritores, assumem a ousadia incorporando os matizes reclamados por um projeto artístico centrado na invenção e na resistência (CHAVES, 1999, p. 44).

De algum modo, Rita Chaves (1999), afirma que o contato com o Brasil traz novos elementos para o projeto de uma literatura nacional em Angola. Entre esses novos elementos, seria fundamental a estabilização da consciência nacional como condição para que a pátria se tornasse uma nação, bem como o reconhecimento da natureza plural da cultura angolana. Com esse intuito, a prosa de ficção em Angola traz para a cena literária um conjunto de elementos capaz de refletir esse caráter múltiplo da cultura angolana.

Por sua flexibilidade os romances produzidos por Agualusa permitem diferentes gêneros em sua composição, desde os literários, tais como novelas, peças de teatro, poemas, até os extraliterários, como gêneros científicos e religiosos. Em princípio, segundo o autor Bakhtin (2010), qualquer gênero pode ser introduzido na estrutura do romance, e de fato é muito difícil encontrar um gênero que não tenha sido alguma vez incluído num romance por algum autor. Entretanto, Bakhtin (2010), faz a seguinte afirmação:

[...] existe um grupo especial de gênero que exercem um papel estrutural muito importante nos romances, e às vezes chegam a determinar a estrutura do conjunto, criando variantes particulares do gênero romanesco. São eles: A confissão, o diário, o relato de viagens, a biografia, *as cartas* e alguns outros gêneros. Todos eles podem não só entrar no romance como seu elemento estrutural básico, mas também determinar a forma do romance como um todo (romance-confissão, romance-diário, romance epistolar etc.). Cada um desses gênero possui suas formas semântico-verbais para assimilar os diferentes aspectos da realidade (BAKHTIN, 2010, p. 124).

Estes gêneros extraliterários adquirem tão grande importância dentro do romance que chegam, conforme Bakhtin (2010, p. 124), “a criar época não só na história do romance, mas também, na da linguagem literária”, como é o caso do

romance histórico *Estação das Chuvas* (2012), escrito por Agualusa. Além de chegar a vivenciar a luta pela independência de seu país, Angola, Agualusa continua a acompanhar o processo de descolonização e busca por uma identidade nacional, embora tenha ido morar em Portugal logo após a liberdade política de sua terra natal.

A percepção da memória, cultura e história sobre uma ótica literária

Produzida em língua portuguesa, a literatura angolana é, sem dúvida, um manancial de questões afeitas ao território tensionado das discussões a cerca da memória, identidades, cultura e história de Angola. A própria questão da língua em que escrevem ou deveriam escrever os escritores angolanos, após tantos anos, volta e meia mobiliza, principalmente, os estudiosos estrangeiros.

Discutindo e avaliando fora do espaço de origem, a produção literária angolana não deixa de refletir o fato de ser criado num clima de convulsão, caracterizado por uma série de fatores que, ao se projetarem sobre o processo produtivo provocam repercussões em seu resultado.

Um dos objetivos que se tornou muito comum, entre os escritores africanos de língua portuguesa, é problematizar em suas ficções as tensões dialéticas que se constituem no campo social dessas realidades economicamente distanciadas dos centros hegemônicos de poder. Vale ressaltar que muitos escritores africanos tem defendido, nos últimos anos, uma política mais eficiente para as relações afro-luso-brasileiras na CPLP, transferindo assim as suas preocupações para além das linhas da ficção. Essa sempre foi uma preocupação do escritor angolano Boaventura Silva Cardoso, que, durante muitos anos, foi Ministro da Cultura de Angola.

Acho que o facto de estarmos unidos pela mesma língua deveria levar-nos a ser ousados. É lamentável reconhecer que entre os nossos países, devido a barreira administrativas, o livro, por exemplo, não circula livremente como seria de desejar. Urge que as trocas culturais entre os nossos países se façam com mais frequência. Aguardamos todos

ansiosamente que a CPLP nesse particular possa exercer a sua influência ao ponto de inventar a actual situação (CARDOSO, 2003).

Como sabemos, as questões que foram apontadas são fundamentais para que o intercâmbio entre esses países possa facilitar os estudos em que estamos todos cotidianamente envolvidos (falo em relação a influencia cultural africana em nosso país), isso tornaria o acesso à literatura africana de língua portuguesa muito mais eficiente, e poderíamos, com mais facilidade, ter acesso aos seus textos e contextos.

A produção do romance *Estação das Chuvas* (2012), concentra-se no centro de um cenário histórico definido por uma sucessão de crises de diversos aspectos. As indagações a respeito da nacionalidade e da identidade angolana, desenvolvendo assim diversas tentativas de respostas sobre a história do país por meio de diversos campos do conhecimento; além disso, ações políticas que Agualusa tenta mostrar, porém, sem minimizar, adiar ou mesmo ocultar a extraordinária dimensão dos fenômenos que envolve a história do seu país. Como por exemplo , os debates em torno da relação entre unidade política e diversidade cultural, entre tradição oral e literária, principalmente entre identidade nacional e acesso à modernidade.

Sem que possa resolver as questões erguidas pelos debates abertos, a literatura, pelas singularidades da atividade literária e pelas características de que ela se revestiu em Angola, pode funcionar como um roteiro para nos ajudar a compreender impasses e sugestões presentes nessa longa trajetória que tem sido o processo de constituição, a qual podemos melhor chamar de identidades angolanas. Nesse caso utilizo do plural para exprimi a convicção de que a nação de identidades parcelares, que é utilizada por alguns estudiosos, no caso angolano é mesmo um conceito que se impõe, como argumenta o antropólogo angolano Ruy Duarte de Carvalho:

Para um país africano a afirmação de uma identidade cultural, estrategicamente indispensável ao exercício do poder, possa obrigatoriamente pela firmação de uma diferença que será, por sua vez, a expressão da convergência de várias diferenças correspondentes a outras tantas identidades culturais parcelares (CARVALHO, 1997, p.8).

Em todo o seu percurso, com maior ou menor intensidade, a literatura produzida por Agualusa procurou enfrentar as relações entre consciência nacional e identidade cultural, entre estado nacional e diferenças culturais, ou seja, aqueles problemas que decorrem da delimitação de uma geografia que, também por ser muito recente, emerge carregada de conflitos de natureza vária. Isso significa que muitos escritores angolanos detiveram-se sobre esses problemas, buscando formas de interpretação desses elementos que apresentam uma indiscutível força no quadro de preocupações que ultrapassam o país, ultrapassam até mesmo o continente africano, para serem encontrados com especificação variada nos quatro cantos do mundo. Indiscutivelmente, com injunções étnicas, ideológicas, memoriais, políticas e culturais, o debate acerca das identidades faz-se e refaz-se no centro da historiografia angolana estimulando frequentemente novos discursos sobre a história dos povos e das pessoas que os constituem.

Ao longo dos trabalhos produzidos por Agualusa, percebemos que o autor angolano releva seu empenho na elaboração de uma literatura que, embora a chamada cultura ocidental, assuma um compromisso de fundo no tratamento de questões que o mesmo ocidente tem dificuldades em perceber. Em meio a tantos problemas, que se renovam e/ou se repetem, um parece se destacar na reivindicação de novos olhares como, a relação entre tradição e a modernidade, desdobrando-se em jogos que se armam entre os espaços internacionalizados e os códigos que regulam a vida das sociedades não completamente envolvidas pelo que já se convencionou reconhecer como globalização. Tem sido esse espaço intervalar a arena em que os angolanos se debatem na construção de uma identidade cultural. E tem sido fundamentalmente essa a preocupação de Agualusa, seja qual for a área de conhecimento escolhido para exercitar a sua reflexão.

No território da literatura, seja na poesia ou na ficção, o escritor também procura exprimir os diversos mundos que, fora dos setores mais ocidentalizados, são, via de regra, excluídos ou abordados segundo paradigmas que vêm aumentando a carga de equívocos que cercam suas existências desde o tempo colonial.

As memórias de Luanda/Angola na escrita de Agualusa

Compreender a realidade em torno das relações entre colonizador e colonizado e os efeitos dessa no mundo contemporâneo, constitui um dos principais objetivos dos estudos pós-coloniais. Uma imensidade de estudos e discursões os quais podem ser utilizados como fontes para diversas pesquisas, inclusive, para possíveis pesquisas na área de ensino de história, vem sendo levantada a respeito dos acontecimentos sociais, políticos e culturais que ocorreram em consequência da colonização europeia.

Sabemos que os estudos pós-coloniais se referem a uma perspectiva teórica e cultural que realiza uma releitura da colonização como parte de um processo global. Como vimos, ao longo desse último capítulo, não é possível falar de uma teoria única pós-colonial, mas sim de uma série de estudos que trazem contribuições com orientações distintas nas mais variadas áreas de conhecimento (estudos culturais, crítica literária, ciências sociais, política, história, filosofia, etc.) e que têm em comum o fato de realizarem fortes críticas às narrativas eurocêntricas como modelo civilizatório universal. Porém podemos afirmar que uma das principais discussões propostas pelos estudos pós-coloniais é a tentativa de compreender a crise de identidades decorrente da ruptura do colonizado com o colonizador, e o conceito de nação que essas novas sociedades passaram a questionar.

Percebemos que ao longo da narrativa do romance, *Estação das Chuvas* (2012), Agualusa se volta contra a narrativa evolucionista eurocêntrica que, por muito tempo, justificou ideologicamente os processos de colonização. Tal concepção evolucionista sustentava que os países da Europa ocidental seriam culturalmente mais evoluídos e portadores de uma ideia de civilização a ser exportada do centro para a periferia.

Quando a intenção é refletir sobre os aspectos que envolvem a concepção de pós-independência, é conveniente levantarmos questionamento como: será que realmente uma nova fase começa para as antigas colônias após a independência. Tal indagação relembra outro “pós”, também bastante controverso, a pós-modernidade. Nesse sentido o pós-independência não se caracteriza apenas como um período histórico datado, define apenas pela saída de um cenário imperialista para as antigas colônias.

Desse modo, a utilização do romance *Estação das Chuvas* (2012), torna-se necessário para entendermos a concepção de identidades de uma comunidade angolana

que só viria a se torna independente no fim dos anos de 1975. As marcas do período de dominação portuguesa ainda estudava perceptíveis, mesmo frente à euforia da soberania, conquistada após anos de conflito na chamada Guerra de Libertação¹².

Uma vez reconhecida a independência, e assim terminada a Guerra de Libertação, um clima de euforia é sentido pelo solo angolano, uma situação sintonizada com a preocupação de promover um projeto histórico nacional, isto é, manifesta-se a necessidade de consolidação do Estado angolano a ser vigorado também pela literatura. Esta, naturalmente, passa a responder aos interesses dos atuais líderes de governo, cargos que passam a serem ocupados por muitos escritores participantes do movimento de libertação de Angola. As publicações, outrora concebidas na clandestinidade, são organizadas no interior de uma atividade coletiva, plural, simbolizada concretamente pela União dos Escritores Angolanos, já referenciada anteriormente, a qual se liga necessariamente a construção de uma identidade nacional.

Mesmo diante das imensas dificuldades que estão presentes no delineamento teórico e metodológico frente às diversas pesquisas sobre a abordagem, representação e fontes a respeito de da histórica local de Luanda, como também de diversas cidades angolanas, torna-se necessário pensar um conjunto de questões que podem se constituem em novos objetos de investigação e, portanto, estimular renovadas construções do conhecimento histórico.

A História Local tem conhecido, nos últimos anos, um progressivo desenvolvimento devido ao interesse da investigação histórica atual, pelo estudo das comunidades locais que se tem traduzido num crescente número d trabalhos acadêmicos, tendo por objeto a análise de realidades locais ou regionais (PROENÇA,1999, p.139).

¹² Vale relembrar que foi um conflito iniciado na década de 1960, prosseguindo até 1974, marcado pela luta armada entre as tropas da metrópole e grupos distintos quem na colônia, fomentavam uma ideologia emancipacionista, enfrentando o poderio lusitano em regiões diversas do solo angolano. Vária ofensivas portuguesas foram manifestadas, entretanto, com a duração da guerra e os altos custos que esta apresentava, a população lusitana demonstrava sua insatisfação com o conflito. Dessa maneira, com o enfraquecimento das suas políticas internas, Portugal concedeu provisoriamente a autonomia da colônia angolana em 8 de setembro de 1974, por meio do acordo de Lusaka.

Vale ressaltar o crescente interesse dos literatos angolanos pela pesquisa da história regional e local, em especial José Eduardo Agualusa, o qual utiliza essas pesquisas nas composições das suas obras.

Conceitos como Literatura Colonial e Pós-Colonial definida também como Literatura Local por alguns teóricos, necessitam de uma organização/estrutura para um melhor entendimento dessas obras literárias. A construção de romances em que abordam uma determinada história têm significado analítico em referência ao sistema do qual foi recortado, porém esse tipo de escrita aborda uma nova perspectiva sobre os fatos históricos.

Uma considerável parcela da historiografia Pós-Colonial apresenta-se com formato ainda tradicional, pois assume e desenvolve um tratamento personalista, memorialístico, e sem interações entre o autor e o leitor do seu trabalho. Na maioria das vezes, a produção historiográfica Pós-Colonial é formada de relatos cronológicos dos fatos com pouca ou nenhuma articulação com o leitor. Já as Literaturas Pós-Coloniais, utilizam-se da leveza da narrativa para inserir o leitor em seus relatos, sejam eles fictícios ou reais.

Nos últimos anos, os Literatos e Historiadores vêm apresentando diversas tentativas de inovação e exploração das possibilidades de construção do conhecimento histórico, que considera aspectos relacionais e processuais de variadas temporalidades e espacialidades, em um movimento imprescindível para as suas pesquisas e fundamentações dos seus trabalhos.

A maioria dos romances de Agualusa traz, como principais cenários, os acontecimentos históricos na cidade de Luanda, Capital de Angola. Os acontecimentos que são abordados pelo romancista sejam eles políticos, econômicos, sociais ou culturais são, na atualidade, muito influenciados pelos fatos que ocorrem a nível global, até pela rapidez das informações e o acesso a elas. Segundo os autores Pedro Antônio Manique e Maria Cândida Proença:

Sob o ponto de vista científico, a história local e regional evita o erro grosseiro de se considerar o nacional como um todo homogêneo, o que, em termos de investigação científica, produz uma percepção

desfocada e distorcida da dinâmica das sociedades (MANIQUE e PROENÇA. 1994, p. 25).

A produção literária africana em geral tem como um dos seus efeitos a renovação da História Local e Regional. Essas produções trazem ainda certa tendência de estimular culturas subnacionais e regionais, talvez por questões de resistência e de enfrentamento cultural, em que ocorre a percepção, para os diferentes sujeitos históricos de que mesmo pensando globalmente as suas ações cotidianas são locais.

O conceito de nação na escrita de *Estação das Chuvas*

Dentre os diversos estudos acerca do pós-colonialismo, é possível afirmar que as discussões apontam dois principais conceitos fundamentais para a compreensão do fenômeno pós-colonial: os conceitos de identidade e nação. Como resultado da influência desse processo, principalmente nos países que sofreram o fenômeno da colonização, a literatura constitui tanto um excelente instrumento de análise de como esse fenômeno se manifesta, quanto um elemento propagador de novos conceitos e ideias.

Segundo Thomas Bonnici (2005), a consciência nacional é um determinante para a manifestação da literatura pós-colonial. Quanto mais elevado o nível dessa consciência, mais aguda a manifestação da literatura pós-colonial. Na sociedade pós-moderna, a literatura encontra-se diretamente relacionada à imprensa. É a partir da “revolução Gutem Berg” (CHARTIER, 1999, p. 07) que a relação entre cultura escrita e impressa passa por um processo de transformação que permite a expansão dessa cultura por fronteiras cada vez mais distantes.

De acordo com Benedic Anderson (2008), o desenvolvimento da imprensa como mercadoria torna possível uma visão horizontal das comunidades por meio da língua. Essa visão desencadeia o processo de construção do conceito de nação e possibilita a conversão do nação em uma comunidade sólida.

Essas línguas impressas lançaram as bases para a consciência nacional de três maneiras diferentes. Em primeiro lugar, e acima de tudo, elas criaram campos unificados de intercâmbio e comunicação abaixo do latim e acima dos vernáculos falados [...] Em segundo lugar, o capitalismo tipográfico conferiu uma nova fixidez à língua, o que, a longo prazo, ajudou a construir aquela imagem de antiguidades tão essencial à ideia subjetiva de não [...] Em terceiro lugar, o capitalismo tipográfico criou línguas oficiais diferentes dos vernáculos administrativos anteriores (ANDERSON, 2008, p. 89 à 81).

É a partir desta relação entre literatura e imprensa que José Eduardo Agualusa tece o conceito de nação em seu romance histórico, *Estação das Chuvas* (2012). Utilizando-se do caráter ambivalente do discurso, o autor recria o conflito de ideias entre colonizador e colonizado por meio, principalmente, do movimento dos intelectuais angolanos do século XX.

O estudo do romance *Estação das Chuvas* (2012), o qual já foi discutida de formas mais diretas no segundo capítulo desta dissertação, também visa verificar como se constrói e fixa o conceito de nação, no romance, a partir dos conflitos pós-independência utilizando como arma o discurso impresso. Para tanto, devemos levar em consideração o caráter ambivalente do discurso e o papel das línguas impressas na construção da identidade nacional.

Segundo Anderson (2008, p. 204), “desde o começo a nação foi concebida na língua e não no sangue”. É a partir da língua que o sujeito “imagina” a nação e constrói o conceito de identidade nacional, sobretudo porque a língua “protege” a identidade do grupo, visto que ela é a condição primordial para que o indivíduo faça parte de uma comunidade.

Toda língua pode ser aprendida, mas esse aprendizado demanda uma parte concreta da vida de pessoa: cada nova conquista é medida pelos dias que vão diminuindo. O que restringe o acesso às outras línguas não é a impermeabilidade delas, e sim a mortalidade do indivíduo (ANDERSON, 2008, p. 207).

Enquanto condição primordial para a identificação do indivíduo como membro da nação, a língua representa, no romance de Agualusa, o elemento fundamental na afirmação da identidade nacional.

Como afirma Hall (2006), tanto as identidades quanto a língua não nascem com o indivíduo, elas se fixam por meio de representações simbólicas. A partir daí, é possível afirmar que o que faz da língua e da identidade um dado natural são as representações simbólicas fixadas, de modo tão profundo no inconsciente, que fazem parecer que nascemos com elas.

A língua é um sistema social e não um sistema individual. Ela preexiste a nós. Não podemos, em qualquer sentido simples, ser seus autores. Falar uma língua não significa apenas expressar nossos pensamentos mais interiores e originais: significa também ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais (HALL, 2006, p. 40).

Ao analisarmos a mediação entre heranças da tradição oral angolana e a necessidade de ruptura e de questionamento da mesma tradição que é realizada ao longo da carreira do romancista angolano José Eduardo Agualusa, percebemos que o autor utiliza a sua escrita como recurso para expressar a negociação cultural entre dois universos com os quais o angolano se relaciona: o africano e o europeu.

É necessário considerar que muitos dos escritores angolanos contemporâneos têm abordado em seus trabalhos questões relacionadas à história oral e as suas linguagens a partir de uma “releitura” da própria cultura perante uma perspectiva da *descontinuidade*, que segundo Rita Chaves (2006), é provocada pela “saída ao exterior”. Em relação à escrita de Agualusa, analisamos a “saída ao exterior” em um espaço geográfico (visto que o romancista angolano se muda com a família de Angola para Portugal quando se inicia a Guerra Civil de Angola, mudando completamente as suas lembranças sobre esse período).

Nesse sentido tem-se a impressão de que os escritores angolanos contemporâneos buscam uma via que possa ser suficientemente ancorada e, ao mesmo tempo, independente da tradição literária de Angola, tornando-se, como já afirmou Laura Padilha (1995, p.72), “casa vez mais conscientizados de que é preciso reafirmar o passado do gozo estético sobre a contextualização, marcados dos textos populares orais”. Ana Mafalda Leite também observou que:

Esta “tradição” das “oralidades”, realizada na matéria da língua, trabalhada, mais ou menos involuntariamente, como corpo oficial e compósito de fragmentos de ritmos e forma, irá regular a sintaxe e a discursividade literária do modo inovador e surpreendente (LEITE, 1998, p.33).

O propósito, defendido por Ana Mafalda Leite, sobre o corpo linguístico que compõe a tradição oral, não de apresentar desafios, uma vez que é preciso relacionar-se de forma dialética com a estrutura cíclica das realidades que sustentam o universo tradicional de Angola, assim como a estruturação do pensamento histórico ocidental.

A historiadora Paula Tavares, afirma sua posição intermediária entre dois movimentos linguísticos da literatura angolana: o de recuperação da tradição a fim de manter viva a oralidade, e o de abertura para modernidade, apontando questões que superam as fronteiras semânticas, sintáticas e lexicais da língua portuguesa:

As vezes há sons que, no universo da língua portuguesa, não encontro ... Há sons que eu penso que são característicos de uma língua banto, que sempre andou a minha volta e na qual eu não penetrei porque não a falo. Talvez por isso sinta tanto a necessidade de inventar palavras que não existem em português.
Sempre observei com gosto a alquimia generosa da língua portuguesa engrossando o cano umbundo, sorrindo com humor quimbundo ou incorporando as palavras de azedar o leite, próprias da língua nyaneka (TAVARES, 1998, p. 13).

Como a historiadora Paula Tavares afirma em sua citação, a língua forjada implode os cânones da língua do colonizador, operando deslocamentos semânticos que muito revelam da negociação entre as duas fronteiras com as quais ela se relaciona: a tradição versus a modernidade.

Uma das preocupações de Agaulusa, que percebemos ao analisar a sua escrita, é o resgate de uma auto – afirmação do sujeito angolano em contraste com a necessidade literária de “construir a nação”. O literato traz, no romance *Estação das Chuvas* (2012), uma linguagem simbólico, um grito daqueles que não poderiam gritar, abordando os registros históricos e poéticos de uma cultura pressionada pelo olhar exterior da história.

Assim como no romance *Estação das Chuvas* (2012), todas as demais obras de Agaulusa nos permitem vislumbrar uma reorganização estrutural dos traços culturais da

Angola contemporânea, questionando alguns dos pontos que provocam no romancista mais espanto, talvez por Agualusa se definir como um “estrangeiro na sua terra”.

Estar estranho ao lar [*unhomed*] não é esta sem-casa [*homeless*]; de modo análogo, não se pode classificar o “estranho” [*unhmely*] de forma simplista dentro da divisão familiar da vida social em esferas privada e pública (BHABHA, 1998, p. 31).

Esse aspecto é particularmente significativo, pois explica a maneira como José Eduardo Agualusa lida com a tradição, às vezes apontando os momentos de rebeldia, outras vezes propondo interpretação poética do ritual tradicional. Mesmo assim, o estranhamento é um elemento constante no seu processo criativo, já que segundo Bhabha (1998):

Embora o “estranho” seja uma condição colonial e pós-colonial paradigmática – ainda que de forma errática – em ficções que negociam os poderes da diferença cultural em uma gama de lugares trans-históricos (BHABHA, 1998, p. 31).

Linguagem literária: a falar que ultrapassa barreiras

A busca por uma identidade objetiva de língua nos levaria certamente à linguística. Ferdinand de Saussure (1857 – 1913), em seu Curso de Linguística Geral (1913), define língua como, primordialmente, um instrumento de comunicação. Para esse autor pioneiro, existe uma arbitrariedade linguística fundamental: o pensamento, considerado anterior à língua, não seria mais que uma massa amorfa, nebulosa, um código no interior do qual teríamos estabelecido uma correspondência entre imagens auditivas e conceitos. A fala, por sua vez, seria utilização ou, em outras palavras, a atualização desse código pelos falantes. No limite, para o linguista, a língua existiria de forma independente dos sujeitos falantes. As assertivas de tantos outros autores do campo da análise linguística, que se esforçaram em destacar a ampla incidência de fatores sociais e históricos na criação, consolidação e desenvolvimento dos códigos

linguísticos, nos levam na direção do enfoque, que assumido pela língua, como uma construção histórica, social e política.

A língua portuguesa pode ser um bom exemplo dos distintos sentidos e usos que um código pode representar, em períodos históricos específicos e em geografias distantes, é definido como sendo uma mesma língua.

Para compreender melhor as produções literárias de Angola, fiz um levantamento das obras literárias produzidas por esses países africanos de língua portuguesa, cujas todas as obras literárias do final do século XX e início do século XXI são escritas em português. Apesar de ser a língua oficial de Angola e, a maioria da população angolana ter o português como primeira língua, alguns dos dialetos africanos originais de Angola permaneceram na cultura do país. Até hoje, existem diversas cidades de Angola em que se utilizam as principais línguas africanas faladas no país antes da colonização portuguesa, que são; primeiramente o umbundo (umbundu), que depois do português é o idioma mais conhecido no país, seguindo de o quimbundo (kimbundu), o quicongo (kikongo), o chókue (côkwe), o ganguela (nganguela) e o cuanhama (*kwanyama*). Além dessas, são faladas dezenas de outras línguas africanas. Alguns livros e sites afirmam haver 20 línguas em Angola. Com isso percebemos com clareza a pluralidade cultural deste país.

Agualusa é atualmente um dos escritores africanos mais atuantes da língua portuguesa, porém, outros autores africanos estão tornando-se cada vez mais conhecidos e atuantes no Brasil e em outros países. Sempre me questionei se haveria alguma literatura angolana publicada em outro idioma que não o português. Esta dúvida foi esclarecida por Agualusa em nossa conversa.

Literaturas africanas em línguas locais não existem. Existem uma experiência ou outra de autores que tentaram fazer, mas não existe uma literatura nessas línguas, infelizmente. Assim, de repente, lembro apenas de um livro, que alias, é um clássico da literatura angolana, o “*Quem me Dera ser Onda*”, que depois de ser escrito em português foi traduzido para uma língua angolana; o umbundo, mas não existe essas produções. Eu tenho defendido isso, acho que o Estado deveria apoiar as edições em línguas nacionais africanas. É bom lembrar que no século XIX, em Luanda, chegou a existir um jornal escrito em umbundo e era muito vulgar, para época, os jornais

locais serem publicados tanto no dialeto umbundo quanto no português (AGUALUSA, 26 de julho de 2017).

Com isso percebemos que esta situação exposta pelo autor é um processo muito semelhante com o nosso país. Tanto Angola quanto o Brasil, passaram por um processo de “esquecimento” das línguas nacionais, pois sabemos que no Brasil também já se escreveram em línguas indígenas e hoje deixamos de trabalhar com esses dialetos para adotarmos a língua oficial dos nossos colonizadores.

Literatura é, portanto, linguagem. Linguagem cujo valor se reconhece, em contraponto com outros tipos de linguagem, por meio dos aspectos estilístico, fonético e estrutural construtores do seu potencial conotativo. O conceito de literatura é, assim, indissociável da expressão verbal.

A natureza da literatura nos ensina a teoria literária e a ficcionalidade. Isto é, a criação de um mundo que não existe, que é inventado. Aristóteles (1999), autor do primeiro estudo sobre a questão Poética (século IV A.C.), considera que a poesia (que hoje também se enquadra como uma produção literária) é superior à história por ser mais filosófica, mais séria, mais universal, enquanto a história é, segundo o filósofo, mais particular, pois “diz as coisas que sucederam” e a poesia “as que poderiam suceder”.

A ficcionalidade pressupõe que o limite da arte literária é a imaginação, o que indicia o afastamento da realidade histórica, do acontecido. Porém, todos nós conhecemos a famosa frase que muitos romances e filmes exibem, no início ou no final, anunciando que qualquer semelhança é mera coincidência, e as obras de Agualusa não são exceções a esta regra. Este procedimento, que institui um jogo muito significativo com o leitor ou o espectador, visa precisamente nos dizer que a arte não pode rasurar a realidade, mesmo não a refletindo – e de fato a literatura não tem que retratar a realidade, mas fazê-la significar. No entanto todos sabemos também que não é por acaso que os escritores literários estão, em qualquer parte do mundo, entre os primeiros a serem vítimas de algum tipo de repressão. Afinal, se literatura é uma arte, ela também é uma fonte para o conhecimento.

Pergunto então: Até que ponto a ficção nos faz compreender o passado? Até que ponto a História é construída por meio da oralidade? Até onde a escrita compromete o

conjunto de ideias e vivências proporcionadas pela narrativa oral? Sem desprezar a importância dos trabalhos desenvolvidos por diversos historiadores, acreditamos que uma literatura de qualidade também é capaz de expressar verdadeiramente as características de um povo e de sua cultura.

Neste terceiro capítulo, realizamos uma reflexão acerca da literatura e sua contribuição para com a historiografia e possíveis pesquisas para o ensino de história, o qual estuda elementos que possam ajudar na compreensão de algumas questões, como por exemplo: o papel da literatura como saber que constrói estratégias de ação narrativa e instaura ordens de sentidos e representações sobre o vivido.

Acredito que a leveza da linguagem não é a redoma intransponível da literatura nem que descrever os acontecimentos do passado/presente sejam de domínio exclusivo da História. Um dos nossos objetivos neste trabalho é pensar o modo de provocação e apropriação da memória que diversos autores literários, assim como Agualusa, lançam quando praticam suas tarefas de ordenamento do tempo e representação do passado, aproximando-se assim ao ofício de um historiador de formação. Também buscamos mostrar, ao longo desse trabalho, o poder que a literatura tem de mobilizar razão e emoção, propor indagação e servir de ferramenta de busca para o alto conhecimento, já que a leitura literária é capaz de nos sensibilizar para essas diferenças. Dessa forma, a leitura é capaz de nos fazer vivenciar outras realidades. A partir dessas vivências, ainda que subjetivas, talvez sejamos capazes de criar novos valores e paradigmas.

Ao longo da produção deste último capítulo, analisamos os processos de construção do enredo literário criado por Agualusa, e, dessa forma, pudemos trabalhar aspectos do conceito de memória, a cultura e as diversas formas de representação do poder presente principalmente no romance de José Eduardo Agualusa.

As representações abordadas nas produções literárias do autor angolano não são simples representações de imagens, verídicas ou enganosas, do mundo colonial e pós-colonial, elas têm uma energia própria que persuade seus leitores ou seus expectores que o real corresponde efetivamente ao que elas dizem e mostram. É a partir da hipótese da realidade de representação, ou, dito de outra forma, da força social das percepções do mundo social, que várias estudos foram desenvolvidos nos últimos anos.

Todas as obras de Agualusa são escritas em períodos posteriores à guerra civil de Angola, porém seus romances fazem parte das chamadas “narrativas de nação”. Tais narrativas trazem para a ficção certo compromisso político-social, pelos quais tenta-se reconstruir na literatura a identidade de Países pós-coloniais. Nessas histórias existem um viés literário que mescla “passado fictício” com a realidade. Antônio Cândido (2006), ao fazer sua análise sobre a teoria literária, nos faz refletir e compreender a função social das literaturas pós-coloniais.

[...] Sugerindo que a função histórico ou social de uma obra depende de sua estrutura literária. E que esta repousa a organização formal de certas representação mentais, condicionadas pela sociedade em que a obra foi escrita. Devido levar em conta, pois, um nível de realidade e um nível de elaboração da realidade; e também a diferença de perspectiva dos contemporâneos da obra, inclusive o próprio autor, e a da posteridade que ela suscita, determinando variações históricas de função numa estrutura que permanece esteticamente invariável. Em face da ordem formal que o autor estabeleceu para sua matéria, as circunstâncias vão propiciando maneiras diferentes de interpretar, que constituem o destino da obra no tempo (CANDIDO, 2006, P. 177).

A partir das ideias citadas acima, é possível refletir sobre a abundância de opções simbólicas que vivemos atualmente. Ao trazermos estas discussões para o campo da história, nos deparamos com problemas significativos para a própria construção do mesmo na contemporaneidade.

Partindo do pressuposto de que a história, como conhecimento, é sempre uma representação do passado, e que toda fonte documental que produz esse conhecimento também é, procuraremos assim apresentar, neste projeto, algumas reflexões acerca das relações estabelecidas entre história e literatura, bem como algumas ponderações teóricas e metodológicas sobre as possibilidades de empregar fontes literárias na pesquisa histórica.

Considerações finais

Ao longo da escrita dessa dissertação, esperamos ter conseguido demonstrar que a literatura tem um grande valor, que confere legitimidade aos estudos literários. O confronto das obras literárias com as nossas realidades enriquece nossa existência.

Os estudos literários também favorecem o espírito crítico. Lembremos que, em uma obra literária as ideias, os valores e a visão de mundo são objeto de uma leitura distanciada por duas razões essenciais. Por um lado, a distância entre o contexto de escrita e os contextos de recepção tem como efeito despragmatizar o conteúdo. Por outro lado, o conceito de literatura, ficção e literária, impede de considerar as obras como discursos de primeiro grau. O sentido expresso é sempre percebido com relativa distância.

O interesse dos estudos literários é solicitar, reforçando-as, nossas capacidades de análise e de reflexão. Que nos inclinemos sobre os sentidos veiculados ou sobre o dispositivo formal que os produz, a leitura literária supõe um trabalho ativo e dinâmico sobre o texto literário.

O valor de um texto, portanto, deve ser buscado naquilo que ele exprime. No entanto, é real o risco de que, com o tempo a percepção do sentido se torne cada vez mais difícil: se a força da obra está em nos pôr em contato com um saber não conceitualizado, ela só pode fazer isso em relação com os hábitos mentais de uma época. É aqui que aparece o papel imprescindível dos estudos literários. Eles têm por finalidade transpor um duplo desafio: identificar conteúdos expressos de maneira indireta ou oblíqua; trazer as informações (estéticas, culturais, históricas e etc...) que permitem devolver a uma metáfora morta o poder de uma metáfora viva.

Acredito que a produção literária de José Eduardo Agualusa compreende o espaço interpretativo do passado ao mesmo tempo em que possibilita uma melhor percepção do presente. Nesses enredos o passado é reconstruído aos olhos daqueles que habitam o presente e, nesse jogo, tanto o passado quanto o agora são modificados. A reminiscência caracteriza-se como um elemento agente do olhar que o indivíduo lança sobre si mesmo e sobre o contexto no qual se insere. A memória se faz, assim, meio pelo qual as representações simbólicas de tal contexto são edificados, de modo que

valores e significados culturais são atribuídos aos eventos vividos e concebidos nesse ambiente. Este é um elemento que, nessas condições, aflora na narrativa de *Estação das Chuvas* (2012) como uma forma de reinterpretar a atividade memorial, o que é realizado por meio da revisão de um passado ficcionalizado ante aos sujeitos que reclamam uma história condizente com os seus desejos de posse.

Agualusa busca, em suas obras, problematizar o passado colonial e suas consequências que uniu as três localidades pelas quais sua identidade transita – Portugal, Angola e Brasil – com base em uma perspectiva contemporânea pós-colonial.

Como sujeito pós-colonial, o autor se vê impelido a utilizar o idioma do colonizador, a língua portuguesa, para construir sua escrita. Entretanto, o idioma não mais é o mesmo nem seus significados se mostram imutáveis. Com a apropriação do idioma castiço pelo sujeito pós-colonial, a língua é subvertida, adquirindo novas conotações e usos, atrelados agora à experiência histórica dos colonizados.

Do passado, a escritura literária angolana não se afasta, nem mesmo quando os lampejos da utopia descrita ao longo do romance *Estação das Chuvas* (2012), passam a ser atravessados pelo desengano de uma longa guerra civil e pelas consequências de um sistema socioeconômico que “respira” de acordo com os pulsões da rede capitalista, a qual vem tornando assombrosas as desigualdades sociais já existentes. O otimismo de outrora dá lugar ao silêncio diante de uma vivência contemporânea na qual o país sonhado ainda não se realizou.

Desse ponto de vista, abstrai-se o autor José Eduardo Agualusa que, inserido em um presente conturbado, desloca as concepções sobre uma identidade nacional, ou mesmo sobre o anseio por tal discurso no solo angolano, para conceder essa identidade como uma construção. Isto é, desconstrói-se a pretensa natureza fixa atribuída à questão identitária para percebê-la em movimento, agenciada pelos culturais realizados, convertendo o literato Agualusa a um ‘entre - lugar’ de escrita nos caminhos da língua portuguesa.

O gênero literário escolhido pelo romancista angolano para interpelar a história do seu país é o romance, porém, este consegue englobar vários gêneros textuais, propiciando possibilidades infinitas para que o sujeito pós-colonial narre sua experiência histórica, sua cultura e sua sociedade. No cerne da estrutura do romance, o

gênero epistolar desponta como necessário por diversos motivos, um deles é o resgate do passado angolano por meio de documentos negligenciados pelas narrativas da história portuguesa.

Os diversos debates que ao longo da nossa escrita foi apresentado, em forma de olhares lançados sob o romance *Estação das Chuvas* (2012), de Agualusa dão voz aos silenciados, nos levando a refletir sobre alguns pontos importantes que vieram à tona, principalmente, pelos Estudos Culturais. Muitos foram os estudos empreendidos para se ressignificar os discursos que estão longe do “centro”, do outro lado da margem.

Foi através das releituras, reescritas e estratégias das teorias pós-coloniais é que percebemos a literatura ecoando as vozes silenciadas daqueles que pedem para ser levados em consideração, para serem vistos de fato e de direito; que não estão “meramente aqui-e-agora, selados na coisitude” (BHABHA, 2005, p. 20), mas para que se abram “espaços” afim de que identidades sejam construídas, na ambição por poder e dominação no decorrer dos tempos, sejam desveladas.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado*. Bauru: Edusc, 2007.

ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (orgs). *Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologias*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *O Trato dos Viventes: Formação do Brasil no Atlântico Sul, século XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

AGUALUSA, José Eduardo. *O Ano em que Zumbi tomou o Rio*. Rio de Janeiro: Gryphos, 2002.

_____. *As Mulheres do meu Pai*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007.

_____. *Barroco Tropical*. São Paulo: Cia e Letras, 2009.

_____. *A Conjura*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2009.

_____. *Milagrário Pessoal*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2010.

_____. *O Vendedor de Passados*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2011.

_____. *Estação das Chuvas*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2012.

_____. *Teoria Geral do Esquecimento*. Portugal: Dom Quixote, 2012.

_____. *A Sociedade dos Sonhadores Involuntários*. São Paulo: Planeta, 2017.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexos sobre a origem e difusão do nacionalismo*. Tradução de Denise Botmam. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARISTÓTELES. *Poético*. Tradução de Eudóro de Sousa. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda. 1990.

BANN, Stephen. *As invenções da História, Ensaios sobre a representação do passado*. São Paulo: UNESP, 1994.

BENJAMIN, W. *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. *Passagens*. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

_____. *Experiência e pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre leituras e historia da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

BAKHTIN, Mikhail. O discurso no romance. In: *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Tradução: Aurora Fononi Bernardini. São Paulo: Hucitec, 2010.

BITTENCOURT, Marcelo. *Dos Jornais às armas: trajetórias da contestação angolana*. Lisboa: Veja, 1999.

_____. *“Estamos Juntos”: O MPLA e a luta anticolonial (1961 – 1974)*. Luanda: Kilombelombe, 2008.

BLOCH, Marc. *Apologia da história ou ofício do historiador*. Rio de Janeiro. Zuhar, 2001.

BURKE, Peter (Org). *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

BODEI, Remo. *A História tem um Sentido?* São Paulo: Edusc, 2001.

_____. *Livro da Memória e da Esperança*. São Paulo: Edusc, 2004.

BONA, Aldo Nelson. *História, verdade e ética: Poul Ricoeur e a epistemologia da história*. Guarapuava: Unicentro, 2012.

BONNICI, Thomas. *Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais*. Vol. 19, n. 1, p. 7-23. Bauru: Mimesis, 1998.

_____. *Conceito: chave da teoria pós-colonial*. Coleção Fundamentum. n. 12. Maringá: Eduem, 2005.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BRASIL. Lei 10.639, de 09 de janeiro de 2003. D.O.U de 10/01/03.

_____. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília: Senado Federal, 2005.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Cidades e cidadãos imaginados pelos meios de comunicação*. Revista Opinião Pública, Campinas, vol. VIII, no. 1, 2002, pp. 40 -53.

CERTEAU, Michel. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitário, 2002.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CARVALHO, Ruy Duarte de. *A câmera, a escrita e a coisa dita*. Luanda: Inald, 1997.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universidade, 2002.

_____. *A Invenção do Cotidiano: Arte de Fazer*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

CATROGA, Fernando. “Memória e História”. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Fronteira do Milênio*. Rio Grande do Sul. Editora Universidade/UFRGS, 2001.

CHANAIWA, David. *A África Austral*. In: MAZRUI, Ali A. (Org.). *História Geral da África*, VIII: África desde 1935. Brasília: UNESCO, 2010.

CHARTIER, Roger. *O Mundo Como Representação*. Estudos Avançados. São Paulo, Número 11, v. 5, 1991.

_____. *A aventura do leitor ao navegador*. Tradução de Reginaldo Carmelo Corrêa de Moras. São Paulo: Editora UNIESP, 1999.

_____. *Práticas de Leitura*. Brasília: Estação Liberdade, 1996.

_____. *Forma e Sentido, cultura Escrita: entre distinção e apropriação*. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

_____. *A História Cultural: entre praticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. 2 ed., DIFEL, 2002.

CHAVES, Rita. *Angola e Moçambique: Experiência colonial e territorial literárias*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

_____. *A Formação do Romance Angolano: Entre intenções e gestos*. São Paulo: Coleção Via Atlântica, 1999.

CLARO, Regina. *Olhar a África: fontes visuais para sala de aula*. 1. ed. São Paulo: Hedra Educação, 2012.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

DARNTON, Robert. *Os best-sellers proibidos da França Revolucionária*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

DAVIDSON, Brasil. *Os africanos: uma introdução à sua história cultural*. Ed. UFRGS. Rio Grande do Sul. 1969.

Entrevista realizada com José Eduardo Agualusa Alves da Cunha. Horário:14h20 às 14h52 do dia 26/07/2017 em Paraty – RJ.

FERREIRA, Marieta. (coords.). *Usos e abusos de história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1994.

FONSECA, Maria Nazareth Soares; MOREIRA, Teresinha Taborda. *Panorama das literaturas africanas de língua portuguesa*. Caderno CESPUC de Pesquisa, série Ensaio, V. 16, p.13-69, Belo Horizonte, set. 2007. Disponível em:

<http://www.ich.pucminas.br/posletras/Nazareth_panorama.pdf>. Acesso em: 21 mai. 2017.

FRANCHINI, A. S.; SEFANFREDO, Carmen. *As melhores histórias de mitologia africana*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2008.

GOMES, Heloisa Toller. *Quando os outros somos nós: o lugar da crítica pós-colonial na universidade brasileira*. Vol 29, n.2. Rio de Janeiro: 2007, p. 99-105.

GUIMARAES NETO, Regina Beatriz. *Memória, relatos e praticas de espaço: cidades em áreas de ocupação recente na Amazônia, Mato Grosso, 1970 – 2000*. História Oral, v.9, n.1, p.49-68, jan-jun. 2006, Disponível em: <[http://www.revista.historiaoral.org.br/index.php?jokrnal=rh&page=article&op=view&path\[\]=189&path\[\]=193](http://www.revista.historiaoral.org.br/index.php?jokrnal=rh&page=article&op=view&path[]=189&path[]=193)>. Acesso em: 18 jan. 2018.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. *Da Diáspora: Identidade e mediações culturais*. Belo Horizontes: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HAGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Filosofia da História*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

HAMPATÊ-BÂ, Amadou. *A tradição viva*. In: KI-ZERBO, Joseph (Org.). *História Geral da África, I: metodologia e pré-história da África*. 2. ed. Brasília: Unesco, 2010.

HERNANDEZ, Leila Leite. *A África na sala de aula: visita à história contemporânea*. São Paulo: Editora Ver, 2008.

JENKINS, Keith. *A História Repensada*. São Paulo: Contexto, 2001.

JUNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. *História: a arte de inventar o passado*. Bauru: Edusc, 2007.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora PUC – Rio, 2006.

LARANJEIRA, Pires. *Literatura Calibanesca*. Edições Afrontamento. Porto, 1985

_____. *De Letra em Riste: Identidade, autonomia e outras questões nas literaturas de Angola, Cabo Verde, Moçambique e S. Tomé e Príncipe*. Edições Afrodescendentes, 1992.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2003.

LEITE, Maria Jorge dos Santos. *Movimento Social Quilombola: processos educativos*. 1. ed. Curitiba: Appris, 2016.

LIMA, Luiz Costa. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LOBO Tânia; OLIVEIRA, Klebson (Org). *África à vista*. Salvador: EDUFBA, 2009.

MANIQUE, Pedro Antônio e PROENÇA, Maria Cândido. *Didática da História: patrimônio e história local*. Lisboa: Texto. 1994.

MARGARIDO, Alfredo. *Estudos sobre literatura das nações africanas de língua portuguesa*. Lisboa, A Regra do Jogo, 1980.

MATTOS, Marcelo Badaró. E. P. *Thompson e a tradição de crítica ativa do materialismo histórico*. Rio de Janeiro. UFRJ, 2012.

MENEZES, Solival. *Mamma Angola: Sociedade e Economia de um País Nascente*. São Paulo, Editora Universidade de São Paulo, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. “Da utilidade e desvantagem da história para a vida”. In:

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Os Pensadores*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1991.

NOA, Francisco. *Império, mito e miopia: Moçambique como invenção literária*. Coleção Estudos Africanos. Lisboa: Caminho, 2002.

PASSAVENTO, Sandra Jatahy. *História e Literatura: uma velha – nova história*. Revista Nuevo Mundo, Mundo Nuevos. 28 jan. 2006. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/nuevomundo/1560>> Acesso em: 21 fev. 2017.

PORTELLI, Alessandro. Sempre existe uma barreira – a arte multifocal da história oral. In: *Ensaio de História oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PRATT, Mary Louise. *Literatura e História: Perspectivas e Convergência*. São Paulo: Edusc, 1999.

PROST, Antoine. *Doze lições sobre história*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

PROENÇA, Maria Cândida. *Ensinar/Aprender História: questões de didáticas aplicadas*. Coimbra: Livros Horizontes, 1999.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. Tomos I, II, III, São Paulo: Papyrus Editora, 1997.

ROCHA, João Cezar de Castro (Org). *Roger Chartier - a força das representações: história e Ficção*. Chapecó: Argos, 2011.

RODRIGUES, José Honório. *Brasil e África: Outro horizonte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta. (Coords.). *Usos e abusos de história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

RYDENFELT, Sven. *Crise nas Economias Socialistas*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1987.

SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. Tradução do inglês por Denise Bottman. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

SALGADO, Maria Teresa. SIPÚLVEDA, Maria do Carmo. Org. *África e Brasil: Letras em Laços*. São Caitano do Sul: Yendis, 2006.

SANTOS, Arnaldo. *Kinaxixe e outras prosas*. São Paulo: Editora Ática, 1981.

SCHMIDT, Siegfried J. Sobre a escrita das Histórias da literatura. In. OLINTO, Heidrum Krieger. *Histórias da Literatura: as novas teorias alemãs*. São Paulo: Ática, 1996.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora, BARCA Isabel, MATINS Estevão de Rezende. *Jörn Rüsen e o ensino de história*. Curitiba: UFPR, 2010.

SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI: no loop da montanha russa*. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

_____. *Mcluhan assombra ao Rei*. Folha de São Paulo, 23 fev. 1997. Caderno Mais! Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs230210.htm>> Acesso em: 2 mar. 2017.

SILVA, Marcos A. da. *História: o prazer em ensinar e pesquisar*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

STONE, Lawrence. *O Ressurgimento da Narrativa: reflexões sobre uma nova velha história*. Tradução do texto original publicado em *Pastand Present*, no. 85. Nov, 1979, pp. 3-24.

TEDESCO, João Carlos. *Nos Cenários da Memória: temporalidades, experiência e narração*. Passo Fundo: UPF; Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica do pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro. Zehar Editores. 1981.

WHEELER, Douglas L.; PELISSIER, Rene. *História de Angola*. Lisboa: Tinta da China Edições, 2011.

Anexo

Anexo. A

Entrevista – José Eduardo Agualusa Alves da Cunha

14h20 às 14h52 do dia 26/07/2017 em Paraty - RJ

REJANE – De alguma forma o senhor foi influenciado por sua família na carreira literária?

AGUALUSA – Não, não, não. De maneira nenhuma. Nem a favor nem contra. Quer dizer, acho que meus pais sempre aceitaram as nossas decisões e nossas escolhas, mas a minha mãe era professora de português, então, naturalmente, sempre tive em casa uma boa biblioteca e minha mãe me deu indicações de leitura, mas não mais do que isso.

REJANE – Há outro familiar seu que seja escritor ou trabalhe com literaturas?

AGUALUSA – Não. Acredito que não.

REJANE – O senhor estudou Agronomia e Silvicultura em Lisboa e atualmente tem como ocupação o trabalho de jornalista, escritor e editor?

AGUALUSA – Não, eu não sou editor. Eu ajudei a fundar uma editora aqui no Brasil, mas nunca fui formalmente sócio e, portanto, não posso dizer que sou editor nem nada ligado a edição. E sobre a função de jornalista, atualmente não posso dizer que sou jornalista, pois não exerço o jornalismo, mas foi muito importante para mim o jornalismo.

REJANE – Qual a sua formação acadêmica? O senhor chegou a concluir o curso de Agronomia?

AGUALUSA- Não, não. Eu não cheguei a concluir o curso de Agronomia, acho que hoje como mudou, antigamente este era um curso de cinco anos e agora passou a ser três anos pelo acordo de Bolonha, então provavelmente eu já teria uma licenciatura, mas não cheguei a concluir nenhum curso.

REJANE – O tema do choque cultural é central em grande número de escritores africanos de Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe.

O universo dos personagens africanos choca-se com o dos brancos, e as suas produções também abordam esse “choque cultural”?

AGUALUSA – Esse questionamento tem uma razão de ser, creio. O que acontece é que, quem faz literatura, quem escreve num país como Angola, escreve basicamente em português. Em primeiro lugar as pessoas de língua materna portuguesa são favorecidas. Forçar alguém de outra língua a escrever em português é complicado, não quer dizer que não resulte, há escritores que conseguem fazer essa transição, mas é mais difícil.

REJANE – O senhor é, atualmente, um dos escritores africanos mais atuantes da língua portuguesa. Sempre me questionei se haveria alguma literatura angolana publicada em outro idioma que não o português.

AGUALUSA – Literaturas africanas em línguas locais não existem. Existem uma experiência ou outra de autores que tentaram fazer, mas não existe uma literatura nessas línguas, infelizmente. Assim, de repente, lembro apenas de um livro, que aliás é um clássico da literatura angolana, o “*Quem me Dera ser Onda*”, que depois de ser escrito em português foi traduzido para uma língua angolana; o umbundo, mas não existe essas produções. Eu tenho defendido isso, acho que o Estado deveria apoiar as edições em línguas nacionais africanas. É bom lembrar que no século XIX, em Luanda, chegou a existir um jornal escrito em umbundo e era muito vulgar, para época, os jornais locais serem publicados tanto no dialeto umbundo quanto no português.

REJANE – De acordo com alguns dos seus romances, que eu tive a oportunidade de ler, com exceção do romance “O Vendedor de Passador”, suas obras abordam o cenário histórico de Angola, esse sempre foi o seu estilo literário. Como é realizado o processo criativo desses romances? O senhor tem a colaboração de algum historiador para realizar as pesquisas?

AGUALUSA- Não, não, não. Eu comecei a escrever romance histórico depois de ter lido uma série de jornais angolanos do século XIX e fiquei completamente fascinado porque eles traçavam um retrato muito preciso de Luanda naquela época e o que eu sentia é que já estava ali tudo, inclusive a linguagem, que é o mais difícil de se encontrar, o tom e os personagens, faltava apenas criar um enredo. Então este primeiro

romance, “A Conjura”, surgiu sobre o impacto da leitura desses jornais e foi relativamente fácil de fazer porque tinha ali tudo né, e por isso não foi muito difícil. Depois escreve a segui a “Nação Crioula” com um pouco do mesmo material que havia encontrado, sobretudo os jornais angolanos do século XIX. E quando estava fazendo a “Nação Crioula” eu vim ao Brasil, nessa altura, e fiz pesquisa em Pernambuco (Recife e Olinda) e no Rio de Janeiro consultei jornais brasileiros do século XIX, que também me ajudaram muito, e então...

REJANE – As suas pesquisas são independentes.

AGUALUSA – Sim, sim. Minhas pesquisas são, sobre tudo, retiradas de jornais.

REJANE – Em alguns dos seus romances, os personagens principais estão ligados de forma direta ou indireta ao ofício do historiador. Qual a sua visão sobre o ofício do historiador?

AGUALUSA – Eu acho que a história é fundamental para conhecer o presente, quer dizer, o fato de só conseguirmos explicar o presente através do passado e para mim foi muito assim, quer dizer eu fui tentar escrever um romance histórico para compreender o presente, não foi para compreender o passado, por que esse passado me dá um conhecimento das forças sociais e das formas como as dinâmicas do século XVII, XVIII e XIX influenciaram as dinâmicas sociais no século XX e XXI. Quer dizer, o que me interessa no passado é aquilo que me permite compreender o meu presente. Mas não, não, eu nunca tive a intenção de debater o ofício do historiador, na verdade acho que esses personagens estavam aliados a esta formação, um pouco que... [breve silêncio] por coincidência, mas realmente não era a minha intenção essa comparação (risos).

REJANE – O senhor tem conhecimento dos trabalhos acadêmicos que estão sendo desenvolvidos a partir das suas obras publicadas no Brasil, nos últimos anos?

AGUALUSA – Não, não.

REJANE – Estas pesquisas vem crescendo no Brasil, principalmente a partir de 2012, que também foi o ano em que o senhor saiu do Brasil.

AGUALUSA – Ok, certo.

REANE – Recentemente foi publicado um livro de Ana Cristina Pinto Bezerra, que tem como título “O Trançado da Memória em O Vendedor de Passados de Agualusa”. O que o senhor acha dessas pesquisas que estão sendo realizadas?

AGUALUSA – É um pouco assustador isso (risos). Uma amiga minha que é uma pesquisadora na área de literatura africana há pouco tempo me disse que estava pensando em fazer isso em Lisboa com outros pesquisadores. Para mim é um pouco assustador, confesso.

REJANE – Como as suas obras são vistas pela sociedade angolana, já que o senhor traz à tona esse passado?

AGUALUSA – Infelizmente, em Angola, os livros chegam a poucas pessoas, portanto eu só posso falar que as pessoas que leem meus livros são poucas e crítica literária também quase não existe. Então tirando as conversas que tenho com essas pessoas, não tenho muito retorno, porque não há crítica literária e são poucos romances publicados por lá, então o retorno que tenho em relação ao meu trabalho acaba que sendo a partir das conversas que tenho com algumas pessoas, bem como nas redes sociais das pessoas que entram em contato comigo e etc, etc. Mas eu acho que os meus livros tiveram um impacto, sobre tudo, entre a juventude. Eu me lembrei de alguns jovens que foram presos e depois eles mesmos me procuraram para dizer que na cadeia eles liam os meus livros e chegaram a me mandar fotografia deles nas celas com os livros. Então, acho que nesta juventude os meus livros tiveram algum impacto, sobre o resto eu não sei muito bem.

REJANE – Alguns críticos literários afirmam que os seus romances têm o poder de nos fazer digerir o passado. Essa sempre foi a sua intenção?

AGUALUSA- Sim, intenção de criar debates sim, sem dúvida, a intenção de dar a conhecer aspectos do nosso passado, como eu falei que explicam o presente que grande parte da sociedade desconhecia, entretanto, também é preciso dizer que desde que eu escrevi “A Conjura” muita coisa mudou em Angola e nas ciências sociais. Desde então foram publicados muitos livros sobre a história angolana e muito material que tem a ver com o século XIX e com a sociedade crioula, então se hoje eu fosse escrever esse livro seria de um lado muito mais facial, pois teria muito material para escrever. Então mesmo sobre o passado recente, no caso de “Estação das Chuvas” que aborda a

discursão política de Angola após a independência de 1975, de então para cá também surgiram muitos livros e testemunho de pessoas que tiveram envolvimento direto neste processo, portanto nesse sentido muita coisa aconteceu em Angola, para melhor porque nas ciências sociais cresceram bastante os debates.

REJANE – A partir das pesquisas que fiz, constatei que a produção literária de Angola teve um aumento significativo após a independência do país. Alguns críticos afirmam que o senhor é o precursor dessa nova literatura angolana, pois o senhor traz a memória desta sociedade que até então não era usada. O senhor tinha noção na época que estava “criando” um novo estilo literário quando escreveu “A Conjura”?

AGUALUSA – Não, não creio, não creio. De resto o livro tem até um personagem que remete a outro personagem de Pepetela, porque Pepetela já vinha trabalhando a história também. Pepetela já tinha feito isso.

REJANE – Eu acredito que seja a linguagem que o senhor utiliza em suas obras.

AGUALUSA – Ah! Pode ser.

REJANE – Recentemente publiquei um artigo que dei o título de “O historiador Agualusa e os outros”.

AGUALUSA – Ui! (risos) Nem posso imaginar.

REJANE – Discuti neste artigo o romance “A Conjura”, na ocasião, ressalttei que o senhor trazia em sua obra a história de Angola, mas aliava esse debate à leveza da narrativa literária. No Brasil foi lançado em 2015 o livro de Sidney Chalhoub “Machado de Assis o historiador”.

AGUALUSA – Uau!

REJANE – Nesta obra o autor abordar que Machado de Assis tinha a intenção de registrar em suas obras as verdadeiras histórias que ele vivenciava, e que não era discutida na época. No romance “Estação das Chuvas”, o senhor tinha essa intenção? Em algum momento o senhor pensou que poderia ser comparado a um historiador ou que as pessoas poderiam ver os seus romances como uma fonte para o conhecimento da história de Angola?

AGUALUSA – Não, não, não. Deus me livre, não! (risos) Isso é muita responsabilidade. Não, o que eu pretendi, mais uma vez, foi dar a conhecer, no caso de “Estação das Chuvas”, a história recente de Angola naquela época, hoje não, porque hoje surgiram imensos livros e muita coisa mesmo. Mas naquela altura, quando eu escrevi este livro, havia um silêncio absoluto sobre a história de Angola, aí sim. Esse é o primeiro livro que trata das perseguições as forças políticas de esquerda de Angola depois da independência, até então não havia nada. Além de não haver nada também havia um silêncio absoluto em torno dessa questão, era um tabu em Angola, um tabu completo. Isso mudou completamente nos últimos anos, surgiram muitos livros sobre o tema, fizeram palestras, debates, a imprensa tem publicado relatos e testemunhos e etc. Mudou muito, e hoje se sabe muito mais do que naquela época, mas quando eu escrevi este livro não se sabia mesmo, quer dizer, as pessoas que agiam direto sabiam, sabia-se que tinha morrido muita gente, que muita gente tinha estado presa, mas não se conheciam as história dessas pessoas. Então, sim, a “Estação das Chuvas” foi o primeiro livro a trazer isto.

REJANE – Em 1975 quando se inicia a Guerra Civil de Angola, ela é meio que silenciada, e o seu romance dá voz a este fato histórico de Angola.

AGUALUSA – Sim, sim. A Guerra também não foi tratada ficcionalmente neste romance.

REJANE – O senhor tinha algum motivo especial para a criação de Lília do Carmo Ferreira como historiadora e poetisa? Como surgiu essa personagem?

AGUALUSA – Eu acho que ela tinha quer ser poetisa porque a poesia foi muito importante para a formação do movimento nacionalista, o movimento nacionalista começa por ser um movimento cultural, um movimento literário com vários poetas envolvidos como Augustinho Neto e o Viriato da Cruz, que são grandes nomes da poesia em Angola, mas também grandes nomes do nacionalismo angolano. Então, de fato o nacionalismo angolano moderno e contemporâneo forma-se, nasce, através da poesia, portanto fazia sentido que a Lília fosse poeta.

REJANE – E por que ela era historiadora?

AGUALUSA – Historiador também, no sentido em que o livro aborda a história, e por isso fazia sentido ela também ser historiadora.

REJANE – Como surgiu a personagem Lídia? A uma grade discussão em torno desse romance, porque algumas pessoas acham que a Lídia era real, que essa personagem tenha realmente existido na história de Angola.

AGUALUSA – Sim, sim, há essa confusão. Eu acho que por várias reações ela poderia ser real, começa por aí, não é? E porque o livro incorpora personagens da história de Angola, portanto essa mistura da realidade com a ficção provocou alguma confusão. Ela baseia-se em vários personagens na verdade, de um lado Mário Pinto de Andrade que foi uma pessoa com quem eu privei, um amigo que foi muito importante para minha formação, quero como escritor e quero como pessoa. Na verdade eu escrevi o livro quase que como uma tentativa de continuar o diálogo com o Mário que eu perdi depois da morte dele, não é. Então a Lídia tem muito a ver com a figura do Mário mesmo. No lado da poesia, eu lembro que li, na altura, muitas entrevistas e muito material sobre uma poetisa portuguesa a Sophia de Mello Breyner, então eu acho que ela tem alguma coisa a ver com Sophia, nunca tinha dito isso, mas a Lídia vem também da Sophia.

REJANE – Outro ponto marcante nesta obra são os sonhos de Lídia, que é uma das suas principais características, tratar dos sonhos em suas obras.

AGUALUSA – Não me lembrava disso (risos), mas sempre gostei de tratar disso.

REJANE – O senhor também aborda a questão dos mitos através dos sonhos de Lídia.

AGUALUSA – Isso! O que acontece é que algumas imagens e sonhos podem vir mesmo da tradição oral angolana, dos provérbios, dos contos e etc.

REJANE – Alguns dos seus personagens são ligados de forma direta ou indireta ao ofício de historiador. Eu posso destacar os personagens Jerónimo Caninguili, Lídia do Carmo Ferreira e Felix Ventura. Gostaria de saber por que eles estavam tão ligados a este ofício?

AGUALUSA- Talvez porque a história, como eu disse antes, explica o presente e também porque todos os meus livros discutem questões de identidade, a formação da identidade. E a identidade do meu país não poderia deixar de ser discutida. Que país é este? Com ele nasceu? Tudo isso tem a ver com história, então talvez por isso, porque os livros discutem questões de identidade e isto tem a ver com a história.

REJANE – O Romance *Estação das Chuvas* aborda a Guerra Civil de Angola e tem um recorte temporal de 1975 à 1992. Ele é lançado em 1996, porém a Guerra Civil só termina em 2002. O senhor, juntamente com a sua família, saem de Angola em 1975, quando se inicia a Guerra. Gostaria de saber em que momento o senhor retorna a Angola e quais são suas memórias, lembranças, desse período?

AGUALUSA – Eu retornei para Angola na altura em que publiquei o livro *A Conjura*, já não lembro o ano...

REJANE – Foi em 1989.

AGUALUSA – Exatamente, porque eu voltei ainda era o tempo do Partido Único e as primeiras eleições foram em 1994, eu conheci a minha mulher durante a primeira eleição.

REJANE – A primeira eleição foi em 1992, não?

AGUALUSA – Certo, as eleições foram em 1992, você tem razão.

REJANE – Foi nesse período em que Lúcia desapareceu. Eu sempre esperei a continuação desse romance, a *Estação das Chuvas 2*.

AGUALUSA – Hahahaha (risos), para ela reaparecer? Hahahahahah (risos).

REJANE – É. Sempre tive esperança que alguém encontraria a Lúcia. O senhor não tem curiosidade de saber o que aconteceu com ela?

AGUALUSA- Pode ser, um dia. Às vezes penso que sim, um dia quem sabe. Com todo o material que saiu sobre esse drama de 27 de maio e etc... Eu poderia reescrever o livro, isso sim. Às vezes tenho vontade de reescrever três livros, porque ficou a se saber muito mais nos dias de hoje. Hoje tenho mais material e base de apoio para escrever. Um dos livros é *Estação das Chuvas* e o outro é *Nação Crioula*. Até porque eu escrevi um roteiro para cinemas do livro *Nação Crioula*, e no momento que escrevia o roteiro tive uma série de idéias boas que davam outro livro, muito boas mesmo. *Nação Crioula* realmente é um dos livros que eu gostaria de reescrever, talvez eu faça isso. Também gostaria de reescrever o *Milagrário Pessoal*, por conta da personagem feminina eu gostaria de deixá-la um pouco mais complexa. Mas são três livros que nunca fiz isso, mas há uma grande possibilidade de um dia fazer isso.

REJANE – Quais são as suas memórias sobre os movimentos políticos de Angola? O senhor fazia parte de algum movimento político?

AGUALUSA – Não, diretamente eu não fazia parte dos movimentos políticos, mas tinha amigos envolvidos, então, os meus amigos estavam quase todos na extrema esquerda, em um movimento que acabou sendo dissolvido, que era a OCA - Organização Comunista de Angola. Saiu agora recentemente em Portugal um livro de uma historiadora falando exatamente sobre a destruição dos movimentos políticos da esquerda depois da Independência, eu ainda não li, saiu agora enquanto eu estava aqui. Mas os meus amigos é que participavam.

REJANE – Como foi a elaboração do romance *Estação das Chuvas*? O senhor escreveu esta obra em Angola?

AGUALUSA – Não, eu não escrevo em Angola. Na verdade eu fiz entrevistas com uma série de pessoas, uma série de amigos meus que ficaram presos, então o essencial do livro tem a ver com essas entrevistas, mas naturalmente eu li muito, li os poucos livros, que como eu havia dito não havia muita coisa escrita na altura, mas havia alguns livros de testemunhos, não havia muitos, mas alguns.

REJANE – O senhor chegou a sofrer algum tipo de repreensão em decorrência da guerra, como ser preso ou algo do tipo?

AGUALUSA – Não.

REJANE – Qual foi o motivo para a escolha do título *Estação das Chuvas*?

AGUALUSA – Eu lembro que esse título surgiu a partir de algumas conversas que eu tive com o Eduardo de Carvalho, um grande poeta angolano, e o Eduardo tinha uma tese de que a estação das chuvas, que era formada pelo acúmulo de chuvas com altas temperaturas porque a estação de chuvas em Angola acontece em um tempo muito quente, e esse excesso de calor com chuvas provocava um excesso de energia no ar e as pessoas se tornavam mais violentas e, portanto, os grandes crimes passionais ocorreriam nas estações das chuvas e os grandes crimes políticos também ocorriam nessas épocas porque existe um excesso de energia no ar.

REJANE – Qual foi a sua pretensão ao escrever este romance? *Estação das Chuvas* foi publicado no auge da Guerra Civil de Angola. O senhor temia algum tipo de repreensão por parte do governo angolano ou tinha alguma expectativa?

AGUALUSA – A minha expectativa era que o livro relançasse uma repercussão maior sobre a repressão política em Angola e sobre tudo o que aconteceu em 27 de maio de 1977 e foi exatamente isso que aconteceu.

REJANE – O senhor chegou a ser repreendido de alguma forma?

AGUALUSA – Aí sim, sim claro, eu cheguei a sofrer várias campanhas na imprensa, de todo tipo de campanha que você possa imaginar, todas muito agressivas.

REJANE – De alguma forma essas campanhas chagaram a abalar a sua produção?

AGUALUSA – Não, nunca.

REJANE – Como o senhor já afirmou anteriormente, para compor suas obras o senhor se utiliza de pesquisas em livros, jornais, documentos antigos de Angola e entrevistas com pessoas que vivenciaram esses acontecimentos. Durante o processo de produção dos seus livros o senhor se vê como um historiador ou como um jornalista?

AGUALUSA – Não tenho a pretensão de me comparar com nenhum desses dois trabalhos, mas acho que o meu trabalho nesta altura se pareça mais com o de um jornalista.

REJANE – Este romance é dedicado a Mário de Andrade. A passagem de Mário de Andrade nesta obra é ficcional?

AGUALUSA – Não inteiramente ficcional, não me lembro exatamente que passagem, mas algumas referências a Mário Pinto de Andrade têm a ver com histórias da vida dele que ele me contava.

REJANE – A principal passagem de Mário de Andrade no romance *Estação da Chuva* é quando ele passa a escrever e organizar o livro sobre os poemas negros...

AGUALUSA – Essa foi uma passagem verdadeira, claro.

REJANE – O senhor estava envolvido com essa produção na época?

AGUALUSA – Não, mas mais tarde, um pouco mais tarde, pouco tempo antes da morte do Mário, eu lembro que o Mário estava a trabalhar e a ideia era produzir um livro sobre isso, aí sim eu ajudei o Mário. Na época eu funcionava um pouco como secretário dele, passava as coisas que ele escrevia na máquina (de datilografia) e fazia entrevistas. Lembro de ter entrevistado o Orlando Costa que é o pai do atual Primeiro Ministro Português, que era um senhor originário de Moçambique, ele era um poeta que estava neste caderno da poesia negra. A intenção era entrevistar os antigos poetas, as pessoas que participaram desse caderno que ainda eram vivas na época e fazer um trabalho sobre o caderno. Na altura em que o caderno foi publicado teve uma grande influência no espaço da língua portuguesa de países africanos, mas depois o Mário morreu antes desse trabalho ser concluído e ele acabou se perdendo, eu acho.

REJANE – O Movimento Popular de Libertação de Angola – MPLA, assume o poder no país após a independência e era um movimento da esquerda, mas no romance *Estação das Chuvas* a personagem de Lúcia é totalmente contra as ideias do MPLA, e por consequência ela é exilada de Angola. Gostaria de saber qual a sua visão sobre o MPLA? Visto que esse movimento pregou muito a ideia de liberdade no período de Guerra Civil e após a independência do país o MPLA instaura uma ditadura. O senhor chegou a apoiar esse movimento?

AGUALUSA – Sim, sim. Bem, eu era muito novo na época, quando a independência de Angola aconteceu, tinha apenas 15 anos, então, antes disso eu não tinha participação política, na verdade a participação política que eu tive em Angola foi bem depois da independência e minha participação foi através das pessoas que eu conheço e conhecia na época e etc. Eu acho que o MPLA teve várias fases, onde em uma fase inicial esse movimento era constituído por pessoas que tinham grande integridade moral e eram extremamente idealistas, como era o caso do próprio Mario Pinto de Andrade, do irmão dele Joaquim Pinto de Andrade, do Viriato da Cruz e etc. Depois aconteceu com MPLA o que aconteceu com tantos movimentos de esquerda no mundo, que quando tomaram o poder se transformaram. E já havia muitas pessoas nesse movimento que tinham um viés totalitário, portanto, ao tomarem esse poder total, acho que essa vocação totalitária assentou-se, e o MPLA começa a perseguir os seus próprios militantes, acho que ainda antes da independência, quem sabe?!

REJANE – O livro *Estação das Chuvas* inicia-se retratando uma noite chuvosa no dia 11 de novembro de 1975, dia da libertação de Angola sob o domínio de Portugal...

AGUALUSA – Sim, sim.

REJANE – E nesse momento Lúdia acorda assustada com os fogos e os barulhos das pessoas em festa. Naquele momento Angola estava livre do domínio português, mas Lúdia não se sentia uma pessoa livre. O senhor vivenciou uma pequena parte do período de colonização de Angola e acredito que também tenha vivenciado o processo de “libertação” do seu país. De alguma forma a sensação descrita pela personagem Lúdia era a sua?

AGUALUSA – Sim, sim, nossa, com certeza. Eu acho que... (breve silêncio). Eu era muito novo na época, volto a repetir, eu tinha apenas 15 anos, mas quando Angola obteve a independência a sensação que tive - que eu acho que todos tivemos na época - era de um lado uma grande euforia, porque aquele era um dia histórico de libertação e etc, mas era também um dia de grande inquietação, e já havia essa inquietação e esse medo de que o país caísse em mãos totalitárias.

REJANE – O senhor apesar da pouca idade, no momento da independência de Angola, vivenciou um pouco esses dois lados...

AGUALUSA – Sim, sim.

REJANE – O senhor notou a diferença durante esses dois períodos?

AGUALUSA – Sim, claro. As diferenças são totais e absolutas. Angola se tornou dois países detentos, não é? Porque no período colonial havia uma grande injustiça colonial ativas para todos, não é? Essas injustiças eram praticadas por quem estava no poder, que eram os portugueses ou os representantes de Portugal que viviam em Angola e havia uma sociedade colonial instalada em nosso país e após a independência tudo muda porque esse poder muda de mãos, os angolanos tomam conta do poder do país, e isso muda completamente. Só esse fato já muda tudo, não é? Mas também o próprio sistema político mudou, passamos de um sistema capitalista para um sistema marxista, onde tudo estava nacionalizado e a economia passou a ser totalmente controlada pelos Estados. Então o país mudou da noite para o dia, completamente. Na verdade eu vejo como dois países completamente diferentes.

REJANE – Porque a sua família saiu de Angola para morar Portugal em 1975?

AGUALUSA – Por conta da guerra que se iniciava. Assim como tantas outras famílias saíram.

REJANE – Toda a sua família se mudou para Portugal ou o senhor ainda tem familiares em Angola?

AGUALUSA – Ainda tenho familiares em Angola.

REJANE – É comum a sua volta ao país, o senhor costuma viajar para Angola atualmente?

AGUALUSA – O problema de Angola hoje é questão da democratização, de não haver uma democracia. Eu tenho tido problemas com o regime por me opor a essa situação, então eu não vivo em Angola por isso. Até vou à Angola com alguma frequência, mas agora eu já não vou a Angola há dois anos e meio, mas porque é sempre uma situação muito complicada, eu nunca sei se vou conseguir sair do país depois, se posso ser impedido de sair do país e etc. Enfim, Angola não é uma democracia e essa é a única razão pela qual não tenho retornado a Angola, mas enfim, tenho familiares e tenho filhos em Angola.

REJANE – Gostaria de agradecer pelo seu tempo e também por sua atenção.

AGUALUSA – Quem agradece sou eu. Fiquei muito feliz em saber do seu trabalho, espero que eu tenha ajudado. Eu lhe desejo muita sorte em sua pesquisa.

Anexo . B

Galeria fotográfica



Lançamento do livro *A Sociedade dos Sonhadores involuntários*, no dia 25 de julho de 2017 em Paraty / RJ





Entrevista com Agualusa realizada no dia 26 de julho de 2017, na Pousada Porto Imperial em Paraty / RJ.

